

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
ESTUDOS DA SUBJETIVIDADE
SUBJETIVIDADE, POLÍTICA E EXCLUSÃO SOCIAL

ADRIANA PENATTI MALUF

**CORPOS EM TRABALHO:
CORPO E SEUS SABERES NA FORMAÇÃO E O CUIDADO NO TRABALHO
EM SAÚDE MENTAL**

ORIENTADORA: KATIA FARIA DE AGUIAR

NITERÓI
2018

Adriana Penatti Maluf

**Corpos em Trabalho:
Saberes do Corpo na Formação e o Cuidado no Trabalho
em Saúde Mental**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal Fluminense, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Psicologia.
Linha de pesquisa: Estudos da Subjetividade
Eixo: Subjetividade, política e exclusão social.

Orientadora: Profa. Dra. Katia Faria de Aguiar

Niterói
2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

M236c Maluf, Adriana Penatti
Corpos em Trabalho : Saberes do Corpo na Formação e o
Cuidado no Trabalho em Saúde Mental / Adriana Penatti Maluf ;
Katia Faria De Aguiar, orientador. Niterói, 2018.
168 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2018.m.10075173794>

1. Corpo. 2. Formação em Saúde Mental. 3. Saúde no
Trabalho. 4. Cuidado em saúde. 5. Produção intelectual. I.
De Aguiar, Katia Faria, orientador. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD -

Bibliotecária responsável: Thiago Santos de Assis - CRB7/6164

FOLHA DE APROVAÇÃO

Adriana Penatti Maluf

Corpos em Trabalho: Saberes do Corpo na Formação e o Cuidado no Trabalho em Saúde Mental

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal Fluminense, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Psicologia. Linha de Pesquisa: Estudos da Subjetividade. Eixo: Subjetividade, Clínica e Exclusão Social.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Katia Faria de Aguiar (orientadora) – Universidade Federal Fluminense

Profa Dra Catarina Mendes Resende – Universidade Federal Fluminense

Profa Maria Paula Cerqueira Gomes – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa Dra. Maria Elizabeth Barros de Barros – Universidade Federal do Espírito Santo

Suplentes:

Profa Dra. Adriana Rosa – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. João Batista Ferreira – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Examinada a dissertação.

Niterói, 28 de agosto de 2018.

Ao devir-bailarina...

*Para todos os momentos em que precisei explicar que a dança não era só hobby.
Para todos os momentos em que precisei explicar que o que eu faço não é
passatempo.
Para todos os momentos em que precisei explicar que o trabalho de corpo tem
sim uma dimensão clínica.
Porque explorar a sensibilidade não é menos ou menor.
Porque a luta é a de se reinventar.
Que eu me reinventei.
Que essa escrita às vezes parece não fazer mais sentido, pois estou em processo
de outras criações.
Mas também é preciso parar. Foi preciso parar. Parar e reparar. Avaliar.
Analisar. Implicar. Corporificar. Encarnar.
Subjetividade-Corpo-Pensamento*

AGRADECIMENTOS

À querida orientadora Katia Aguiar, difícil descrever em palavras a intensidade de nosso encontro. Obrigada por aceitar compor comigo esse caldo de bruxarias. Agradeço pelas aberturas, pelas possibilidades, pelos choros, surpresas e risos acolhidos, pelas longas conversas e, sobretudo, por dar lugar comigo a essa aposta minha e sua no corpo e nas sensibilidades. Nossa relação é com corpo, é sensível, é criadora, não poderia ser diferente, não poderia ser menos artística.

À generosa e afetuosa banca, só tenho a agradecer a essas três mulheres que com cuidado e vibratibilidade me auxiliaram e muito na construção desse texto. À Catarina, já e sempre presente há tempos nesses meus percursos, sempre em nossas trocas e nas danças possíveis. À Elisabeth Barros, pela força nas palavras, pelas ressonâncias e pela aposta no movimento da atividade. À Paula Cerqueira, pela leitura cuidadosa e atenta e pelas indicações tão sintônicas com as apostas em um trabalho em saúde mental militante.

Ao João Ferreira, pelas aberturas artísticas dentro da tradicional academia, por possibilitar os primeiros ensaios de escrita afetiva e por me auxiliar a introduzir alguns movimentos aberrantes necessários ao trabalho. A Adriana Rosa, por aceitar também compor a banca como suplente e acolher as palavras que aqui escrevi.

Aos queridos amigos, trabalhadores e usuários da Rede de Saúde Mental de Niterói por comporem comigo esse corpo-multidão que criamos em cada um de nós, a cada reunião, a cada encontro, cada dança, improviso, resistência e luta, com risos e lágrimas. Por todo movimento sensível pela **SUS**tentação de nossos corpos em trabalho e de nossa Rede naquele momento e ainda hoje. Sou muito grata por concordarem em trocar comigo além de aceitarem corporificar esse texto com suas falas.

Aos incríveis insurgentes do OcupaSUS RJ, ampliando as perspectivas coletivas da multidão nesses corpos militantes sensíveis, inaugurando juntas outras modalidades de ação política em tempos tão sombrios e tristes. Sigamos sem medo, sem nome, sem líderes e com alegria, titubeando e avançando sensivelmente. Obrigada por se disponibilizarem a corporificar o texto também.

Aos queridos colegas da turma de mestrado, seguindo juntas e firmes nesta louca jornada que ocupou nossos corpos, nossas diferenças, nossos cuidados e caminhos. Essa experiência só foi possível com vocês. Agradeço especialmente a Tainá, pela dedicação

na leitura e des-arrumação poética do texto, à Ivana e Livia pela revisão, à Áurea pela calma-força e à Rosa, querida nova velha amiga, pelas imersões de escrita e de vida.

Ao coletivo de pesquisa da pós-graduação, pelos momentos de troca, respiros, discussões, acolhimentos e risos. Agradeço a Vanessa Fonseca e ao Felipe Chittoni pela leitura do texto e pelas contribuições que foram desatando muitos nós. Ao Denis Saffer, pelo encontro de amizade abrindo novos territórios de luta, sempre com afetividade. À Camilla Oliveira, junta nas vibrações poéticas e no auxílio preciso com o CEP. A Viviane Pereira, pelas alquimias de cuidado e axés. Luciana, Diana e Maria Alice, na doçura das trocas.

Ao Leo Mattos, meu companheiro com quem me esbarrei bem no início dessa jornada, ocupando e chegando para ficar. Agradeço por não me deixar desistir, por me acompanhar e abrir caminhos afetivos, militantes e dançantes.

Ao meu pai Renato, defensor do público e do social, e à minha mãe Maria Helena, nos cuidados ao longo do processo, por todo apoio, paciência e estímulo nesta caminhada (in) esperada do mestrado.

À Leda pelo cuidado-corpo-presente na escuta, no toque, nas sintonias.

À Letícia, Cecília, Cris e Ana Chacel, pela amizade, palavras, carinhos e mensagens de força e acolhimento nas dores e delícias desse processo. As queridas manas da coletiva, sempre andando comigo.

À Ruth Torralba por cada contornada firme quando bambeeii, pela escuta e presença feminina e feminista, fundamentais na descoberta de meu território clínico-político-afetivo. Agradeço também à Gabrielle, Helena, Fernanda e Carol por nossas rodas de trocas, partilhas e pensamento prático.

À Soraya Jorge, por tornar possível meu encontro como movedora e testemunha antes, durante e depois do processo de mestrado, permitindo-me mover minhas intensidades mais íntimas, profundas e excessivas, sem me despedaçar.

À Angel Vianna e sua presença vibrátil e à Faculdade Angel Vianna, espaço de resistência no corpo, com corpo e através do corpo. Aos meus companheiros da Pós-Graduação da FAV, a vibração de vocês me acompanha sempre.

À Juliana Storino pelas transcrições.

À CAPES, pelo auxílio-financeiro fundamental nesse percurso e que atualmente se vê ameaçado de não mais existir.

RESUMO

MALUF, Adriana Penatti de **Corpos em Trabalho: Saberes do Corpo na Formação e o Cuidado no Trabalho em Saúde Mental**. Niterói, 2018. Dissertação (Mestrado em psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

Este trabalho é um recorte de um caminho investigativo que permanece em aberto. O objetivo primeiro da pesquisa-intervenção cartográfica foi o de encontrar modos de transmissão possíveis de experiências com práticas através do corpo e seus saberes, sustentando-as enquanto fundamentais ao trabalho do trabalhador social de saúde. Destacamos a indissociabilidade entre formação e cuidado como um achado importante que se apresentou tanto na realização do inventário de meus percursos quanto nas entrevistas e oficinas realizadas com profissionais de saúde mental. Nos orientamos pelo campo da dança e suas articulações, um campo de produção de saberes e práticas sensíveis e vibráteis. Ensaíamos a criação de registros para os duros atravessamentos aos quais os trabalhadores sociais da saúde mental estão submetidos e, ao mesmo tempo, registramos as possibilidades inventivas que nós, trabalhadores sociais, encontramos na produção de cuidado, de nós e de outros. Assim, investigamos, nos apoiando na Análise Institucional, na Filosofia da Diferença em seus múltiplos atravessamentos, nas formulações da Educação Somática, da Dança e também nos saberes da experiência implicada de trabalhadora social, junto a meus pares, as articulações entre corpo, política, saúde e trabalho a partir da construção de noções acerca dos temas da formação profissional e da produção de cuidado com atenção à necessidade de apreensão destes conceitos de forma ampliada. A pesquisa investe na análise dos processos disparados por uma proposta de formação e cuidado com trabalhadores sociais da saúde mental apresentada como uma composição de ferramentas propostas pela dança e pela Educação Somática em diálogo com as concepções de produção de saúde, de cuidado e de militância. Através da operação de um corpo como dispositivo nos é possível promover desvios das estratégias de submissão do capitalismo neoliberal contemporâneo. Construimos curvas, como numa dança, em alguns eixos duros e consolidados do Sistema Único de Saúde a fim de sustentarmos outras entradas possíveis para as políticas e práticas públicas, a formação permanente e o trabalho em saúde, apostando naquilo que o campo da experiência pode nos mostrar. Afirmamos um corpo vibrátil, composto por saberes implícitos que advêm

na experiência do momento presente, consistindo em uma fronteira que nos permite encontros. Dos encontros produzem-se efeitos, efeitos de saber-do-corpo, que podem engendrar processos subjetivos potentes, nos colocando em movimento de criação e recriação. Fazemos uma análise acerca das possíveis aproximações em curva das formulações de Paulo Freire com as práticas de conscientização do movimento de Angel Vianna e o Movimento Autêntico de Janet Adler para afirmar o formar para o cuidado como arte de vida, formas de vida. As práticas corporais são formas de abarcar a dimensão micropolítica de resistência, as quais, apostamos, advêm da escuta do saber do corpo. Indicamos uma formação permanente sensível, onde arte, clínica, política, práticas de saúde e de formação se articulam como força de experimentação de um espaço-tempo outro no processo de trabalho, como um acontecimento intensivo.

Palavras-chave: corpo, formação, cuidado, saúde, dança, trabalho social, militância, SUS

ABSTRACT

MALUF, Adriana Penatti de **Working Bodies: Knowledges of the Body in Training and Mental Health Care Work**. Niterói, 2018. Dissertation (Master in Psychology). Institute of Psychology, Fluminense Federal University, Niterói, 2018.

This work is a cut of an investigative path that remains open. The first aim of this participatory action cartographic research was to find possible modes of transmission from experiences with practices through the body and its knowledges, sustaining them as fundamental to the work of the social health worker. We emphasize the indissociability between professional training and care as an important finding that was presented both in the inventory of my courses and in the interviews and workshops held with mental health professionals. We orient ourselves through the field of dance and its articulations, producing knowledges and sensitive, vibrating practices. We are rehearsing the creation of records for the hard crossings through which the social workers of mental health are subjected, and at the same time we bring the inventive possibilities that we, social workers, find in the production of care for ourselves and others. Thus, we investigated, supporting ourselves in Institutional Analysis, in the Philosophy of Difference in its multiple crossings, in the formulations of Somatic Education, of Dance and also in the knowledge of the implied experience of social worker, along with my colleagues, the articulations between body, health and work from the construction of notions about the themes of professional training and the production of care with attention to the need to apprehend these concepts in an extended way. The research invests in the analysis of processes triggered by a proposal of training and care with social workers of mental health presented as a composition of tools proposed by dance and somatic education in dialogue with the conceptions of health production, care and militancy. Through the operation of the body as a device it is possible to promote deviations from the strategies of submission from contemporary neoliberal capitalism. We build curves, as in a dance work, on some hard and consolidated axes of the Unified Health System in order to sustain other possible inputs for public policies and practices, permanent formation/training and work field in public health betting on what the field of experience can show us. A vibrating body is composed of implicit knowledges that come from the experience of the present moment, consisting of a boundary that allows us to meet. From our encounters we produce effects, body-knowledge effects, which can

engender powerful subjective processes, putting us in a movement of creation and recreation. We analyze the possible curved approximations of Paulo Freire's formulations with the practices of Angel Vianna's Consciousness of the Movement and the Authentic Movement of Janet Adler to affirm the formation of care as an art of life, life forms. Corporal practices are ways of embracing the micropolitical dimension of resistance, which, we bet, comes from listening to the knowledges of the body. We indicate a permanent sensitive formation, where art, clinic, politics, health practices and training articulate as a force of experimentation of another space-time in the work process, as an intensive happening.

Keywords: Body, professional training, care, public health, dance, militancy, Unified Health System.

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| Introdução ou Para começar... | 16 |
| Entrada 1 - Exercícios de Implicação de um Corpo de Pesquisadora | 27 |
| 1.1 Marcas de um Corpo em Trabalho | 27 |
| 1.2 Marcas de Corpos em Trabalho | 30 |
| 1.3 CAPS em Movimento: Abertura para Construção de Espaços-Corpo | 32 |
| 1.4 Corposição de Afetos: Ensaios para uma Escrita Afectiva | 37 |
| 1.5 Metodologias e Plano de Ativação de Memórias | 53 |
| 1.6 A Implicação Diante da Experiência Imediata | 59 |
| Entrada 2 – O Corpo e seus Saberes: construindo um corpo sensível | 62 |
| 2.1 Corpo-Dispositivo: Profanar o Corpo | 62 |
| 2.2 Um Corpo Paradoxal: aberturas e plasticidades | 66 |
| 2.3 Corpo-Fronteira: A Pele é Borda, a Pele é Membrana, a Pele é Dobra | 68 |
| 2.4 Saberes Implícitos e Momento Presente | 70 |
| 2.5 Corpo-Sem-Órgãos: Caminhos Para um Corpo que Vibra | 73 |
| 2.6 Corpo Vibrátil e a Experiência do Saber-Do-Corpo | 76 |
| Entrada 3 - As Forças do Gesto: Percepção e Experiência de um Como. | 79 |
| 3.1 Curva na Formação | 80 |
| 3.1.1 Dobra do/no Cotidiano | 83 |
| 3.2 Novas Linhas de Criação: Aproximações entre Educação Popular, | |

| | |
|---|------------|
| Educação Permanente e Metodologia Angel Vianna. | 84 |
| 3.3 Ensaio de uma Prática: Experiências Sensíveis na Formação em Saúde no Trabalho | 96 |
| 3.4 As Forças da Precarização e Militância: Pausa Transversalizante | 107 |
| 3.5 Formação, Arte e Produção de Modos de Vida: Formação Sensível Permanente. | 115 |
| Entrada 4 – A Coluna tem Curvas: Deslocamentos, Curvas e Dobraduras de Eixos | 124 |
| 4.1 A Dureza do Eixo | 124 |
| 4.1.1 PNH | 124 |
| 4.1.2 Reforma Psiquiátrica | 126 |
| 4.2 A Coluna se curva | 128 |
| 4.2.1 Curva SUS | 128 |
| 4.2.2 Curva Humanização e Reforma Psiquiátrica | 130 |
| 4.3 Curva Política, Pública, Prática | 134 |
| 4.4 Parar e Reparar a Realidade Transversal | 136 |
| 4.5 Curva Trabalho | 141 |
| Considerações Finais | 149 |
| Referências Bibliográficas | 163 |

INTRODUÇÃO OU PARA COMECAR...

“O texto se afirma em característica artesanal, operando-se com cuidado a escolha das palavras, pois estas tocam o corpo, alterando-lhe o tônus.” (Feitosa, 2014, p.7)

Minha maior aposta com a escolha pelo mestrado era poder encontrar modos de transmissão possíveis de minhas experiências com as práticas através do corpo e seus saberes, sustentando-as enquanto fundamentais ao trabalho do profissional de saúde.

O desejo era o de poder criar registros para os duros atravessamentos aos quais os trabalhadores sociais da saúde mental estão submetidos, mas, ao mesmo tempo, poder também registrar as possibilidades inventivas que nós, trabalhadores sociais, encontramos na produção de cuidado, de nós e de outros.

Quais as lutas possíveis, quais as práticas de criação possíveis, quais as zonas de contágio na criação dessas possibilidades?

O desafio maior é o de incorporar ao texto, à apresentação e à defesa esse campo intensivo pelo plano das afecções com o qual eu construo toda a dissertação. Por enquanto, inventar recursos intensivos de escrita de forma a convocar o sensível no leitor tem sido a minha direção. Esses recursos foram e ainda estão sendo ensaiados.

Assim, o desafio desta escrita consiste em colocar em palavras, muitas vezes inexatas, o que pude colher nesses processos vividos de formação e cuidado, em experiências sensíveis singulares. Considero que meu objetivo nesta pesquisa não é a formulação de um procedimento – assumo sem dúvida a sua importância – mas sim, fazer um registro dos movimentos, deslocamentos dos corpos em trabalho quando num tempo-espaco de experimentação.¹

Pretendo com este trabalho aproximar os possíveis leitores, as possíveis bancas, os possíveis interessados e a possível academia da experiência do trabalho na saúde mental como um trabalho com os sentidos, com o sentir, com as sensações.

Diante de minhas experiências como trabalhadora social da saúde mental, acredito ser extremamente importante trazer para o texto desta dissertação as forças que sustentam o embate constante destes “trabalhadores militantes” diante das precarizações - trabalhistas e estruturais – a que estão engendrados em seus processos de trabalho. Trata-se de uma linha que atravessa o campo da saúde mental, e da saúde como um

¹ Como está seu corpo agora? Como você o sente?

todo, e que muitas vezes não é considerada válida nos procedimentos científicos contemporâneos (Merhy, 2004).

Dessa forma, trago minha implicação como pesquisadora “no agir no mundo de modo militante” (Merhy, 2004, p.5), a partir de minha aposta desejante em afirmar que o trabalhador social encontra-se marcado por seu lugar de “sujeito militante implicado.” (idem). Nesse lugar são engendradas produções de conhecimento extremamente potentes para pensarmos o cuidado em saúde. Nesta dissertação busco narrar situações e trago trechos de falas com os quais se faz possível o contato com algumas experiências de trabalhadores sociais na produção do que entendo por conhecimento militante, acreditando na validação deste saber a partir do diálogo com as várias implicações dos diversos atores ali integrados.

Todas essas forças e atravessamentos se agenciam no corpo, nos corpos de sujeitos que trabalham na saúde mental, no campo da atenção psicossocial. Trazemos aqui a ideia de que o corpo em trabalho, o corpo que cuida e que o tempo todo se forma, é um corpo **em encontro com**. Um corpo que está encontrando-se com outros corpos, outras forças, experimentando-se em coletivo.

Foi na dimensão do corpo coletivo, acessando o **coletivo no corpo** (Resende, Caetano e Torralba, 2011) que segui com a pesquisa na busca de outras entradas possíveis para o movimento de pensamento nos processos de formação de trabalhadores em serviço. Afirmando que uma formação se faz, sobretudo, através destas práticas, constituindo uma política do cuidado no cotidiano. Assim, através destas experiências, aposto que algumas experiências de formação profissional podem também produzir cuidado.

Meu interesse foi o de investigar as articulações entre corpo, política, saúde e trabalho a partir da construção de noções acerca dos temas da formação profissional e da produção de cuidado com atenção à necessidade de apreensão destes conceitos de forma ampliada e reconfigurada a partir das experiências práticas que trago como material de pesquisa. Este material foi gerado em oficinas de Corpo e Movimento realizadas com a equipe de um serviço da Rede de Saúde Mental no Município de Niterói (RJ), voltado para o atendimento de usuários abusivos de substâncias.

Junto deste material, carrego comigo as marcas e registros de outras experimentações sensíveis nesse tempo do mestrado no cotidiano da universidade e do trabalho na saúde mental.

A pesquisa investe na análise dos processos disparados por uma proposta de formação e cuidado com trabalhadores sociais da Rede de Saúde Mental de Niterói, entendida como uma composição de ferramentas propostas pela dança e pela educação somática em diálogo com as concepções de produção de saúde, de cuidado e de militância, entendendo que o cuidado se experimenta e não somente se aprende em técnicas de interpretação de sintomas e sinais.

Nessas propostas, assumo a importância de um corpo em trabalho de cuidado e atenção poder perceber-se em movimento, em encontro, em produção.

Falo de um **dispositivo coletivo de prática sensível** operando como produtor de saúde no trabalho, através do qual pudemos experimentar a abertura de análises na produção de cuidado e formação do trabalhador social. Afirmo este dispositivo como uma **prática pública em saúde**, na qual o **corpo sensível**, suas implicações e manejo de efeitos estão no centro da produção de uma ética advinda da indissociabilidade entre política e clínica.

Diferencio estas **práticas públicas** em saúde das **políticas públicas** de saúde, entendendo que as primeiras são desvios criativos sobre as segundas, implicações dos encontros singulares que cada profissional, cada equipe, cada serviço, podem ter com esse eixo mais duro e rígido colocado pelas políticas públicas.

Optei por utilizar a palavra corpo – ao invés de corporeidades², por exemplo - ao longo de todo o texto, por acreditar que ela produz mais aproximação aos leitores e ao campo de trabalhadores e profissionais da saúde, saúde mental³.

Escolho, partindo de minha experiência, definir a mim e aos trabalhadores como trabalhadores sociais, reconhecendo, junto a Guattari e Rolnik (2013) a inseparabilidade entre a atividade política e a ação social, afirmando o entrecruzamento das múltiplas forças com que se depara todo trabalhador.

Desse modo, o trabalhador social é aquele implicado no campo das práticas que experimenta, nas ações cotidianas que vive, entendendo-as como integrantes da dimensão política de seu trabalho. A “(...) *despeito das suas condições econômicas,*

² A noção de corporeidade dialoga com os intercessores teórico-práticos com os quais trabalharemos na dissertação. Como referência para este tema, sugiro a edição número 29 da Revista Fractal de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, disponível em <<http://periodicos.uff.br/fractal/issue/view/v29n2>>, acesso em 28.07.2018.

³ Tome um tempo para respirar e prestar atenção na sua respiração.

intelectuais, sociais e afetivas, os trabalhadores sociais transformam e criam incessantemente realidades.” (Daros, 2017. P. 173).

Diante de deformações sucessivas que nos acontecem no cotidiano das relações, afirma-se a potência de um plano de afecção gerador de movimento, implicando não na garantia de resultados, mas na aposta da potência inventiva dos corpos e múltiplos efeitos dos encontros no campo relacional. Nessa aposta, para o profissional do social, “tudo dependerá de sua capacidade de se articular com os agenciamentos de enunciação que assumam sua responsabilidade no plano micropolítico.” (Guattari e Rolnik, 2013, p. 38).

“Eu tenho pensado muito nesses últimos dias sobre um fato acontecido durante o trabalho de campo com as crianças e adolescentes em situação de rua na semana passada: o que significa um abraço? Qual a importância de um abraço? Uma menina de 13 anos que eu já conhecia desde o ano passado, estava na chuva, toda molhada, descalça e me pediu um abraço para esquentá-la do frio, não pensei duas vezes: abracei e fiquei assim durante o tempo que ela quis. Ela tinha me pedido biscoito e roupa e eu não dei, falei do CAPS, mas ela não quis saber, o que restava? Lembrei muito (...) do trabalho no CAPS AD, abraçando todo mundo e fazendo a equipe se abraçar (ai como eu odiava isso). Eu achei que o abraço foi importante pra nós duas, essa troca de carinho, de energia, de sentir uma a outra sem levar em consideração a chuva, a roupa dela muito suja e molhada. Espero que algo tenha sido produzido ali e que nessa semana nosso encontro seja mais fácil. Agradeço por me mostrar a importância do toque e de se entregar ao outro.” (Trabalhadora Social, CAPS AD, 2018)

Minha proposta é a de desnaturalizar os pares corpo-mente, saúde-doença, dentre tantas outras dicotomias, cisões que aparentemente nos definem e sobre as quais se fundam nossos espaços de trabalho e de formação. Tomo então uma DE-CISÃO de inspiração espinosista: a de afirmar o corpo como única substância, ao invés de ser uma oposição em relação à razão e aos processos de pensamento.

Espinosa fala desta única substancia que nos constitui como possuindo uma infinidade de atributos e chama de corpo, tomando então, o corpo como modelo. Com Deleuze (2002), em seus estudos sobre o filósofo, entendemos que não há diferenciação de instâncias, mas sim, apenas movimentos e velocidades e diante destes, podemos **parar e reparar** ⁴.

⁴ Essa expressão será desenvolvida mais adiante na dissertação e vem como uma indicação de Fernanda Eugênio e João Fiadeiro, idealizadores do Modo Operativo AND (Mo-AND) e da Composição em Tempo Real (CTR), ferramentas de composição artística que também passam a ser utilizadas como ferramentas clínicas. Para esse ponto, sugiro o texto, “O Encontro é uma Ferida” de 2012, disponível em <https://ladcor.files.wordpress.com/2013/06/o-encontro-c3a9-uma-ferida.pdf> (Acesso em 05.08.2018).

Esta proposição espinosista não é uma tentativa de colocar o corpo no topo de uma suposta hierarquia entre espírito, alma, pensamento, consciência, inteligência ou qualquer outra instância ou substância.

As afecções ou as modificações do corpo para Espinosa (2014) decorrem de seus encontros com outros seres ou entes e com os quais eles podem entrar em relação de conflito, confronto, aliança, etc. Sendo assim, encontros geram afecções, que são modificações na potência de agir de cada um dos envolvidos nesse encontro. Tais modificações possuem um correspondente no espírito também, que são ideias e representações (Bove, 2010). Portanto, por afeto, entendemos as afecções do corpo e também as ideias efeitos dessas afecções. As possibilidades de um corpo se constituir estão na capacidade deste afetar e ser afetado, através de encontros alegres e tristes.

No caminho teórico que sigo com esta pesquisa-intervenção cartográfica, escolhi partir deste corpo do qual nos fala Espinosa (2014), sustentando-se em suas possibilidades de afetar e ser afetado. Tal escolha se dá na medida em que parto dos efeitos da experimentação das potências de **corpos em trabalho** na saúde mental, corpos de **trabalhadores sociais** afirmando ser possível **formar e cuidar pelo corpo**. Minha primeira direção é acompanhar esses processos de criação de práticas formação e de cuidado tendo o corpo e seus saberes como território que nos atravessa.

Por hora, destaco a importância de resgatar a **dimensão sensível** pela qual nos compomos e com a qual estamos no mundo. Falo desde uma perspectiva particular, pessoal, de quem busca um território possível de existência no mundo e, conseqüentemente, de existência num campo de trabalho localizado na interface entre a dança, a clínica e o cuidado, engendrando práticas, gestos. O território aqui não se define como ponto fixo de paragem, mas sim, um campo possível onde nos deixamos o tempo todo atravessar. Um território desterritorializante e reterritorializante, de movimento e intensidade. Um território imanente.⁵

“Quem está ao canto da sala dança com todos os dançarinos. Vê tudo, e, porque vê tudo, vive tudo. Como tudo, em sùmula e ultimidade, é uma sensação nossa, tanto vale o contacto com um corpo como a visão dele, ou, até, a sua simples recordação. Danço, pois, quando vejo dançar.” (Fernando Pessoa, 2008, p.237)

⁵ Qual a velocidade da sua respiração?

A dança atravessa meu corpo em minha história, constrói meu corpo na história. Aluna, bailarina, professora, amante de livre dançar, corpo atingido por outros corpos a dançar tão diversamente, são algumas das várias formas pelas quais sinto a dança me conduzir. No início, veio a dança. Hoje posso perceber que todos os meus trabalhos coreográficos autorais e pesquisas de movimento, carregavam a pergunta disparadora “o que faz mover?”. Sei que está é uma pergunta disparadora para muitos dos nomes que compõe esse campo.

Venho experimentando que um corpo ao se deixar atravessar, encontra meios de se mover. Um corpo aberto se move. Uma emoção, ao nos atravessar, nos põe em movimento, é uma E-MOÇÃO, como diz Didi-Hubberman (2016). O encontro de corpos, entre corpos e mundos produz movimento. Na dança, produzimos passos, gestos, coletivamente engajados em algumas múltiplas formas de coreografia.

No percurso de construção histórica do campo da dança, podemos traçar percursos variados desde o balé representativo até a dança contemporânea experimental. Junto a essas formalizações mais didáticas, não deixamos de fora a dança enquanto campo cultural, como campo de resistência, como campo de alegria, de dor, enfim, a dança e o movimento como base das produções subjetivas de todas as culturas e que tanto se expressam e visibilizam no campo social brasileira.

Experimento e me oriento pelo campo da dança e suas articulações, um campo de produção de saberes e práticas sensíveis. A partir do privilegio de minhas experiências com em dança junto às articulações produzidas por este campo de pesquisa, busquei deixá-la atravessar o texto, pois seus saberes me permitem traçar linhas de composição outras nesta pesquisa a qual visa partir do corpo, das práticas sensíveis e da produção de saúde para pensar o campo do trabalho em saúde mental pública. Percebo que meu trabalho como psicóloga em serviços de saúde mental encontra potências a partir das relações entre a clínica e a dança e as práticas somáticas e artísticas.

Na dança, o corpo produz e um corpo é produzido a todo instante. Encontramos aí importantes intercessores para sustentar a urgência em inserir e visibilizar o corpo e seus saberes nas práticas de formação e cuidado de trabalhadores sociais, configurando práticas estéticas, políticas e afetivas de saúde no trabalho. Este campo, por sua vez, encontra-se muitas vezes marcado por um endurecimento e pela direção de disciplinarização de tudo que pode ser sensível, afetivo, corporal.

Portanto, procuro produzir aproximações entre a experimentação de um corpo e da criação de corpos assim como sentimos nos processos da dança, das práticas corporais e de educação somática e as práticas possíveis no trabalho na saúde mental.

A dança, como campo da arte que tem por criador e criatura o corpo, estaria apta a se afetar pelas pequenas percepções e libertar o corpo dos modelos de movimentos habituais para apreender novas formas de subjetivação. A dança, que é a arte do movimento por excelência, tem o poder de criar outro tipo de movimento⁶ (Resende, 2008b, p. 33).

Sigo na direção que nos abre Deleuze quando nos diz ser a arte um plano de pensamento traçado pelas sensações. Vou avançando ao propor a dança como campo onde movimento e corpo se engajam de múltiplas maneiras, nas possíveis reverberações nos planos entre seus gestos e seus processos de produção. Há um corpo que se inventa no trabalho da dança, há um corpo que se inventa na produção de saúde e por elas me debrucei e ainda me debruço.

Essas composições com a dança se evidenciaram para mim como potentes pistas na direção para afirmar a importância em construir processos que possibilitem a criação de práticas de formação de trabalhadores junto à produção de cuidado e promoção de saúde no campo do trabalho. Escolho então, falar em **Corpos em Trabalho**.

Trago aspectos experimentados e formalizados sobre a Metodologia Angel Vianna de Conscientização do Movimento junto aos usuários e também trabalhadores sociais de um serviço de Saúde Mental, amparando-me neles por acreditar termos aí a formulação de uma maneira bastante singular e autêntica de lidar com o corpo, abrindo-se para uma utilização não só pedagógica e artística, mas também terapêutica e formadora.

Angel Vianna nos propõe uma prática fundamentalmente experiencial do corpo através da escuta e pesquisa do movimento. O alcance terapêutico da Conscientização do Movimento já vem sendo reconhecido na área da Saúde e tem sido aplicado nos campos da promoção da saúde, da reeducação do movimento, da reabilitação (neuromotora, doenças crônicas como hipertensão e diabetes, saúde mental, entre outros), reorientando, identificando e redefinindo os princípios filosóficos e práticos que o orientam o processo saúde-doença (Resende, 2008a).

Assim, nessa dissertação, a saúde é entendida menos como o avesso ao adoecimento e mais como movimento criativo em relação ao mundo. Neste movimento

⁶ Crie um outro movimento de respiração.

criativo, acredito ser no corpo que suas implicações se dão. Na dimensão das práticas de cuidado e da clínica ampliada em saúde mental, na atenção psicossocial, ao evidenciarmos o corpo sensível e criativo, podemos assumir outras possibilidades de ação.⁷

A dissertação se desenvolve por 4 pistas construídas a partir da necessidade de **criação de curvas e dobras** que nos viabilizem possibilidades e territórios outros no campo da formação e da saúde no trabalho em sua articulação necessária a meu ver com as práticas estéticas e também artísticas, tomando o corpo em movimento como disparador de processos, processos de produção subjetiva, numa dimensão micropolítica, que por si só engendra coletivização.

A primeira entrada se impôs ao longo de todo processo do curso de mestrado, tendo sido nomeada “Exercícios de Implicações de um Corpo de Pesquisadora Sensível”. Minhas análises de implicação, as escolhas de escrita e os atravessamentos do cotidiano permeiam os desafios por essa **composição de afetos** que toma consistência na dissertação, como exercício de uma escrita afectiva. A proposta aqui é poder também experimentar a ativação do corpo sensível na escrita, em modo de texto, incorporando à metodologia atitudes cartográficas.

Na segunda entrada, nomeada “Os Saberes-Do-Corpo: construindo um corpo sensível”, o corpo encarna-se como dispositivo e pode trazer na sua experimentação saberes, **saber-do-corpo**. A partir da imagem-sensação de um corpo-pele que contorna, como uma membrana porosa, fazendo fronteira interna e externa com o que nos afeta, (Rolnik, 2016), cabe a nós instalarmo-nos sobre as linhas de composição do corpo para operarmos com ele a favor de manter os processos de escape frente ao que lhe captura em favor de sua disciplinarização.

Aqui, o **corpo dispositivo** e o **saber-do-corpo** são uma aposta. Busquei nessa dissertação acompanhar alguns possíveis processos necessários para reinventar corpos, operando como ponto de fuga, como abertura a outras direções. Parto de uma abordagem do corpo aberto passível de criação, **corpo paradoxal**.

Através da operação deste corpo como dispositivo, é possível promovermos desvios das estratégias de submissão do capitalismo financeirizado contemporâneo encarnadas nas formas de governo e de poder hegemônicas, as quais estrategicamente se

⁷Qual a sensação de seu corpo agora?

interessam por capturar as forças vitais deste corpo, anestesiando-o pelo excesso de estímulos e exigências de produção.

Assim, esse **corpo vibrátil**, noção que nos é oferecida por Rolnik (2006) junto às construções de Artaud (2006), Deleuze e Guattari (1992) sobre o **corpo-sem-órgãos**, assim como o **corpo paradoxal** e aberto de Gil (2001) e os **saberes implícitos** e o **momento presente** de Stern (2007) são alguns dos conceitos de apoio dessa entrada.

Rolnik (2016) nos apresenta a ideia de **saber-do-corpo** em suas produções recentes acerca das articulações entre as forças micropolíticas e produção de subjetividade no capitalismo contemporâneo. Este saber-do-corpo emerge a partir da experimentação de seus aspectos sensoriais e intensivos, permitindo ao corpo operar como dispositivo formador e produtor de práticas de cuidado. Visibilizar o aspecto sensorial do corpo e tomá-lo como canal de abertura às novas experimentações no encontro com o mundo é justamente a ação micropolítica (Ribeiro, 2016) que pretendo trazer como potência. *“Mais do que pensar no corpo como uma forma, trata-se de tomá-lo como fluxo, movimento, como numa dança.”* (Idem, p. 54).

Na terceira entrada da dissertação construí uma pequena dança dentro das curvas possíveis transdisciplinares para se apreender o corpo sensível e aberto sobre o qual assentarei as formulações. Trago as experiências de formação e cuidado que se deram no contexto das práticas coletivas sensíveis com trabalhadores da saúde/saúde mental e os processos disparados em torno delas.

Aqui, aponto para uma pista que se coloca para mim no acompanhamento desses processos e encontra na formulação de uma **Formação Permanente Sensível** um caminho possível de se percorrer, traçar, contornar.

Farei uma análise acerca das possíveis aproximações em curva das formulações de Paulo Freire com as práticas de conscientização do movimento de Angel Vianna, o Movimento Autêntico de Janet Adler, junto de Soraya Jorge para afirmar o formar para o cuidado como arte de vida, formas de vida.

Com esta indicação de uma formação permanente sensível, então, arte, clínica, política, práticas de saúde e de formação se articulam como força de experimentação de espaço-tempo outro no processo de trabalho, como um acontecimento intensivo.

Na quarta entrada da dissertação “A Coluna tem Curvas: deslocamentos, dobraduras e curvas de eixos”, trago discussões acerca do que considero o “eixo-coluna” desta dissertação. Nele, me utilizo de uma analogia baseada na proposição de que a coluna – tomada como eixo duro central em torno do qual se constitui o nosso

corpo – não é reta como talvez poder-se-ia pressupor a olho nu -, ela tem suas curvas naturais que nos permitem também, dobrá-la.

Ao nos sustentar enquanto corpo no mundo, a coluna precisa ter suas curvas mantidas, garantindo mais possibilidades de movimento ao corpo, mais espaços de deslocamento, podendo inclusive curva-se sobre si mesma. Nosso movimento corporal é garantido na possibilidade de a coluna dobrar-se, articular-se sobre si mesma produzindo movimentos, encontrando espaços para o movimento do corpo, já que trata-se de um corpo afetado, que movimenta-se ao ser perturbado a partir do encontro com o mundo.

Proponho a necessidade de produzir curvas através das problematizações que emergem a partir dos efeitos das práticas e experiências de meu corpo como trabalhadora social junto dos trabalhadores com quem me encontrei, apostando no desvio para o corpo enquanto superfície de troca, como pistas para se pensar em outras entradas na formação e na produção de cuidado de trabalhadores sociais da saúde mental.

Nesta entrada, trago discussões acerca de eixos que considero mais duros e que sustentam o campo da saúde mental percorrendo o debate transversal em torno dos conceitos de humanização, da reforma psiquiátrica, da política pública e do trabalho, introduzindo curvas e visibilizando as dobras que a experiência, a prática e o cotidiano produzem.

As curvas podem auxiliar nas aproximações desses eixos duros em seus desdobramentos dentro do Capitalismo Mundial Integrado (CMI), conceito forjado por Guattari em 1981 para designar os modos do capitalismo contemporâneo, em suas dimensões macro e micropolíticas.

Ao escolher trazer para o centro da pesquisa o campo da formação de trabalhadores sociais do Sistema Único de Saúde em seus atravessamentos com a produção de saúde no campo do trabalho, introduzo o corpo como dispositivo formador junto às experiências de presentificação destes corpos que compõem o material desta dissertação, as falas dos trabalhadores sociais.

Ao longo de todo o texto apresento trechos transcritos das rodas de conversa que promovi com os trabalhadores sociais em junho de 2017, com os quais tive a oportunidade de vivenciar oficinas de práticas corporais. Aqui, trago estes trechos selecionados como forma de afirmar e presentificar a produção de saber por

trabalhadores da ponta e as reverberações possíveis que um espaço de experimentação sensível pode ter em ambientes de trabalho de equipes multidisciplinares.⁸

Tenho ciência de que estas são análises e movimentos iniciais que não se encerram nesta pesquisa de mestrado. As reverberações são múltiplas e necessitam de mais intercessores de apoio, mais estudo e certamente mais tempo para se produzirem.

⁸ Tome um tempo para parar e reparar no seu corpo agora. O que você sente?

ENTRADA 1

EXERCÍCIOS DE IMPLICAÇÃO DE UM CORPO DE PESQUISADORA

“Para começar – Gostaria de me confiar a palavras que sejam, se possível fosse, nuas. (.) Gostaria de eleger palavras que sejam, para começar, nuas, simplesmente, palavras do coração” (DERRIDA, 2002. p. 26).

1.1 Marcas de um Corpo em Trabalho

Atuei em campos distintos que vão desde os caminhos pela saúde mental pública⁹, atravessando a militância pelos direitos dos trabalhadores e usuários da rede de saúde mental e os princípios da reforma psiquiátrica, cruzando as ruas e salas de aula de dança¹⁰, de expressão corporal e de práticas corporais de consciência pelo movimento¹¹. Faço curvas na esfera de atendimentos clínicos em consultório particular¹², passeando pelas oficinas e práticas corporais com grupos diversificados¹³, movendo-me pelas brechas encontradas nos coletivos de criação artística¹⁴ e estando em encontros com o mundo.

Neste território atravessado de experiências em todos estes campos mencionados, afirmo estas práticas como estando engajadas - cada uma a seu modo - numa concepção de cuidado. Todas estas são, a meu ver, práticas de cuidado nas quais estão implicados o encontro com o outro e a promoção de um trabalho de produção necessariamente coletiva de forças. Uma concepção ampliada de clínica, a meu ver. Encontramos como um denominador comum a estas práticas a experiência com o corpo, direta ou indireta, e

⁹ Curso de Especialização (2008-2010) em Clínica Psicanalítica no Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB), oficinas no Instituto Philipe Pinel (na época Serviço de Atendimento a Infância e Adolescência), Diarista no Serviço de Emergência do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba (2010-2011), Centro de Atenção Psicossocial Alameda - CAPS AD Alameda (2013-2016).

¹⁰ Professora de dança contemporânea e expressão corporal na Escola Livre de Danças da Maré, aulas ao Núcleo 2 da Lia Rodrigues Cia de Danças, Catsapá Escola de Musicais, Espaço Café Cultural, Espaço Tápias, Gisele Alvim Espaço de Dança. Professora de expressão corporal na Creche Lar de Pierina na comunidade Pavão-Pavãozinho. Professora de Pilates no Clarissa Guaraná Pilates Evoluído (2015-2016).

¹¹ Pós-graduação em Terapia Através do Movimento na Faculdade Angel Vianna, práticas de imersão em Treinamento Físico com o LUME Teatro (Campinas-SP), oficinas e workshops em diversas técnicas e metodologias de trabalho corporal e dança.

¹² Consultório particular desde o ano de 2008 no Rio de Janeiro e desde 2016 em Niterói.

¹³ Professora de “Corpo e Movimento” e “Educação Física e Didática” (2011-2014) às alunas da formação do curso normal superior do Instituto Superior de Educação (ISEPS), oficinas sensibilizadoras com trabalhadores da Creche-Escola Lar de Pierina, oficinas corporais com sujeitos em sofrimento psíquico grave (quadros de autismo, esquizofrenia, síndrome de Down, síndrome do miado de gato) no Ateliê Espaço Terapêutico 2011-2015).

¹⁴ Bailarina, interprete-criadora no Grupo Tapias, Grupo Tapias 2, Experimenta Núcleo de Dança. Estagiária e assistente de criação da Lia Rodrigues Cia de Danças. Integrante do Coletivo ++, onde desenvolveu trabalhos autorais.

seus atravessamentos, apontando-a como um vetor dos mais potentes de transformação social e subjetiva.

Afirmo assim, uma **micropolítica do corpo** como nos propõem Caetano, Resende e Torralba em artigo sobre o tema de 2011. Neste artigo, as autoras se dedicam às necessárias construções pensarmos uma micropolítica do corpo, tomando este em seu aspecto sensível, como espaço de abertura a outros possíveis e a múltiplas experiências. Assim, o corpo se coloca como espaço de entrecruzamentos e de atravessamentos que são sempre sensíveis. Pensar o **corpo como espaço**, nos coloca também a necessidade de pensarmos uma outra noção também da relação do espaço com o tempo. Exercícios de construção para a dissertação.

Com o auxílio de algumas formulações de Foucault, de Deleuze e de Guattari acerca do corpo e de sua relação com o capitalismo atual, as autoras falam da aposta numa micropolítica do corpo, na possibilidade de uma prática que nos permita sustentar e vivenciar o corpo como invólucro de infinitas possibilidades, um vazio-fonte onde desaguam infinitos possíveis, podendo fazê-lo escapar das tentativas de inseri-lo como mais uma mercadoria a ser consumida.

O aspecto sensível e intensivo do corpo, tomado então como agente de transformação e produção subjetiva individual e coletiva, parece encontrar cada vez menos espaço no cotidiano e acredito não ser diferente no campo das práticas de cuidado.

Vivemos um tempo de suspensão da experiência, já que afastadas das dimensões sensíveis, criadoras e mobilizadoras, apesar da atual valorização de uma determinada concepção de saúde e cuidado com o corpo. Esta valorização está inserida em um mercado de bem-estar que é normalizante e serializante. Há formas, jeitos e maneiras especificadas que determinam modos de relação **com o corpo e no corpo**.

Assim, o corpo vira mercadoria, sendo instantaneamente e rapidamente capturado. Essa concepção nos estimula, ao mesmo tempo, a produzir uma paradoxal hipersensibilidade, que é aparente apenas, e, nessa captura, cria-se também uma suposta demanda a qual todos temos que responder, consumindo uma forma de cuidado com o corpo, um determinado padrão de saúde e bem-estar aos quais todos devem atingir. Estaríamos supostamente hiperconectados ao nosso corpo e a nossa saúde, tendo inúmeras informações produzidas e consumidas.

Junto disso, vale ressaltar o crescimento do uso de fármacos em todas as esferas da vida, medicalizando-a e, certamente, anestesiando-a. Para aguentar o dia, tome esse

complemento. Se seu filho não gosta de comer alimentos saudáveis, tome um *milk shake*. A tristeza é um afeto que precisa ser eliminado pois nos prejudica, é possível eliminá-la das suas sensações, há remédios para isso. Sua dependência química ilegal pode ser substituída por outra legal. Essa pessoa não pode conviver socialmente, vamos cuidar dela em ambiente fechado, de convívio restrito.

Rolnik (1997) afirma que, no campo das produções subjetivas, o que vemos são produções daquilo que ela nomeia de “subjetividade toxicômana”, entendendo-a como o paradigma do sujeito contemporâneo. A produção de subjetividade capitalística pela via, sobretudo, da publicidade, produz um processo onde o sujeito se cola ou se gruda a um modo de ser, por isso, certo paradigma subjetivo localizado no usuário de drogas aponta tão bem para compor o modo como as subjetividades se apresentam. No regime capitalista atual, pensamentos e corpos seriam colonizados, dominados, estando sob o crivo de um padrão hegemônico que o determina. Um sistema colonial-capitalístico, nos diz Rolnik (2016), que produz um “inconsciente colonial capitalístico”.

Uma de minhas maiores descobertas ao longo do processo de mestrado refere-se justamente a uma confirmação encarnada em meu corpo de pesquisadora de que os atravessamentos sensíveis no curso de uma história fazem do pensamento uma construção a partir das marcas. O meu pensamento se constrói por minhas marcas. Passo a perceber o quanto minha própria experiência na dança, nas danças, no dançar, deu movimento ao meu pensamento, numa perspectiva criativa, através desses espaços potenciais de troca ao dançar. Poder inventar relações, com a dificuldade que sempre nos interpela é uma forte descoberta.

Foi uma preocupação minha ao longo de toda escrita deste texto que ele não seja considerado uma forma de estimular que todos possam praticar dança, fazer os cursos e ter acesso às experiências que eu tive. Manter-se em cursos, oficinas, workshops e outras atividades pode ser bastante oneroso financeiramente, mesmo sabendo da existência de algumas propostas públicas ou gratuitas no oferecimento destes espaços; ao menos nos grandes e médios centros urbanos. Sim, é muito importante dizer que meu percurso de formação foi privilegiado. Não se trata de promover um exemplo, mas sim, um encontro. E esse encontro é de corpo, de corpos, com corpos.

1.2 Marcas de Corpos em Trabalho

Começo esta pista problematizando uma concepção mais idealista e ingênua de realidade na qual a experimentação artística serviria para sustentar toda e qualquer aposta de estar no mundo. Não discordo dessa impressão e acredito inclusive que ela é também um fluxo a navegar, mas acredito ser necessário admitirmos os desafios que nos coloca o campo social atual, micro e macropoliticamente falando, podendo perceber que as estratégias e os inventos são múltiplos e podem ser articulados, em rede com as forças que ali se compõem.

O que me move a poder evidenciar outras possibilidades de acesso ao universo sensível é a necessidade que se impôs a mim de poder sentir, **sentir o que estava me acontecendo**. E diante dos velozes e furiosos ritmos intensivos que o tempo atual nos coloca enquanto sujeitos vivos, de produção, não havia possibilidade de poder sequer registrar isso que nos afeta.

Rolnik (1993) fala em se deixar violentar pelas **marcas**, por isto que ela chama de “estados inéditos que se produzem no corpo” (p.1) os quais surgem a partir dos encontros que fazemos. É no corpo que se integram as texturas que se criam nas misturas de fluxos, é aí que produz diferença. São os devires da textura.

Esse vocabulário que venho utilizando pode ser difícil de se apreender. Para mim sempre é.¹⁵

Somos compostos de forças e que como um fluxo se movimentam, se ligam, se compõem. Nossa realidade está composta por essas forças, essas linhas de força. Algumas se endurecem, pouco mobilizam-se, condensam-se. Outras são mais parciais, compondo ligações mais líquidas que fazem e se desfazem em seus meios de conectar.

Descobrir as marcas dos rastros de acontecimentos através da experiência é o que pode fazer o sujeito se pôr em trabalho, as marcas nos colocam exigência de trabalho, e é um trabalho de pensar.

“Se a gente expande um pouquinho isso a gente vai pensar, todo trabalho é de corpo. (...) É interessante, porque se a gente abre um pouquinho o baralho, se a gente entende que trabalho de corpo não é só mexer no corpo, não é só se mover com o corpo, se trabalho de corpo é qualquer trabalho em que na cena presente esteja também presente um corpo, então a maioria dos nossos trabalhos é de corpo.” (Residente CAPS AD, 2017)

¹⁵ Como é sentir um texto?

Segundo Rolnik (1993), o pensar se dá por acaso, por necessidade e por improvisação, sendo o trabalho de pensar sempre um trabalho forçado. As marcas são as que conduzem a exigência de trabalho e, nesse sentido, o trabalho é criação de corpo. O pensamento é um dos vários modos de corporificação.

“Se a memória se diferencia do tempo (de uma vida percorrida) e do espaço (de uma ação por vir), ela nos sugere um regime de atenção no qual o corpo se empresta como condutor de certas forças, e se dispõe a certas composições. Reside aí uma potência de escape do exercício colonizador do pensamento. Uma memória-potência que tem aberto caminhos inusitados que podem mesmo abalar a versão oficial da história” (AGUIAR, 2017, p.16)

De acordo com o que desenvolvi nesta pista, falamos em um trabalho de pensar. Contudo, sinto que essa resposta produz em mim certo estranhamento. Vejo-me indagando-me sobre a importância que os **corpos em trabalho** de pensar tem, no campo do trabalho em saúde mental e no cuidado.

Assumo a importância deste corpo em trabalho de pensar e logo me ocorrem outras importâncias.

Corpos em trabalho de mover.

Corpos em trabalho de notar.

Corpos em trabalho de parar.

Corpos em trabalho de cuidar.

Corpos em trabalho de olhar.

Corpos em trabalho de escutar.

Corpos em trabalho de trabalhar.

Assim, a partir destas novas aberturas, o corpo entra em cena e se constitui como instrumento operador, corpo **DE** trabalho que adquire tecnologia e saber **PARA** o trabalho, e pode muitas vezes ser tomado como uma superfície rasa a ser preenchida, capacitada e formada, um corpo disciplinado, docilizado. Interessa aqui afirmar a possibilidade de outro corpo, um corpo **EM** trabalho, corpo **EM** relação, um corpo **EM** movimento, corpo **EM** presença.¹⁶

¹⁶ Como é seu corpo em trabalho de sentir?

Acreditamos que operar essa curva no caminho da formação, a qual trás consigo o corpo, dentro de um contexto que pode ser tão duro como o é campo do trabalho em saúde mental, é uma tomada importante de posição que faço ao escolher adentrar o campo das formações de trabalhadores e da produção de cuidado ampliado.

A fim de aproximar essas formulações do campo dos trabalhadores sociais da saúde mental, partimos da escolha pelo título: “Corpos em Trabalho”. A partir desta expressão escolhida, me pergunto: que corpos são esses e a que trabalho estamos nos referindo?

A aposta é a de que ao formar, podemos produzir cuidado. Ao incluir nos processos de formação a dimensão do corpo e do sensível, fazendo valer a experiência da formação como prática de cuidado no campo da saúde no trabalho, introduzo uma diferença no modo de concebermos a formação, onde o corpo sensível contrai e sintetiza essas apostas de cuidado.

“(…) como que a gente pode ter espaços sensíveis, que a gente possa se tornar sensível, continuar sensível. Porque não é possível que as duras experiências no Caps AD sejam apenas pra estagiários e residentes, pessoas que estão chegando agora, super abertas. Por que que a gente faz isso? Nós, trabalhadores, a gente vai endurecendo e essas pessoas vão endurecendo também daqui a pouco. Então como a gente pode manter a nossa sensibilidade, é isso(…)” (Trabalhadora Social, CAPS AD, 2017)

1.3 CAPS em Movimento: Abertura de Espaços-Corpo

Integrei, por 2 anos e 6 meses, a equipe do Centro de Atenção Psicossocial voltado para a atenção a usuários abusivos de álcool e outras drogas no município de Niterói (RJ). O interesse da coordenação do CAPS por meus trabalhos anteriores com grupos através do corpo, atravessados pela dimensão artística determinou o convite para minha entrada na equipe. Naquele momento, a coordenação avaliou que o modelo de assistência predominante naquele serviço se centralizava mais em práticas de caráter ambulatorial e individualizado como práticas de cuidado. Havia ali, segundo a coordenação da época, um movimento mais padronizado de condutas de cuidado.

Assim, a abertura que me é concedida foi na direção de desenvolver propostas de trabalho individuais e coletivas, a partir da aposta nos efeitos que as experiências artística e sensível poderiam promover, podendo repercutir na assistência e no cuidado aos usuários do serviço. Entendo no momento que estaríamos apostando na clínica com usuários abusivos de drogas em sua dimensão ampliada.

Havia também naquele momento, uma aposta na promoção de mudanças na adesão dos usuários ao serviço e ao seu próprio projeto terapêutico. Além disso, numa dimensão maior, havia um desejo de contribuir para o processo de construção de autonomia e afirmação da cidadania destes usuários na sua relação uns com os outros e com a cidade, pontos fundamentais ao trabalho da assistência psicossocial, nos parâmetros da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial.

Os trabalhos com os grupos e as oficinas que passei a desenvolver confirmaram a importância dos espaços coletivos enquanto instrumentos clínicos potentes de assistência em saúde e, portanto, para nós, como instrumentos políticos. Na clínica com usuários abusivos de substâncias, faz-se necessário o tempo todo criar outras relações para além da relação com as substâncias.

Essa concepção não é evidente. Se lembrarmos da direção que nos foi dada por Rolnik (1997) a respeito de um modo de produção de subjetividade toxicômana, os usuários abusivos de substâncias seriam uma importante evidência disso. A identidade está vinculada e atrelada a um só meio de viver. Mas isso não é inequívoco. É somente UMA forma de ser.

Algumas muitas atividades coletivas já aconteciam no serviço: Notas Musicais, Dê Notícias, Oficina de Teatro, Ateliê de Arteterapia, Grupo de Redução de Danos, Hora da Notícia, Espaço Saúde, Espaço Aberto à Saúde, Grupo de Família, Dedinho de Prosa, além de outros espaços coletivos pontuais que iam surgindo a partir da presença de alunos residentes e estagiários.

Em momento anterior, o CAPS AD já foi sede de um Ponto de Cultura, projeto do Ministério da Cultura do Governo Federal, que permite o desenvolvimento e articulação de atividades culturais através de grupos e coletivos, em suas comunidades e em redes, através da Política Nacional de Cultura Viva. Esta época é sempre mencionada pelos usuários como “a melhor época do CAPS-AD”. Marcas da importância da inserção social e cultural nos serviços de saúde mental.

Apesar de as atividades coletivas, grupos e oficinas estarem sempre ocorrendo, logo percebi que não havia um espaço onde os trabalhadores pudessem pensar e trocar saberes em torno especificamente destas práticas coletivas. Não seria possível assim, dar contorno a elas, dar consistência, construir um lugar.

Qual a possibilidade de problematizar o grupo e o coletivo no CAPS?

Perceber o que os trabalhadores entendem por essas práticas, quais seriam as suas potencialidades e suas vulnerabilidades, de que modo a ela se ligam, quando e quais os contatos já tiveram. Essa é uma pista.

“(...) geralmente quando as pessoas queriam fazer trabalho de corpo, isso é a minha experiência, isso parecia meio que, como se você estivesse tentando entrar pela porta dos fundos, sabe, como se você estivesse tentando produzir qualquer coisa porque não tinha nada melhor para fazer, e muito dessa percepção vem de uma babaquice minha também não é só que eu tenha tido maus encontros ao longo da graduação (...)” (Residente CAPS AD, 2017)

O ponto de partida foi questionar qual seria a experiência pessoal destes trabalhadores com trabalhos de grupo e coletivos? Será que estes profissionais já haviam se aproximado de práticas nas quais um trabalho de corpo é a proposta?

No início, concentrei-me na realização de grupo e oficinas coletivas com os usuários do serviço. “Acordar o Corpo”, “Da Imagem à Palavra”, grupos de abertura do dia do serviço. Atendimentos analíticos individuais em consultório, a princípio não haviam sido estabelecidos como minha prática principal. Isso foi se modificando ao longo do tempo. De qualquer forma, o trabalho do psicólogo é muitas vezes tido como uma prática da escuta e eu acredito na possibilidade de escutar através de muitas formas.

Nem todas as abordagens psicológicas priorizam a escuta, talvez algumas não a priorizem por via da palavra, a clínica se amplia. As experiências que trago nesta pesquisa com práticas coletivas e grupos de experimentação sensível são clínicas. Afirmamos que a clínica também é composta pelo corpo, nos aproximando de correntes teóricas que o introduzem na cena analítica, dentro e fora do setting analítico tradicional. Na experiência, às vezes escutar, o que entendo ser base no trabalho clínico, é ver, sentir e também decidir a partir de que lugar escuta.¹⁷

Com o decorrer de alguns meses no CAPS AD, as práticas clínicas coletivas ganharam mais espaço. Eram vistas, notadas, pautadas na reunião. Tivemos a contratação de uma arte-terapeuta e professora de teatro no serviço, apesar de não contarmos com o material e nem com a estrutura necessários para o desenvolvimento de trabalhos específicos nessa área. Essa entrada também fez diferença.

¹⁷ O que você pode escutar em seu corpo agora?

Percebi que uma rede foi podendo ser tecida junto às articuladoras intersetoriais do serviço que, dentre muitas funções de formação de redes e matriciamento, bancavam também possibilidades de realização de atividades culturais fora do espaço físico do CAPS, em dispositivos culturais da cidade.

Junto com a arteterapeuta e a antropóloga (articuladora intersetorial), criamos o Núcleo CAPS em Movimento, visando a necessidade de encontros para construção, organização e visibilização de propostas partindo dos aspectos do cuidado e da assistência referentes à cultura, às práticas artísticas e de sensibilização, às práticas coletivas, dentro e fora do serviço.

Ali, pretendíamos possibilitar a construção de outros tipos de práticas a partir, justamente, dos atores que compõem aquele espaço, investindo também nas articulações ao território. Temos aqui outra modulação dessas práticas de cuidado e assistência, a proposição de outra força que não se desprega de atribuir uma qualidade à primeira.

O Núcleo criou espaços de construção coletiva e estudo sobre práticas em grupos e seus efeitos, delineando-se assim como um dispositivo que, segundo nossa avaliação, tinha na integração, sua maior potência. Integração entendida seja como se dando entre os trabalhadores da equipe, entre equipe e usuários, entre equipe e o ambiente do CAPS, entre usuários e o ambiente do CAPS, entre a coordenação e a equipe, enfim, são modos possíveis de integração.

“Fazer o grupo tá sendo muita experiência né, eles também trazem, a gente não só leva, eles trazem as ideias, entendeu? Eles trazem as ideias, a gente coloca no grupo, discute o assunto.” (Trabalhadora Social CAPS AD, 2017)

Logo fomos percebendo que a integração se referia, inicialmente, ao espaço de construção que pôde ir se criando **entre** os integrantes da equipe, multiprofissional e diversa em sua composição. O trabalho em um local de assistência e cuidado da saúde mental impõe ao profissional intenso exercício de lidar com suas resistências e de criar estratégias de cuidado clínico que vão além da representação e da fala enquanto discurso fechado. Estas estratégias precisam incluir uma dimensão de ações, escuta e práticas sensíveis sempre em movimento e que se diferem a cada encontro. Há de se vincular. Um exercício político, ético e estético a cada vez.¹⁸

Contudo, a disponibilidade para essa abertura a tantos múltiplos não está dada. E não é de forma solitária e individual que acredito ser o caminho para seguir nesta aposta

¹⁸ O que no seu corpo trabalha?

de aberturas possíveis. Em um serviço direcionado ao cuidado de sujeitos com questões relacionadas ao uso de substâncias, nos vemos diante de intensidades de encontros que nos levam ao limite enquanto pessoas, até mais do que como apenas trabalhadores de um serviço.

Além disso, as condições de trabalho e de investimento da gestão de saúde de Niterói (seguindo o panorama nacional) são as piores possíveis. Não se pode, nem mesmo, contar com o investimento público do Estado previsto em leis e portarias e na própria lógica de sustentação do SUS. Esta situação se dava apesar de os trabalhadores e usuários, através dos movimentos sociais por eles construídos, terem investido na exigência e tentativa de ocupação de seus lugares numa co-gestão na produção de saúde, coletiva e múltipla.

Os trabalhadores sofreram e sofrem golpes assustadores: desde direitos trabalhistas até impossibilidade de recursos para trabalho diário, ao lado de muitos níveis de precariedades. Os usuários, acostumados com a realidade precária do serviço, veem-se imprensados numa lógica onde não são reconhecidos como sujeitos com direitos a se vincularem a outras coisas na vida que não sejam a substância e seus próprios caos pessoais.

Em face da ausência de mínimas condições para a assistência e para o trabalho, e diante do desmonte de outras muitas equipes a equipe do CAPS AD revelou estratégias de resistência importantes que, tanto para mim quanto para os colegas da equipe com quem venho reunindo depoimentos, foram primordiais no caminho de experimentação de uma prática do Comum¹⁹. Contudo, nada disso se sustenta sem dificuldades.

O CAPS em Movimento, a meu ver, passa a ter lugar como dispositivo sensibilizador, reafirmando que, antes de qualquer coisa, precisamos nos experimentar enquanto sujeitos de afetos, como corpos afetados e é aí que residiria nossa potência de vida, de trabalho e de relação.

Minha aposta é a de que uma das principais linhas de força que compõe esse movimento é um dispositivo onde as intensidades, as falas, os corpos, as inquietudes, os êxitos, o cansaço, toda vibratibilidade do corpo subjetivo pudera se agenciar numa construção coletiva.

¹⁹ Comum aqui utilizado a partir das formulações de Toni Negri e Michael Hart no livro “O Bem-Estar Comum” de 2016 e também em outras obras dos autores. Desenvolveremos mais sobre essa noção que se mostra fundamental para o trabalho. No entanto, aqui, arrisco mantê-lo sem aprofundamentos pois há sempre alguma atribuição de sentido a palavra “comum”, significação que pode ser produzida a cada vez.

Caminho, então, na direção de pensar o CAPS em Movimento como agente de contágio e de circulação de uma lógica de experiência coletiva que produz efeitos de coletivização e de individuação, mantendo vivo o entendimento de que uma equipe é e precisa se experimentar sempre como multiprofissional, criando a necessidade de colocarmos em movimento o pensamento, o corpo, o trabalho e o encontro.

Podemos dizer de modos de produzir cuidado e formação experimentados através do CAPS em Movimento como Redes Vivas, um “modo de produção das conexões existenciais de indivíduos e coletivos, em diferentes contextos de grupalidade e modos de viver, socialmente” (Merhy *et al.*, 2014).

Aponto aqui meu interesse em tentar evidenciar essas Redes Vivas através da investigação dos modos de produzir cuidado e formação experimentados através do CAPS em Movimento.

Estou ciente de que, até aqui, apresentei conceitos e ideias que precisarão ser trabalhados no processo de escrita da dissertação. Neste momento, eles aparecem como um ensaio, um exercício inicial de construção de pensamento junto com elementos da prática indicando direções de análise e de experimentação da escrita.

1.4 Corposição²⁰ de Afetos: Ensaio para uma Escrita Afetiva

Sugiro uma pausa.

Uma dobra na borda da superfície, borda da pele que dá contorno a este texto. Ao propor uma reconfiguração das definições, noções, ações e conceitos, na medida em que aposto na sustentação da exposição afetiva e posterior análise de práticas que fariam com que a dimensão criativa, potente e inventiva integre o campo de saúde do trabalhador e do cuidado em saúde mental, passo a tomar como questão o próprio ato de escrita deste trabalho.

Como transmitir essas transversalidades da experiência? Como não engessá-la?
O afeto cabe em palavras?

²⁰ O título deste item foi criado a partir da combinação das palavras composição e corpo, a fim de ressaltar a articulação necessária do corpo afetivo e sensível também nos processos de escrita. Contudo, cabe também mencionar a referência ao “Corposições – Profanações em Afeto, Performatividade e Território”, coletivo de pesquisa sediado no Rio de Janeiro (RJ), vinculado ao Laboratório de Subjetividade e Corporeidade /IPSI-UFF/FAV/UFRRJ/UFC, que investiga composições coletivas e modos de existência em comunidade a partir da articulação entre dança e clínica. Afirmo aqui que minhas trocas com as experimentações do coletivo também atravessam essa pesquisa.

Introduzo aqui a função do espanto como afeto disparador. Gonçalo Tavares (2013a) coloca-o como sendo o afeto fundamental. Tornar-se vivo pelo espanto, estranhar a maquinaria, habitar não lugares onde os gestos não têm sentido, mas são sentidos. O espanto se presentifica como o assombro de gestos que escapam às palavras.²¹

Assim, acredito não ter um texto ao qual quero chegar. Essa possível esperança projeta um fim, fecha o circuito de movimento afetivos. Não se trata de projetar, mas sim, de presentificar.

Voltamos ao espanto. Voltamos a academia.

Meu primeiro espanto sempre veio da academia. Que lugar é esse?

O espanto de chegada, o espanto com o fechamento, o espanto com a rigidez com a qual vão se inserindo os conceitos, as ideias, os saberes. São práticas veiculadas na escolarização que se hegemonomizam e tomam conta dos processos educativos.

O espanto com o desafeto, com as relações. Onde estão as práticas?

Sem sombra de dúvidas, a vivência na universidade foi expansiva, mas havia um incômodo. Me graduei na UFRJ. No IPUB-UFRJ, me pós-graduei. Maravilhosas lembranças e marcas, porém, um estranhamento me rondava. Uma certa forma heterônoma de se apresentarem as relações. Não todas, nem todas. Ainda bem.

O território da universidade reflete bem a suposta democracia que se tenta instaurar no país há tantos anos. Ambiente elitizado, saberes elitizados e colonizados. Naquela época, isso não era claro para mim. Eu representava o sujeito de privilégios ali. Universidade pública, diversidade. Diversidade? Sim. Sempre. Mas acho que não necessariamente representatividade. E a diversidade ali parece encontrar-se silenciada ou invisibilizada. Formações baseadas em modelos únicos, pouco atravessados.

Saberes vindos de fora, saberes que nem sempre diziam de uma história local, de uma prática local, do reconhecimento local. Isso não me era evidente, na época. É a universidade pública, porém voltada principalmente para um certo tipo de público, sustentada por um certo tipo de saber, uma certa forma de operacionalização tradicional, composta por uns certos tipos de docentes. Os corpos, os corpos diferentes sentados em uma mesma cadeira. Molde.

Após a formatura, me deixo levar por outros mares. Vou ao Hospital Psiquiátrico de Jurujuba, emergência e porta de entrada da saúde mental do município de Niterói.

²¹ A escuta do corpo lhe espantou?

Me despotencializo. Ou me saturo. Não sei. Preciso criar. Tento. Mas parece uma sustentação solitária ou mesmo, pouco duradoura. Precisava experimentar outras possibilidades de circular nos moldes. O espanto neste novo espaço vinha com a facilidade pela qual os encontros, as relações se desfaziam. Nos atendimentos, nas clínicas ampliadas pelos corredores, jardins, territórios, há tanta grandeza. Há vida. Há produção de vida pelo encontro com a vida. Há bastante sofrimento produzido na vida também. Não a minha vida, não a vida do outro, mas a vida na sua dimensão de encontro, de troca, de afetação. Mas há solidão. Desamparo? Há equipe, há coletivo, mas o que dura? O que move? Aos poucos cada um vai se circunscrevendo às suas próprias salas internas, seus espaços privados. O que resta lá fora? O que resta de coletivo?

Movo

Testemunho

Ouçõ

Me testemunho

Cartografia

Acompanhar

Tenho corpo para algumas coisas?

Tenho corpo pra quê?

(Testemunho de Adriana Penatti – Aula Movimento Autêntico – Curso de Pós-Graduação em Terapia Através do Movimento – Agosto, 2013).

O Movimento Autêntico é uma das disciplinas oferecidas ao longo do curso de Pós-Graduação em Terapia Através do Movimento (TAM) da Faculdade Angel Vianna. Trata-se de um método somático de pesquisa-prática do movimento, do gesto e da palavra pelo qual nos debruçamos sobre os estados finos da percepção na experiência sensível / sensória do corpo.

“Vejo no outro o que está em mim. Também é de mim o que o mundo fala”. Nas práticas de Movimento Autentico, a experiência nasce da relação que se cria entre Movedores, os que se movem de olhos fechados por um determinado tempo, livremente, e as Testemunhas, as que se presenciam testemunhando os movedores. Em alguns momentos, após essas experiências, fazemos o exercício de construção de

inscrições possíveis das mesmas através de testemunhos, escritos, desenhados, movidos, ecoados.

Encontro na prática do Movimento Autêntico um modo de aproximação com e entre corpos no qual criam-se possibilidades de escuta apurada dos impulsos de movimento.²²

A dança continua. Como bailarina e professora, interprete e criadora, assistente e aluna, sigo nesses territórios. Me sinto muito mais potente nos palcos e salas de ensaio do que nos consultórios e instituições. Vou em busca de outras academias. Sigo em busca de outro lugar que não a Psicologia. Vou dançar. Já vinha dançando. Contudo, queria minha dança.

“... faz do devir-dançarina a condição de todo o devir, é preciso passar-se por um devir-dançarina para se mergulhar num processo de devir. Porque o devir é dançarina.” (GIL, 2001, pp. 244-245).

Precisei me retirar de um campo e investir em outro. Uma abertura. Ao abrir, o que veio? Corpo.

Fui dançar, fui criar, fui experimentar. Sozinha, em coletivo, no palco, na rua. Cheguei à Maré²³ e mais uma vez, me experimentei. Acompanhei um processo inteiro de criação de espetáculo junto de uma companhia: uma trilogia que tinha como disparador a pergunta “como viver juntos”, como habitar a e ocupar o corpo, como estar com o outro, como estar na cidade, como estar na Maré, como fazer arte com cidade, como fazer arte com a Maré. Era uma aposta de articular dança, política e arte. Infelizmente o projeto bailarina não seguiu adiante, mas a experimentação de criar e se recriar nos espaços continuava.

Dançar a psicologia, subjetivar na dança. Não me cabia numa delas. Estava saturada da outra. Encontro outros voos. Decido voltar a estudar. Decido buscar formação. Encontro deformação. Faculdade Angel Vianna. Encontro outra possibilidade de faculdade, na qual uma sala somente, em todo espaço na faculdade, tinha cadeiras para nos sentar. O que você faz quando não tem cadeira para sentar? Você cria. E experimenta. Você senta. Você deita. Você levanta. Deita no colo. Olha para o teto.

²² A dança do movimento do seu corpo. Se escuta?

²³ Após dançar profissionalmente no Grupo Tapias Cia de Danças, fui estagiária e assistente da Lia Rodrigues Cia de Danças por 1 ano, situada na Nova Holanda, no complexo de favelas da Maré. Segui como professora da Escola de Danças da Maré por mais 1 ano e meio. Para mais informações acesse <http://www.liarodrigues.com>.

Afasta. Fecha os olhos. Aproxima. Move. Testemunha. Estou num espaço de experiência de si, do outro, do sioutro. Ser si. Ser outro. Outrar-se²⁴. Há uma abertura possível que vai se criando. Abertura de corpo. Abertura que não está dada. Experimento, sinto, gesticulo, danço, movo, esperneio, grito, choro, leio, discuto, agito, formulo, conceituo, me territorializo/desterritorializo. Num movimento me coletivizo, em outro me singularizo. Surge uma prática possível. Abre-se para a outra clínica. Clínica dos afetos.

²⁴ Referência ao trabalho de doutorado escrito por Resende (2013) “Escutar com o corpo: a experiência sensível entre dança, poesia e clínica. 2013. Tese de Doutorado – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia.

Me Corpo
 Te laço
 Me vejo
 Te esbarro
 Me roubo
 Te espalho
 Te falo
 Me sente
 Me
 TeCorpoMe
 MecorpoTe
 Me espaço
 Me faço
 Me conto
 Te lanço
 Te corpo
 Me perco
 Te corpo
 Te como
 Te movo
 MeTento
 Te
 CorMePoTe
 TePoCorMe

(Adriana Penatti, Ensaio Escrita, Junho de 2017)

Pedaços de mim
De repente
Neste momento lustral
Ter subitamente
Um pulso
Só é ação
E o que fica?
O que vem!
Aí está.

Quase todos os dias eu monto
Alguma coisa que não sou eu
Instantes de mim
Num pulso temporal
Momentos
Um
E outro
E outro
E outro
E
...

**Adriana Penatti e Manuela Romero - Oficina de Escrita para disciplina Circuito
dos Afetos e Processos e Criação - UFRJ - 16.05.2017.**

Aposto então, 10 anos depois de graduada, no espaço do mestrado na esperança de um outro espaço, distinto. Sou levada a Niterói. Sou levada a UFF. Uma aposta grande também sustentada a partir da esperança de poder me espantar. Me espanto. Com outras coisas que não esperava. Me espanto com as ocupações. Me espanto com a universidade das políticas afirmativas. Me espanto com o teor das discussões acerca das ações afirmativas, me espanto com as disputas, me espanto com a política. Tensionamentos. Me espanto comigo no meio disso. Me espanto com minhas implicações. Entendo que o lugar onde achei que pudesse encontrar sossego de reflexão, me desassossega também.

Mas isso não é um problema. É o espanto. Afeto primordial. Mobilizador de corpos. Gonçalo Tavares provoca ao sustentar esse espanto em seu modo de escrever e de propor suas ideias. E escolhe nomear um de seus trabalhos com o espanto de “Atlas do Corpo e da Imaginação” (Tavares, 2013b). Corpo e imaginação se fazem e refazem. Movimento.

Qual o meu modo de escrever? Como seria escrever dançando? Dançar escrevendo? Faço um convite para acompanharem esse trecho com um som. Para isso, reproduza o vídeo *Movimento III – Mônica Salmaso* presente no Youtube^{25,26}

é molhado de costas
é impermeável de braços
é de frente e de lado de costas
um pouco mais embaixo de braços
é como é de costas
como deve ser de braços
fica de pé de costas
deita no chão de braços
fecha sua couraça de costas
abre aspas de braços
acha graça de costas
dá risada de braços
fala no telefone de costas

²⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fVKNsPKqrsG>>. Acesso em: 05 ago. 2018.

²⁶ Feche os olhos. Encontre uma posição que te seja confortável. Ouça a música. Onde te toca? Te toca?

*escuta passos de braços
voa no céu de costas
respira em baixo d'água de braços
é como estar de braços de costas
é como estar de braços
é a mesma pessoa de costas
se transforma de braços
fica cansado de costas
descansa de braços
fala pelos cotovelos de costas
pensa melhor de braços
ajoelha de costas
senta de braços
a chuva cai de costas
os automóveis passam de braços
já é de madrugada de costas
adormece de braços
abre o portão de costas
anda na rua de braços
tem certeza de costas
fica em dúvida de braços
muda de posição de costas
não quer ficar mais de braços
deita de costas
acorda de braços
toma água de costas
toma sol de braços
fica boiando no mar de costas
nada de braços
levanta de costas
sente o peso dos braços de braços
acorda de costas
volta a dormir de braços*

(Grupo Corpo – Momento III – Arnaldo Antunes)

E volto a Niterói, território de onde provém as ideias para a pesquisa de mestrado. Estas, por sua vez, aparecem da prática, da vivência no trabalho compondo uma equipe de saúde mental em um serviço destinado ao acompanhamento de usuários abusivos de substâncias. Espanto. Num espaço em que me é oferecida a oportunidade de desenvolver meu trabalho de psicóloga-dançarina como quiser, no modo que eu quiser, me espanto. Me espanto com os corpos e as multidões. Cadê?

“Basta que haja circuito de afetos para que haja corpos em relação, mas o que não pode existir é política sem corpos. Habitamos o campo político como sujeitos corporificados e por isso, como sujeitos em regime sensível de afecção.” (SAFATLE, 2016, p. 95).

A partir dessa noção central – a de circuito dos afetos - apresentada por Vladimir Safatle (2016), passo a me interrogar se haveria algo que determina sua percepção, ou seu reconhecimento e experimentação.

O autor define sociedade como circuito de afetos e não como um conjunto de normas e valores nos quais os sujeitos coexistem e partilham. Sua perspectiva crítica vem na sustentação dessa noção bastante específica de sociedade. Traz também a noção de corporeidade excessiva, articulando a partir dela, política e corpo. Estão “aqui-la”, política e corpo. Juntos. As articulações possíveis entre os dois são um dos principais objetivos de minha pesquisa

Que articulação existe entre corpo e política no campo da saúde do trabalhador?
Que articulação existe entre corpo e política em nossos processos de formação?

Reparem que a pergunta já afirma essa existência. Resta desenvolver um como.

Sustentar a reinvenção do corpo para exercermos uma política de “nosso tempo”, diz Safatle. Nesse sentido, proponho a construção de um plano onde o corpo político se constrói e se sustenta na sua capacidade de atravessamentos múltiplos. Disponibilidade para o atravessamento e a passagem pelo circuito.

As leis e as normas que compõem a sociedade e, quase em passagem direta, compõem o indivíduo são atravessadas por outras dimensões que não são estritamente construídas a partir das leis em si. Há um circuito dos afetos possíveis, algo que excede a lei.

Assim, poder nos aproximar do acompanhamento dos processos de produção desses corpos políticos afetados nos conduz à uma aproximação do que está em jogo na noção de poder, oferecendo-se como outro elemento central na pesquisa. Cabe então, falar de pessoas, de eus, de sujeitos para exercermos a vida como uma vida política,

eticamente orientada. Como nos diz Safatle, a “política não opera em um espaço vazio, mas em um espaço saturado de representações, construções, fantasias, significações postas, trajetos de afetos corporais.” (Safatle, 2016, p. 95).

Afetos e irracionalidade não estão juntos, como se poderia pensar e como muitos sustentam. São as marcas do cartesianismo no mundo contemporâneo. Formas de vida se fundamentam em afetos específicos. Formas de vida hegemônicas são produzidas e reproduzidas por um circuito de afetos específicos. Nesse sentido, o que se propõe é o rompimento com UMA linearidade normativa e abertura de corpos-caminho para outras linearidades possíveis. Subjetividade é isso: “maneira pela qual se faz passar alguma coisa que escapa aos códigos: linhas de fuga ativas revolucionárias”, diz Deleuze (2002).

Cartografar esses trajetos de afetos corporais. Está aí uma prática que me causa. Acompanhar os processos de ascensão de possíveis trajetos de afetos corporais numa direção de mapear possíveis forças de reconfiguração do sensível.

Na presente pesquisa, pretendo construir esse mapa cartográfico de pistas que me levaram até agora, a sustentar a necessidade, a força e a relevância da existência e experimentação de um campo aberto de **formação sensível permanente**.

“Sensível acho que vem do olhar, um olhar diferenciado talvez, né? E que possa permanente, sensível e permanente. É um olhar que possa se propagar, de alguma coisa, de algum conhecimento, eu acho que é isso, um olhar de algo que venha a introduzir alguma coisa, que aquilo se propague e se leve a frente.” (Trabalhador Social CAPS AD, 2017)

“Tem aquela sensibilidade de sentir o lugar do outro” (Trabalhador Social 2 CAPS AD, 2017)

Investigar as condições para promoção de um **dispositivo montado no corpo e no movimento** (ambos utilizados aqui como operadores de atravessamentos sensíveis), apontando-o como estratégia de formação/deformação em equipes de saúde mental. Está aí outra pista que me mobiliza. Assim, objetiva-se sustentar a ideia prática de produção de espaços de participação coletiva e produção de micropolíticas de transformação social (Aguilar & Rocha, 2007).

Porém, afirmo aqui que a escrita e a tentativa de dar corpo-palavra nesse percurso de pesquisa leva-me diretamente a me obstaculizar diante das normatizações e das leis, cada vez mais intensificadas e fortalecidas atualmente e que posso senti-las em mim. A academia, o serviço de saúde, a promoção de cuidado, a escrita, o corpo, o

trabalho, a formação, subjetivação, são conceitos que parecem impregnados de rigidez e normas para suas definições e para suas experimentações. São espaços saturados. Produzem um excesso. Foram capturados na lógica neoliberal. Safatle (2016) nos afirma que é justamente neste espaço saturado que a política cria.

A academia é um espaço saturado

A equipe de saúde é um espaço saturado

A escrita acadêmica como espaço saturado

A noção de corpo como espaço saturado

São nos espaços repletos de normatividades que essa saturação atua, gerando excessos. A cada vez que venho falando sobre meu tema de pesquisa em espaços coletivos, me deparo com um fator que se repete: noções como corpo, saúde, trabalho, clínica, afeto, sensibilidade, geram bastante problematização e o esforço em defini-las por palavras me é sempre enorme. Me vem imagens de movimentos, me vem sensações, me vem afetos, me surgem memórias, mas muitas vezes a palavra de sentido me falta.

A linguagem e as palavras me colocam em constante questionamento. Qual o lugar delas? Os dispositivos da escrita acadêmica e da discussão acadêmica se demonstram numa certa saturação. E o que fazer com esses excessos produzidos? Os excessos revelam afetos, como nos diz Safatle.

Estamos diante de estruturas de poder a serem confrontadas. Poder que produz modos de construção de corpos políticos, constrói circuito de afetos com regimes de implicação específicos. Se quisermos e apostarmos numa mudança dessas estruturas de poder que estamos problematizando e visibilizando, é preciso começar a nos perguntar “como podemos ser afetados de outra forma” e, diante desta abertura “será necessário estar disposto a ser individualizado de outra maneira, forçando a produção de outros circuitos.” (Safatle, 2016, p. 15).

Este foi e é o desafio que está na base de sustentação das práticas que busquei visibilizar e corporificar na pesquisa: o desafio de buscar formas outras de se afetar e produzir com isso. Ele também esbarra na escrita do texto.

Diante disso, habitando o afeto de angústia de não saber como experimentar uma escrita leve, acessível e sensível, que pode ser lida e sentida e que não seja diminuída ou tomada como habitando o terreno do irracional, do inferior – como costumam ser taxados os estudos das emoções, dos afetos, do sentido, do corpo – encontro nas

colocações Jorge Larrosa (2016), a abertura de espaço para uma escrita acadêmica que se dá como **ensaio**.

A partir de uma confrontação com as ideias de Adorno sobre o ensaio, Larrosa ensaia. Eu encontro um lugar possível também. Sustento aqui minha política de escrita. Larrosa afirma o ensaio como aquilo que duvida do método, este último definido como aparelho de controle do discurso, o discurso da academia, o discurso da verdade. Nesse caminho, afirmar o texto como ensaio possibilita justamente o que aqui neste texto se forçou a acontecer: a conversão do método em problema. Sendo assim, utilizar-se do ensaio como prática política de escrita é manter uma dimensão de constante problematização do método, forçando autor - e leitor - a se engajarem nos circuitos afetivos de transformação de seus lugares.

O ensaísta é aquele que não define os conceitos, mas sim, vai precisando-os no texto ao mesmo tempo que os desdobra e os relaciona (Larrosa, 2016). Ensaio como exposição. Exposição que nos conduz a afirmar a necessidade de implicação do autor-escritor-narrador nos conteúdos expostos e experimentados. No ensaio, ciência, arte e filosofia se confundem. Ainda bem. Encontro minhas linhas de transversalização.

“O ensaísta não parte do nada, mas de algo preexistente, e parte, sobretudo, de suas paixões, de seu amor e seu ódio pelo que lê (...) não apaga o riso nem o enfado, nem suas emoções e evocações.” (LARROSA, 2016, p. 25).

Ensaio na escrita. Uma aposta. Uma luta de afirmação da vida numa outra política de escrita. O ensaio no trabalho. O ensaio na saúde. O ensaio na dança. Podemos seguir esta mesma direção?

Os ensaios são caminhos de construção de campos de experimentação de afetos, campos intensivos. Nesses caminhos, encontramos muitas durezas e diante delas, lutamos, e lutamos por direitos de afirmação da vida. Isso pode incomodar. Isso incomoda. Esse incômodo agora nos serve como disparador para refletir.

David Lapoujade (2016) afirma que a luta por afirmação incomoda porque apresenta pontos os quais as formas tradicionais de organização e instituição não podem suportar na medida em que determinam alguma forma de doença.

No exercício de luta por direitos à vida digna, o plano dos sentidos e o acesso a ele é questão fundamental. Algo que se apresenta para além da questão biopolítica, de controle dos corpos, meios e formas. Rolnik (2014), em uma entrevista de 2010, aponta para a potência de criação na cidade, num contexto onde somos muitos e variados. Na

cidade, pensar em política e democracia parece tão distante se nos deixarmos levar pelos mares do consumismo e das prisões homogeneizantes que nos rodeiam. Abrindo-se para outros caminhos e possibilidades, a autora argumenta que é na ativação da capacidade do corpo de saber quando a vida está vingando ou mingando que está o foco de uma luta micropolítica.

Acredito que o fio condutor para as investigações pretendidas neste projeto está no corpo e seus atravessamentos e na prática micropolítica implicada nesse processo de abertura. Nesse sentido, o corpo é sustentado como condutor e/ou território adensador de certas forças que podem ser instituintes.

Mas como falar do corpo? Como acessar o corpo com texto?

O ensaio sobre o corpo. Vivemos corpo. Ensaíamos para dar corpo a uma performance, por exemplo. Mas cada ensaio e cada performance muda. Como intérprete-criadora, sempre gostei muito mais do processo de criação do que do resultado em si. Mas no palco e na vida, na performance e na clínica, há algo que se produz e se presentifica ao colocarmos o produto em cena. Há um encontro. Artista-expectador, clínico-cliente, vida e arte. Afecção.

Nesse caminho, eu, autora, me coloco como gesto.²⁷ Nas ideias de Agambem (2005), no texto o autor está presente em um gesto, e este é um gesto que marca sua ausência. Uma presença singular onde o gesto é aquilo que se mantém inexpresso em qualquer ato de expressão, mantém o movimento e possibilita a leitura justamente porque traz em si o vazio de uma ética, de uma forma de vida. A vida aparece “unicamente por meio daquilo que ela silencia” (Agambem, 2005, p.59).

A escritura, para o autor, também é dispositivo. Investigar um dispositivo a partir de outro dispositivo. Haja gesto para emergir silêncio! No silêncio, cria-se espaço, cria-se lugar. Lugar de gesto, que se produz entre, no encontro de quem escreve e de quem lê. E assim seguimos no constante ato de profanar ideias, conceitos, sentimentos e sensações, dando a eles novos possíveis espaços de afirmação de forma de vida.

As lutas e movimentos micropolíticos buscam afirmar a vida digna e dessa maneira instauram processos. Processos de coletivo e processos de subjetivação. Não estamos aqui fazendo uma cisão entre mente e corpo, individual e coletivo. Esse risco aparece sempre ao ensaiarmos respostas. Trata-se justamente, com minha pesquisa, de

²⁷ Na dança do corpo, quais os seus gestos?

explicitar, através das práticas e experiências que registrarei ao longo do processo de ensaio-escrita, o movimento de presentificação de corpo coletivo.

De que processos estou falando?

Processo como ruptura que força o movimento de produção e diferenciação. É preciso romper com esse corpo submetido a um suposto fazer, o qual nós acreditamos possuir ao sermos formatados em cursos, graduações, institucionalizações, supostas capacitações. Contudo não só de formas rígidas se dão esses espaços.

Na medida em que me engajo na pesquisa desses processos, entendo que estou me engajando também na afirmação de outras possibilidades, formas de vida, presentificando outras existências. Assim, me interessa afirmar a existência dos trabalhadores de saúde, na medida em que possa se abrir e sustentar um espaço para experimentarem o seu trabalho como ato poético, como momento de potência e como potência de criação. Um “trabalho vivo”, nos diria Merhy (2002).

Contudo, não se trata de sustentar um trabalho a qualquer custo. Na saúde, a situação do trabalhador é tão precarizada, a partir de tantos vieses, que invisibilizar-se por trás de uma suposta técnica de trabalho e conhecimento parece ser uma das formas mais perversas de submissão. Como fazer falar e possibilitar o valor da luta contra as lógicas de dominação? Não falamos pelos outros. Fazer falar é bem diferente de falar por.

Diferente então é construir um plano de consistência habitável no corpo vibrátil (Rolnik, 2006), que vibra, afeta e é afetado, bem diferente de um corpo disciplinar, um espaço de fazer falar. Para Foucault (2000), os dispositivos disciplinares de poder também fazem falar. Para que esse “fazer falar” opere no contragolpe das forças de contenção, proponho a experiência por um dispositivo que possa criar referência e plano comum no espaço coletivo de uma equipe de saúde. Uma referência de vibratibilidade num plano comum.

A partir disso, desse espaço de deixar-falar, se questionar, nos questionar. Problematizar (Foucault, 2010). E criar. Isso não é possível se ensinar, mas é possível se viver. Essa é a aposta política: introduzir na instituição uma função militante (Deleuze, 2002) através de experimentações coletivas de afetos e sensações.

No processo de desenvolvimento deste texto, me vi impulsionada espontaneamente a escrever de um jeito endurecido e rigoroso demais. Me incomodei por não conseguir por vezes sair dos conceitos. Voltei aos cadernos. Voltei às

anotações. Foi difícil sequer iniciar. Precisei passar pela dureza e a segurança da norma para me aventurar nos ensaios. Fazer uma dobra precisa de uma superfície.

A cada vez que eu exponho minhas ideias, discuto minha pesquisa, levo-a para tecer-se troca, o que se evidencia é uma leitura primeira de conceitos como clínica, dança, política, afeto, sensibilização, trabalho, saúde, formação, a partir de uma escuta mais superficial, por vezes dura, ligada a uma forma de experiência um pouco fechada no encontro com as ideias, por assim dizer. Mesmo em ambientes atravessados por discursos e práticas progressistas, sentia essa dureza primeira.

Demandava a mim mesma uma atenção muito maior a exposição de definições ampliadas e afetadas desse território conceitual do que a aprofundar em outras camadas e expor problemas de pesquisa e problematizações que me surgiam. Esta definição ampliada e afetiva não me é nada fácil. Não está dada e é justamente uma das descobertas mais difíceis que a atitude cartográfica nos coloca. O trabalho convoca-me a movimentar-me de outros jeitos pelos conceitos. Exercícios de Implicação. Movimentos aberrantes (Lapoujade, 2015). Quero dizer que eu mesma ainda fico amarrada na dureza por vezes.

Indicamos a formulação de “movimentos aberrantes” que o filósofo David Lapoujade (2016) faz acerca do que ele detecta como movimento de pensamento que atravessaria toda a obra de Gilles Deleuze. A aberrância vem justamente pela suposição de uma lógica irracional sobre a qual Deleuze constrói seu pensamento e pela qual ele também o torna passível de ser um instrumento de luta política. Tais formulações nos auxiliaram na escrita da dissertação, na medida em que estamos apostando no movimento sensível como sendo também necessário à construção de pensamento, na produção de saberes e práticas.

Engajo-me em um movimento de ir e vir nas durezas e fluidez e assim, vou encontrando um caminho.²⁸ Me pre-ocupo em citar sem transcrever. Me pre-ocupo em utilizar referências e articulá-las. Me pre-ocupo em dar palavras ao corpo, à experiência. E tem coisas que não lhe cabe. Preciso aceitar. Sei lá. Eu sei, mas está lá. Lá, mas não sei onde.

“Tem um negócio aí que talvez você (Referindo-se a Adriana) não consiga escrever mesmo, que é uma coisa que não dá pra explicar (...), sei lá. Lá, tá lá! Em algum lugar lá eu sei que tá. Eu sei lá aonde tá, eu sei lá o que é isso, não sei, sei lá, tá lá. Então eu acho que é assim com esse trabalho nosso que

²⁸ Experimente um gesto duro.

a gente leva aí pra vida toda. A gente não sabe dizer, mas tá lá.”
(Trabalhadora Social CAPS AD, 2017)

É preciso um **plano comum**. No momento em que me deparo com o desejo de desenvolver essa escrita, entendo que gostaria de criar um terreno de movimento e experiência e convidar aos leitores a poderem, a partir de durezas, mover-se fluidamente e me ajudar a criar esse terreno conceitual afetivo sobre o qual preciso me debruçar.

No caminho de construção de um plano comum, o amor, um afeto numa perspectiva ampliada proposta por Negri e Hardt (2016), aparece como força engajada num processo de produção do comum e de produção de subjetividade.

Estamos acostumados a pensar em meios de produção de bens materiais e outras necessidades, mas aqui, destaco outros processos. Ao trazer estes processos subjetivos através das narrativas de minhas experiências e dos trabalhadores sociais com quem componho o campo junto aos seus possíveis efeitos, pretendo corporificar esses movimentos de pensamento que trago aqui.

Acredito estarmos nos deparando com modos de produção de cuidado, de solidariedade, de comunidade e de cooperação em projetos comuns como mecanismos essenciais de sobrevivência (idem).

Nesse sentido, gostaria de criar uma superfície comum no caminho de desenvolvimento de minha pesquisa. Procuo misturar linguagens na pesquisa, em minhas apresentações e oportunidades de transmissão de ideias. E por aqui estou ensaiando dispositivos, apostando que a aberrância neste processo de pesquisa seja o exercício de criação de um arsenal de conceitos afeto-perceptivos que possam construir uma superfície comum e porosa para as experiências, podendo produzir ideias e corpos que se fizeram e se fazem neste exercício constantemente e simultaneamente.

É preciso transver o mundo, já diz o poeta Manoel de Barros em seu ‘Livro sobre Nada’ (de Barros, 2016).

1.5 A Implicação Diante da Experiência Presente

Ao ler algumas passagens do texto do Exame de Qualificação, escritas no primeiro ano do curso do mestrado, senti-me ingênua, senti que estava reproduzindo algumas ideias sem analisá-las a partir do contexto histórico atual.

O ano de 2013 foi um marco importante para as agendas de luta do país em torno das reivindicações de direitos sociais. Ocorreu neste momento uma importante

rearticulação do movimento secundarista e estudantil com a ocupação e algumas escolas no país junto a outros grandes atos, e movimentos da sociedade civil que reconduziram às ruas e aos corpos sociais o poder de reivindicação por direitos e pela afirmação da democracia participativa.

O que pude aprender desde minhas experiências nas jornadas de junho de 2013, conciliada com minha própria prática profissional, foi que a primeira maneira para tentarmos lidar com a sensação de imobilidade e de incapacidade de agir, é poder falar destas, compartilhar, fazer rede a partir de experiências que podemos coletivizar. Junto a isso, colocamos a necessidade de criar possibilidades também de silenciarmo-nos, escutarmo-nos podendo sentir e ouvir os ecos dessas experiências, entendendo que nos processos de compartilhamento, de troca, coletiviza-se e singulariza-se ao mesmo tempo, sem tentar supor uma dicotomia fundamental entre esses processos, entre sujeito e coletivo, individual e grupal.

Meu ano de entrada como psicóloga do CAPS AD foi justamente o ano de 2013, atravessada por essas experiências todas, assim como pelas vivências de abertura na pós-graduação da Faculdade Angel Vianna (FAV). O corpo estava ebulindo, essa era minha sensação.

Por sua vez, não é possível deixar de fora deste texto o fato de que o processo de mestrado se inicia exatamente no mesmo dia em que foi anunciado oficialmente o Impeachment da Presidente Dilma Rouseff, em 30 de agosto de 2016 e consequente tomada de poder por Michel Temer e sua equipe articulada.

Nomeio desde já esse momento como o momento do **Golpe de 2016** por acreditar estarmos diante de um golpe jurídico-institucional de Estado, apoiado em todas as suas bases pelos dispositivos midiáticos hegemônicos, que vem trazendo como efeito nos últimos quase dois anos de seu acontecimento, o agravamento assustador de um desmonte, fragilizando mais ainda a dita jovem democracia brasileira.

Estamos vivendo tempos de agravamento de uma utilização deturpada das noções como a de público, de política e de garantia de direitos democráticos, até a ideia de Reforma (Trabalhista, Previdenciária, Tributária, Jurídica), para fins de proveito e acumulação de alguns poucos, os quais estariam governando sobre muitos outros. Isso vem gerando consequências diretas nas áreas da saúde, nosso interesse central na pesquisa.

Este marco histórico recente do Golpe de 2016 não inaugura em si nenhum desmonte, pois este já vem se dando há tempos, percorrendo administrações de governo

anteriores. O que se assiste é um agravamento desta perspectiva de desmonte de algumas muitas políticas públicas junto à construção de uma ideia de crise econômica no Brasil, sob a ótica de que esta fora construída pela má-administração do país por um grupo político específico. Sem partidarismo algum, é assustador se perceber tantas vezes impotente diante do que está acontecendo.

Através do agravamento deste desmonte, tem sido possível experimentarmos, em tempo real, na intensidade de suas forças, a capilarização das formas de poder contemporâneo, efetuando dobras internas dentro de si e atingindo diretamente os processos subjetivos. Faço esse destaque da experimentação contemporânea com os modos de poder para afirmá-la como uma referência singular que produz uma marca própria à minha geração.²⁹

Poder dizer que fomos sim submetidos a mais um golpe, é a maneira que escolho de poder apostar na abertura para a criação de estratégias de resistência. Uma curva. Uma posição. Há uma grande cisão nacional entre aqueles que rejeitam e aqueles que aceitam à ideia de um Golpe de Estado. Quais as consequências imediatas para a saúde?

O Sistema Único de Saúde foi e ainda é uma conquista nascida das lutas pela democracia no país e que, em 1988, ganha estatuto constitucional. Ao SUS estão previstas as dimensões de luta, de movimento, de criação de resistências frente às constantes e permanentes tentativas de sua captura pelo sistema neoliberal, fundado no Capitalismo Mundial Integrado (CMI), como denominam Guattari e Rolnik (2013). Estas dimensões são algumas das bases constitutivas do Sistema Único de Saúde brasileiro.

Em 2016, com a materialização do golpe de Estado no Brasil e dos sucessivos ataques às políticas públicas e, em especial, ao SUS, diversos coletivos e movimentos sociais passaram a ocupar sedes dos prédios públicos dos Ministérios da Saúde em diferentes estados do país, contagiados pelo movimento de ocupação das escolas. Em junho de 2016, eu mesma fui uma ocupante do prédio do Ministério da Saúde na cidade do Rio de Janeiro, junto ao movimento OCUPASUS RJ.³⁰

²⁹ Para mais análises recentes sobre o assunto ver Rolnik (2018) Disponível em <https://outraspalavras.net/brasil/666381/> (acesso em 22.07.2018) e Pelbart (2018) disponível em <https://www.peixe-eletrico.com/single-post/2018/02/06/Por-que-um-golpe-atr%C3%A1s-do-outro> (acesso em 15.07.2018) e também em Rolnik, S. 2018, Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada. N-1 Edições. São Paulo. 2018.

³⁰ Para acompanhar o que foi este movimento, buscar em <https://www.facebook.com/ocupasusrj/> (acesso em 27.07.2018).

O OCUPASUS RJ foi um movimento amplo formado por trabalhadores (sobretudo trabalhadores terceirizados pelas Organizações Sociais de Saúde (OSS), usuários do SUS, movimentos sociais e sindicais em defesa da Saúde Pública como direito universal, com serviços gratuitos e de qualidade. Ocupamos um prédio que simboliza o patrimônio público fruto de muita luta e vislumbrando um projeto de sociedade, reforçando que o Sistema Único de Saúde é uma conquista popular.

Ocupamos o Ministério da Saúde porque não reconhecemos o governo ilegítimo de Michel Temer, que sem nenhuma legitimidade pretende impor um grande pacote de cortes nos direitos sociais. Para o movimento cabe reafirmar a Saúde como direito constitucional e universal de todos os brasileiros e o SUS como maior política social do país e conquista popular histórica. Não reconhecemos também a nomeação de Ricardo Barros como ministro da Saúde, que recebeu dinheiro de empresas de planos de saúde em sua campanha para deputado de federal. Ricardo Barros afirmou em sua primeira declaração como ministro que pretende reduzir o tamanho do SUS.

Para nós, o ministro defende um SUS cada vez mais sucateado para os pobres e a expansão do lucrativo mercado de planos e seguros de saúde através de incentivos públicos. Seguimos o movimento com outras pautas importantes e atuais que estavam e ainda estão tramitando pelos territórios de luta.

Ao longo de 22 dias de ocupação mobilizamos instituições, aulas públicas, oficinas e atividades culturais no prédio do NERJ – Ministério da Saúde e na rua. Nossa ação possibilitou um amplo, renovado e vivo debate sobre os rumos da saúde e do país. Recebemos grande solidariedade de diversas pessoas e movimentos, o que garantiu vida e sustentação política e estrutural à ocupação. Agradecemos a cada um dos apoiadores que, em sua forma e dentro de suas possibilidades, colaboraram e foram parte desse movimento.

A ocupação é um meio de luta legítimo ao qual não renunciamos, e que vem sendo empregado de maneira vitoriosa e inspiradora no Brasil, seja com os estudantes secundaristas, o movimento de cultura, os Sem Terra e o Sem Teto. Mas, que é uma ferramenta e não é um fim em si mesmo.

As percepções e efeitos imediatos da Ocupação ressoaram diretamente com os processos que experimentei com os trabalhadores sociais da saúde mental de Niterói. Lá também foi possível experimentar um dispositivo de práticas corporais e sensíveis com os trabalhadores ocupantes que serviram de material valioso para esta pesquisa.

Ainda neste caminho não é possível deixar de fora um marco histórico que também ocorre no ano de entrada no mestrado na UFF. Parte do campus da universidade acabara de ser ocupada por estudantes que encontraram nesse modo de ação, uma forma de se colocarem contra a hoje aprovada Emenda Constitucional 95³¹, a qual previa - e hoje, já aprovada, se consolida – o congelamento dos investimentos em setores básicos da sociedade, dentre eles, a saúde e a educação, um verdadeiro horror antidemocrático em nome de interesses do capital financeiro.

No mesmo momento, produz-se também a Ocupação Preta (Ocupa-Preta), movimento autônomo e autogestionado composto por estudantes e colaboradores negros e negros no Campus do Gragoatá da UFF.

Um marcador deste momento foi minha participação na disciplina do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, no ano de 2016, nomeada Subjetividade e Exclusão Social e que podemos qualificar, complementando: do povo Negro. A referida disciplina foi ministrada pela Prof^a. Dr^a. Katia Faria de Aguiar e pelo Prof. Dr. Abrahão de Oliveira Santos, com a proposta de pensar os processos de subjetivação na formação brasileira tendo como eixo de análise o racismo estrutural, fazendo dialogar a microfísica do poder e a micropolítica do desejo com os debates gerados pelos estudos de pesquisadores negros/os.

Esse não foi meu primeiro encontro com o racismo estruturante no Brasil. Contudo, entendo que as condições nas quais a disciplina se inscreveu, favoreceu e potencializou o que poderia ser mais uma ‘proposta acadêmica’ de aula. Lembramos a organização política dos movimentos negros, políticas públicas implantadas na última década, o devastador desmonte político-econômico instalado a nível nacional, a gravidade da situação das populações periféricas alvos de intervenções violentas diárias, mobilizações nacionais e locais de jovens estudantes das redes públicas de ensino, em Ocupações, a Ocupação Preta na UFF³².

Junto a estas experiências, iniciamos um debate acerca da adoção de ações afirmativas na Pós-Graduação em Psicologia da UFF. Os debates envolvendo corpo docente e discente mobilizaram muito a todos os envolvidos.

³¹<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/emecon/2016/emendaconstitucional-95-15-dezembro-2016-784029-publicacaooriginal-151558-pl.html>

³²Desse período resultou a produção de um artigo junto a professora (e orientadora) Katia Aguiar IN: MALUF, Adriana Penatti; AGUIAR, Katia. Considerando a Branquitude no Plano da Clínica em Saúde Mental: Disposição de Afetos. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 10, n. 24, p. 108-128, fev. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/576>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

Estas experiências se desdobraram em textos coletivos, produção do I Encontro Ocupar-se de ocupar: saberes, práticas, produções e protagonismos na universidade pós-ocupações³³, ações de alunos da pós-graduação e professores junto aos alunos da ocupação, dentre outros movimentos.

Passo a me perguntar, passamos a nos perguntar, o que há de comum entre estes novos movimentos? Que outras modalidades de ação política passam emergir neste contexto?

Depois de expostos esse marcos de minha experiência presente, recente e imediata, afirmo que esta pesquisa-intervenção cartográfica, encontra importantes atravessamentos nessas experiências na medida em que eu, como pesquisadora, cujo corpo se constrói a todo o momento, sem neutralidade, se vê mais uma vez em processo de produção de novas marcas que violentam e nos forçam mais uma vez a pensar.

Por marcas, seguimos as definições que nos são oferecidas por Suely Rolnik em seu texto “Pensamento, corpo e devir” de 1993. Nesse sentido, no exercício de um pensamento, o pensar não seria contemplar e nem descobrir um solo primeiro e original e sim, o pensar dá-se no exercício de se colocar problemas continuamente. “Pensar é experimentar, é problematizar. O saber, o poder e o si são a tripla raiz de uma problematização do pensamento” (Deleuze, 2013, p. 124). É a partir de sua leitura de Michel Foucault que Deleuze nos coloca essa proposta, admitindo o pensar como uma abertura, sem um fim determinado por antecipação.

Problematizaremos alguns dos eixos duros com os quais escolhemos dialogar na dissertação, a coluna, como eixo central, precisa de curvas, e engajar-se num movimento de se reinventar.

O regime colonial-capitalístico extrai sua força não só do regime econômico, mas sim dos regimes cultural e subjetivo. Reduzir a subjetividade ao sujeito que define o “inconsciente colonial capitalístico” (Rolnik, 2016, p. 23) implica a denegação dos efeitos do outro em nosso corpo e a crença de que a subjetividade é uma unidade fechada em si mesma e separada do mundo, do que decorre a noção de indivíduo.

Dessa forma, a ação no plano micropolítico não é individualista. Essa é a justificativa para a desconexão com o **saber do corpo**, a experiência subjetiva extrapessoal que orienta nossas ações visando preservar a vida em sua pulsação. Em sua nova versão, “é a própria pulsão de criação individual e coletiva de novas formas de

³³ Para mais detalhes <https://www.facebook.com/ocuparseuff/>

existência, suas funções, seus códigos e suas representações que o capital explora, fazendo dela seu motor.” (Rolnik, 2018, p. 33).

Escolho visibilizar linhas de fuga, nas práticas, nos encontros e nos efeitos de coletividade desses corpos em trabalho, trabalhadores sociais em movimento de criar corpo.³⁴

1.6 Metodologias e Plano de Ativação de Memórias

Na experiência que narro nesta pesquisa referente às práticas com a equipe do CAPS-AD, aposto nas possibilidades que se criaram a partir de experiências coletivas da equipe no dia a dia do serviço e, sobretudo, nas reverberações desta no espaço da **reunião de equipe**. Foi nesse espaço inclusive que tive a oportunidade de propor práticas sensíveis corporais junto da equipe. Nesse sentido, formação e sensibilização são tomadas como práticas públicas de saúde.

Tais práticas foram conquistando espaço na reunião e também o interesse por parte da equipe e da coordenação na medida em que sentíamos que seriam a partir de práticas de cuidado coletivas entre nós mesmos - trabalhadores da saúde, sujeitos que se produzem a cada encontro - que poderíamos sustentar esse corpo de trabalho, luta e resistência (dentro e fora do CAPS AD), diante de um cotidiano duro de trabalho, que é possível ocupar e deslocar.

A meu ver, trata-se de um trabalho que exige disponibilidade e abertura de corpo a corpo para experimentar e para se haver com esses encontros. Não se trata de criar um corpo possível para sustentar a precariedade, mas justamente pensar no corpo na sua dimensão política, portanto prática, e mobilizadora de vínculos e redes, na direção ética de construção de afirmação da vida. Práticas que, no cotidiano, vão fortalecendo o processo de trabalho. Minha aposta é na sustentação de uma prática de coletivo no coletivo, a ativação de coletivo no corpo.

Sustento a importância deste tipo de dispositivo sensível como elemento fundamental para pensarmos a promoção de saúde e ampliarmos o campo de práticas públicas em saúde e aqui, afirmo as práticas corporais como dispositivo de cuidado em saúde do trabalhador. Cuidar de quem cuida. Trabalhadores, precarizados ou não (se é que isso existe), precisam de espaços onde possam estabelecer uma experiência coletiva

³⁴ Experimente o mesmo gesto de outro modo.

sensível a partir dos próprios atravessamentos que um trabalhado no âmbito do cuidado exige.

Como posso afirmar com tanta veemência essa necessidade de espaço para corpo?

Entendo hoje que, diante de meu percurso pessoal e de minhas próprias apostas de formação, na transversalidade entre a psicologia e a dança, o que me gerou todo esse movimento de construção e criação de lugares possíveis a mim mesma, foi justamente a necessidade que eu mesma sentia em poder afirmar meu trabalho fora da norma. Nem tudo cabe na clínica, nem tudo cabe na palavra, nem tudo cabe na técnica, nem tudo cabe. Há excesso de produção, mas quais produções são essas? Temos tempo para avalia-las? Temos possibilidades de analisa-las? Como coletivizar?

Além desse testemunho pessoal, decidi buscar nos corpos destes trabalhadores do CAPS AD, os efeitos que esse tipo de prática, a qual trago a vocês leitores, podem ter e tiveram. Me reuni com membros da equipe e construí um espaço, mais um espaço, para podermos contornar e revisitar essas experiências. Trazer para a cena essas forças de corpo-fala geradas nessas entrevistas gerou surpresa nos participantes e em mim mesma na medida em que pudemos nos surpreender com o que fomos produzindo na reativação de memórias. É preciso espaço. É preciso cavar espaço.

“Abrir espaço de expressividade, porque era assim que a gente se cuidava. Chorando, se abraçando, tendo práticas criativas, poupando. Hoje você não, você se retira disso, deixa que eu cuido. Mas é uma coisa que partiu ali da gente, do nosso corpo, do nosso olhar cuidadoso.” (Trabalhadora Social, CAPS AD, 2017)

Dando sequência aos movimentos sensíveis através de minhas práticas corporais em diferentes espaços, pude também experimentar um trabalho sensível com os ocupantes (nos quais me incluía) do OCUPASUSRJ, movimento que aconteceu em junho de 2016, na sede do Ministério da Saúde (NERJ) no município do Rio de Janeiro. Pudemos promover um encontro outro, a partir de parâmetros estéticos e sensíveis, dentro da experiência de ocupação, de praticar um corpo de luta, e que reverberou muito em todos, criando possibilidades de seguir.

Assim como o fiz com os trabalhadores do CAPS AD, promovi também um encontro com os ocupantes que participaram desta experiência no formato de uma roda

de conversa a fim de discutirmos um pouco sobre os efeitos dessa experiência. Esse encontro está registrado, assim como há registros da época de sua ocorrência que foram também utilizados como material de análise para esta pesquisa.

Ao longo da dissertação, nos utilizamos de trechos das falas produzidas nesses encontros como afirmação de modos de produção de saber pela experiência.

“Eu lembro que, eu lembro não acho que é mais uma coisa de agora, desse resgate que a gente tá fazendo aqui, parece que foi como se fosse uma atualização do processo da ocupação.” (Ocupante, OCUPASUS RJ, 2017)³⁵

³⁵ Como foi sua experiência com os gestos?

ENTRADA 2

O CORPO E SEUS SABERES: CONSTRUINDO UM CORPO SENSÍVEL

2.1. Corpo-dispositivo: Profanar o Corpo

Operar com "corpo dispositivo" é possível?
Fase extrema de consolidação do capitalismo atual é vivida como gigantesca
acumulação e proliferação dos dispositivos.
E também de modos de subjetivação.
Não se trata de desfrutar os dispositivos e nem usá-los de um modo justo.
Na raiz do dispositivo há desejo humano. Isso é uma esfera.
A captura do desejo e a subjetivação desse desejo estão em outra esfera.
Essa é a potência específica do dispositivo.
Experimentar corpo-a-corpo com os dispositivos e liberar o que foi capturado
e separado pelos dispositivos para restituí-lo a um possível uso comum.
Profanar o dispositivo.
Profanar o corpo.
(Ensaio escrita, Adriana Penatti, 2018)

Deleuze, a partir de Foucault, fala da noção de dispositivo como sendo um novo, algo composto por múltiplas linhas. Ao mesmo tempo, Agamben (2005), também a partir da conceituação foucaultiana de dispositivo, o define como “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os GESTOS, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes.” (Agamben, 2005, p.17)

Assim, há uma clara e evidente possibilidade de utilização e operação através dos dispositivos que captura e disciplina os tais seres viventes. O que Foucault, Deleuze e Agamben estão afirmando é justamente a possibilidade de nos relacionarmos com essas linhas de composição de dispositivos de outras maneiras, abrindo para outro campo que preza pelo movimento e não pela inércia na composição das linhas e também dos seres envolvidos.

Isso porque os dispositivos implicam sempre em um processo de subjetivação, o qual, por sua vez, é o que dá lugar ao próprio dispositivo. Caso contrário, o dispositivo se reduz a um puro exercício de violência, não operando como uma máquina produtora de subjetivações (Agamben, 2005).

Agamben aponta para a atual fase extrema de consolidação do capitalismo, onde o que se experimenta são imensas acumulações e proliferações de dispositivos. Consequentemente, proliferam-se também modos de subjetivação. Contudo, atualmente estão intensificadas as forças de produção de dessubjetivação, não tanto a produção de subjetivação³⁶.

Nesse sentido, Foucault, ao discorrer sobre o saber, o poder e a subjetividade, bases de sua aposta filosófica, ética e política, afirma que estas são cadeias de linhas variáveis que se relacionam entre si, sem contornos definidos. As crises que se dão nessas relações entre as linhas tornam possível o surgimento de outras linhas. São essas linhas que compõem um dispositivo e tem efeitos de produção subjetiva. É sempre pela via de uma crise que se descobre uma nova linha, uma nova dimensão possível.

Aqui, sustento o corpo como dispositivo e cabe a nós instalarmo-nos sobre as linhas de composição do corpo para operarmos com processos de fuga, de escape frente ao que lhe captura em favor de sua docilização. Assim, **o corpo dispositivo é aqui uma aposta**. Acompanhamos nesse trabalho os possíveis necessários para reinventar o corpo dispositivo, possibilitando ao corpo e suas relações operarem também como ponto de fuga. Isso nos permite entrar na dinâmica de governo de si e dos outros, a partir de uma perspectiva de criação e não de submissão às formas de governo e de poder hegemônicas. Os dispositivos podem também ser utilizados dessa forma.

Agamben nos oferece a ferramenta da profanação de dispositivos, restituindo a eles seu uso comum, como operadores de movimento, sem atender a exigências hegemônicas de poder, os dispositivos produzem subjetividades.

Chamamos linha de subjetivação uma linha de força, na qual estão sempre engendrados processos pelos encontros de linhas. Nesses processos de relações de forças dentro dos dispositivos se dão produções subjetivas e Agamben nos diz que a linha de força de subjetivação está sempre por se fazer, sendo o dispositivo que permite a produção subjetiva existir, é ele que a faz possível. Ou seja, a linha de subjetivação, a produção de subjetividade é sempre uma **linha de fuga**, pois escapa às linhas anteriores. Aqui, a fuga não é defesa, é resistência, na medida em que se insere na **perspectiva inventiva**, criadora de si no mundo, ou seja, um processo de individuação que escapa, foge das forças estabelecidas.

³⁶ Experimente um gesto reto.

Deleuze nos relembra, contudo, de que não é garantida a todo dispositivo essa potência de movimento, nem todos os dispositivos dispõem de linhas de fratura. Assim, só é possível transpor uma linha de forças quando se produz uma curva. **A linha reta tem curvas**, o curso de um rio para o mar faz curvas e cria uma margem, uma espécie de **coluna vertebral** que estrutura e liga o corpo dos pés a cabeça, também tem e precisa ter curvas na estrutura dura de ossos compostos.



Marta Graham – Lamentations (1930)³⁷

Todas as linhas de força são linhas de variação, sem coordenadas constantes. Assim, o dispositivo se engaja na produção de multiplicidades de modos de existência, não submetidos a nenhum valor transcendental, essencial, externo a si. Dessa forma, o sujeito se dá em processo que não consiste um universal. O que se tem é um processo

³⁷ Marta Graham é uma grande artista da dança estadunidense que inventou uma nova linguagem de movimento, usada para revelar a paixão, a raiva e o êxtase comuns à experiência humana, através de uma técnica que faz atravessar respiração, inspiração-contração, expiração-relaxamento, na direção de um idealismo social que criasse forma melhor de vida. É uma das grades mestras da Dança Moderna. Por meio de seu extenso repertório e técnica distinta, Graham transformou profundamente o vocabulário da dança, criando códigos diferentes dos estabelecidos pelo balé, até então vigentes. Após a segunda Guerra mundial, criou trabalhos baseados nas teorias freudianas e jungianas, centrando o tema na figura feminina. Incorporou um novo tipo de mulher, não em sua fragilidade ou graça, mas em sua força e disposição, revelando aspectos do caráter interno da alma. Dessa forma, os arquétipos de suas heroínas possuem uma personalidade feminina que luta não só contra um mundo dominado pelo poder masculino, mas principalmente com seus conflitos afetivos internos, numa mistura entre amor e ódio, felicidade e infelicidade e vida e morte. Sua técnica exige e trabalha o corpo em sua profundidade de vibrações. Fonte: http://wikidanca.net/wiki/index.php/Martha_Graham. (Acesso em 25.07.2018)

imane a um dado dispositivo, o qual, por sua vez, é uma multiplicidade de processos que operam em devir, em vir-a-ser constante.³⁸

Foucault fala da cidade como o primeiro dispositivo operando no lugar de invenção subjetiva (Deleuze, 1990), já que na cidade se inventa uma linha de forças que se movimenta na rivalidade dos homens livres, onde um homem livre manda em outro, estabelecendo aí relações de poder. Já Agamben (2005) define os dispositivos como discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas em conjunto, relacionadas a partir de um mesmo título. Além disso, nesse conjunto encontramos o próprio dispositivo e a rede de relações que se estabelecem entre esses elementos.

O que nos chega como de necessária utilização é a ideia que nos propõe Deleuze acerca dos dispositivos definindo-os como “máquinas de fazer ver e fazer falar”. As linhas que compõem dispositivos são invisíveis, indizíveis e, portanto, ingovernáveis. Como venho dizendo, nessa fase atual do capitalismo, os dispositivos funcionam mais pela produção de dessubjetivação, não tanto como produção de sujeito.

Falar de um uso correto do dispositivo já é um modo capturado de se relacionar com o dispositivo. Assim, no campo da formação de trabalhadores sociais da saúde, o uso “correto” do corpo (como) dispositivo de formação pode não produzir subjetivação. E pode produzir corpos dóceis estimulados, corpos inertes atravessados. É sempre importante ter em vista que o dispositivo não é em si um elemento revolucionário.

“Pensar a saúde universal, integral, pensar o sujeito na sua vida, na sua história, no seu território, incluir a história dele, as redes que ele faz, e como que a gente no nosso trabalho de equipe a gente exclui as diferenças? Isso não acaba criando um certo padrão de trabalho, quando você vai pra um caps endurecido e um caps que não consegue acolher a crise ou não consegue acolher, sei lá. Ou se fecha muito no consultório, fica isolado lá em cima. Como é que a gente faz isso, a gente com a gente mesmo? A gente tá sendo manicomial, a gente exclui, a gente diz que não é pra excluir o sujeito e suas diferenças, tem que acolher e pensar em maneira integral. Como a gente já exclui as nossas diferenças na equipe? Entende o que eu tô querendo dizer?” (Trabalhadora Social CAPS AD, 2017)

Nesse sentido, Agamben propõe como urgente a profanação dos dispositivos, a profanação do corpo. Para profanar o corpo é preciso intervir nos processos de subjetivação e sobre os dispositivos para leva-los a luz do ingovernável. O ingovernável é o ponto de fuga de toda política.

³⁸ Como fazer curvas nesse gesto?

“Mas por que há transubstanciação entre nosso corpo e o mundo? O corpo é um enigma. Entre as coisas visíveis, é um visível, mas dotado do poder de ver – é vidente. Visível vidente, o corpo tem o poder de ver-se quando vê, vê-se vendo, é um vidente visível para si mesmo. Entre as coisas táteis, o corpo é um tátil, mas dotado do poder de tocar – é tocante. Tátil tocante tem o poder de tocar-se ao tocar, é um tocante tátil para si mesmo. Entre as coisas móveis, o corpo é móvel, mas dotado do poder de mover - é um movente. Móvel movente, o corpo tem o poder de mover-se movendo – é móvel movente para si mesmo. O corpo é sensível para si “ (CHAUI, 2002, p. 93).

E o corpo, experimentado enquanto sensível para si pode também ser considerado soma: subjetividade-corpo-pensamento.³⁹

Junto aos apoios de Foucault, Agamben e Deleuze, volto-me para as entrevistas com os trabalhadores sociais e recolho dali alguns outros grandes suportes para a aposta em experimentações que criam sensibilidades outras sem garantias de ocorrerem, dando amparo para criar escuta, outras escutas. Trouxe duas passagens acima para intensificar a escrita, nos gestos da experiência.

Assumo aqui a ideia do corpo como dispositivo, trazendo as relações que pude encontrar e experimentar, afirmando sua potencia enquanto ferramenta de formação e de produção de saúde, efeitos de práticas e encontros no cenário relacional do campo de trabalho em saúde mental.

2.2 Um Corpo Paradoxal: Corpo Aberto

Angel Vianna, ao desenvolver em sala de aula sua metodologia de trabalho que denomina de “Conscientização do Movimento”, afirma que se trata de extrair do corpo o que nele já existe e em suas aulas, mergulhamos nessa pesquisa de escuta do corpo.

“(…) para que possamos engendrar nossas explorações sobre o método Angel Vianna na interface entre movimento, corpo e saúde, devemos antes situá-lo no contexto da arte que se produz em nossos dias. Em particular, no domínio da dança enquanto dispositivo capaz de nos afetar pelas transformações subjetivas de nosso tempo, rompendo com os limites bem definidos entre as esferas da arte e da vida.” (Resende, 2008b, p.26)

José Gil (2001) fala de um corpo que se abre para as **“pequenas percepções”**. Deleuze e Guattari (2012) referem-se ao corpo como um conjunto de válvulas, represas, comportas e vasos comunicantes. Sendo assim, nosso corpo é um atravessamento de intensidades e são elas que nos povoam.

³⁹ O que você vê nestes seus gestos curvos?

Ao abordar as experiências do ator no palco, de um desportista numa competição e de um bailarino em cena, Gil (2001) nos fala da relação bastante singular entre esses sujeitos e o espaço. O “**espaço do corpo**”, como ele o denomina, é definido como o novo espaço onde não há separação, por exemplo, entre o espaço da cena e o ator, entre o atirador de arco e flecha e seu alvo, entre o bailarino e seu gesto. Trata-se de um espaço de imbricamento de forças e intensidades novas, de texturas diversas. Assim, “o espaço do corpo é a pele que se prolonga no espaço, a pele tornada espaço” (Gil, 2001, p. 58).⁴⁰

No momento em que há investimento afetivo no corpo, há a criação desse espaço, não sendo uma experiência restrita a alguns sujeitos apenas. Contudo, Gil nos fala da experiência do bailarino e da dança como tendo pontos bastante singulares na experimentação desse espaço do corpo, dando destaque à dança. Será através dessas ideias que podemos encontrar ressonâncias possíveis entre a experimentação de cuidado (numa perspectiva clínica) e a experimentação na dança. Entre a psicóloga e a bailarina, deixo-me atravessar.

No ato de dançar cria-se um mapa energético dos movimentos onde tanto o bailarino quanto o espectador, o palco, o chão e os gestos estão incluídos, experimenta-se uma coextensão do espaço interior ao espaço exterior e vice-versa. O espaço de corpo constrói-se como espaço de atravessamentos, adquirindo novas texturas e viscosidades, expandindo-se em uma profundidade que não nos é mensurável.

Para o bailarino, essa concepção de profundidade na experiência do espaço do corpo é o que lhe permite toda a plasticidade e diversidade de moldagens, alargamentos, restrições, lentificações, acelerações, dobragens, enfim, é o que lhe permite assumir tão variadas formas em seu corpo-espaço, pelo movimento intensivo que aí se constrói. É nesse espaço de plasticidade que se encontra, também, a possibilidade de um trabalho de cuidado baseado nessa co-extensão entre o espaço interno e externo. Abre-se um corpo em múltiplos caminhos.

“... um corpo metafenomênico, visível e virtual ao mesmo tempo, feixe de forças e transformador de espaço e de tempo, emissor de signos e transsemiótico, comportando um interior ao mesmo tempo orgânico e pronto a dissolver-se ao subir à superfície. Um corpo habitado por, e habitando outros corpos e espíritos, e existindo ao mesmo tempo na abertura permanente ao mundo através da linguagem e do contacto sensível, e no recolhimento da sua singularidade, através do silêncio e da não-inscrição.”

⁴⁰ Qual o espaço do seu corpo agora?

Um corpo que se abre e se fecha, que se conecta sem cessar com outros corpos e outros elementos, um corpo que pode ser desertado, esvaziado, roubado da sua alma e pode ser atravessado pelos fluxos mais exuberantes da vida. Um corpo humano porque pode devir animal, devir mineral, vegetal, devir atmosfera, buraco, oceano, devir puro movimento. Em suma, um corpo paradoxal” (GIL, 2001, pp. 68-69)⁴¹

Nos caminhos de abriremos o corpo para suas potencialidades de criação, a pele que envolve é tomada em sua dimensão coletiva, na medida em que constitui uma membrana envolvendo o espaço interno que se abre ao exterior. Segundo Ribeiro (2016), partindo de suas construções sobre o sensorial do corpo, a pele é o espaço paradoxal do corpo na medida em que o protege e se deixa marcar pelos encontros. A pele é fronteira.

2.3 Corpo-Fronteira: A Pele é Borda, a pele é Membrana, a Pele é Dobra

Iniciamos esse item com José Gil (2004) ao desenvolver sobre o processo de abertura de corpos afirmando que ao vermos ou percebermos o mundo não partimos do interior nem do exterior do corpo. Gil aponta para essa **zona de fronteira** onde interior e exterior encontram-se sobrepostos. A **pele** seria, então, nossa zona de fronteira e, nesse sentido, diz o autor, nossa consciência. As sensações são experimentadas em um lugar de experimentação que constitui uma zona de indissociabilidade, onde as sensações irrompem entre os signos, fora da representação.

Pensar na pele como consciência e na consciência encontrando uma coextensão na superfície da pele permite ao autor sustentar a ideia de um corpo todo sensível, não mais atribuindo privilégio a determinados órgãos, tais como o ouvido ou os olhos, como únicos responsáveis pela percepção. O corpo todo em movimento torna-se um único órgão perceptivo e, sendo assim, esse corpo é sensível às intensidades, aos ritmos, às vibrações nas suas mais variadas formas, às variações dos outros corpos.

Encontramos na construção dessa zona de fronteira um espaço tomado como espaço topológico, em que o corpo entra em contágio com o mundo. Assim, Gil afirma que a zona **corpo-consciência** é o local privilegiado para que se deem os agenciamentos. E é a partir da abertura do corpo que se constrói um espaço paradoxal no qual o corpo-consciência se presentifica enquanto *espaço-à-espera*, visando conectar-se com outros corpos.

⁴¹ Qual o espaço que se abre em seu corpo?

Em Foucault há uma dupla dimensão do plano no qual se efetiva o processo de subjetivação tomado como uma experiência estética da existência: o plano da sujeição e o plano da resistência. Nessa mesma direção, Borges afirma que “(...) no mesmo momento que nos constituímos pelo saber/poder instituído, reproduzindo em nós mesmos seus jogos de poder, também a ele resistimos, criando, a partir dos encontros, desvios” (Borges, 2009a, p. 24).

Esse plano de sujeição, de submissão, não retira de seu contexto a possibilidade de uma ação. O sujeito se encontra submetido às normas e é justamente através da internalização dessas normas que se dá a possibilidade de transformação das mesmas. Assim, algo externo internaliza-se e transforma-se, sendo experimentado e encarnado como algo interno. Ora, não é possível pensar nesse processo tão importante sem nos amparar no **corpo como essa zona fronteira** entre o fora e o dentro (Borges, idem).

Supor um **corpo-fronteira** junto a uma **corporeidade experimentada** nos permite afirmar a subjetividade enquanto processo constante que emerge desta experimentação em zonas de movimento. O corpo que se expande e é capaz de transformação a partir dos encontros com o mundo se experimenta nas práticas de cuidado de si.

Aqui, a noção de sujeito enquanto produção supõe um corpo aberto para as afetações que se dão nesses encontros com o mundo e que permitem a sustentação dos signos, dos atravessamentos da linguagem que se inserem no corpo.

As experiências com as práticas corporais realizadas com os trabalhadores sociais da saúde mental e com os ocupantes do OCUPASUSRJ deram contorno às experiências de abertura e expansão antes vivenciadas e experimentadas nos meus encontros, formações e práticas profissionais, porém, ainda não “capturadas”, não engendradas no espaço de contágio que se criou ao tomar o **corpo com fronteira**. Um processo de produção de si através das experiências vividas.

Abre-se um corpo, expandem-se as fronteiras da experiência, produzindo um território. Aí, temos subjetividade em processo de construção a partir de um corpo em abertura, corpo sensível.

Aprofundar nestas formulações junto aos momentos vividos se faz necessário no caminho de criar possibilidades para dar consistência ao corpo afectivo em forma de textos e palavras escritas.⁴²

2.4 Os Saberes Implícitos e o Momento Presente

Seguindo os caminhos de construção deste corpo sensível e aberto, me apoio em Daniel Stern⁴³ com sua articulação de ideias que apontam para a potência do momento presente vivido em toda situação de encontro.

“Como o momento presente é mentalmente apreendido enquanto ainda está se desdobrando, o saber que se tem a respeito dele não pode ser verbal, simbólico, explícito. Estes atributos somente são anexados depois que o momento passou. Sob que forma, então, é o momento original apreendido? Isso pertence a um domínio chamado saber implícito” (Stern, 2007, p. 135).

Stern (2007) afirma que inclusão de **saberes implícitos** na prática da Psicologia altera a forma como vemos o momento presente. Segundo o autor, há implicações importantes a serem produzidas na teoria e na prática terapêuticas, referindo-se especificamente ao campo da Psicologia, ao escolhermos abordar e experimentar os saberes implícitos como conhecimentos possíveis.

Apesar de eu ser psicóloga graduada, minhas construções, minhas problematizações e convites que faço não se direcionam exclusivamente aos profissionais de psicologia. É por isso que a noção de trabalhador social (Guattari e Rolnik, 2013) se encaixa tão bem, alguém cuja prática está voltada para o cuidado, atravessada pelas dimensões sócio-histórica e política de uma vida na cidade, em sociedade, tecendo-se em rede a partir da implicação destes trabalhadores em seus lugares de atores sociais em todos estes campos.

Em uma equipe multiprofissional, há especialidades diferentes que trocam entre si e entre os usuários dos serviços. O que parece acontecer em muitos espaços multiprofissionais é o isolamento de cada especialidade em seu universo próprio de ações. O que estamos tentando promover aqui, são outros possíveis para se pensar as

⁴² **Esse espaço aberto faz fronteira?**

⁴³ Daniel Stern foi um psicanalista americano que tem uma marca forte por seu trabalho na investigação subjetiva com bebês e suas relações com o ambiente que o cerca e seus desdobramentos, através da sua experiência clínica e com experimentos de observação de bebês a partir de situações criadas por ele em laboratório. Além disso, possui estudos compartilhados na interface com grupos de dança, apreendendo muito sobre o que denomina de reinos ou domínios não verbais.

práticas de atenção psicossocial, introduzindo a importância dos saberes implícitos e da experimentação de coletivização destes no cotidiano do trabalho, nas práticas de atenção aos usuários dos serviços e também nas práticas de atenção aos trabalhadores sociais.

Stern (2007) aborda o saber implícito sob o ponto de vista de sua utilização e suas implicações na clínica de atendimentos individual, no entanto, acredito ser possível fazer uso desse conceito nas situações que trago para analisar. Os processos disparados pelas práticas corporais com trabalhadores sociais da saúde mental me indicam que os saberes do corpo em experimentação coletiva, que são ali “ativados”, contém justamente esta dimensão, a de um saber implícito que engloba a comunicação não-verbal, os movimentos corporais, as sensações e também incluem afetos e palavras.⁴⁴

Nesse sentido, Stern (idem) propõe um saber implícito nos afetos, em expectativas, nas mudanças na ativação e na motivação, em estilos de pensamento, ou seja, tudo aquilo que pode ocorrer em poucos segundos de um momento presente. Aqui não estou me servindo de outra maneira para falar dos saberes inconscientes que permanecem reprimidos, mas sim, de um saber não-consciente, que captura sem palavras certos aspectos essenciais da vida.

O autor cita alguns exemplos a partir da observação de bebês, de situações na terapia com adultos e outras situações cotidianas para dar consistência à dimensão implícita do saber e nos diz que ela encontra-se ali, em toda situação relacional, localizando-o naquilo que cada sujeito vai esperar, vai fazer, vai sentir e vai pensar quando afetado de algum modo. Isso é algo implicitamente conhecido, que se atualiza a cada momento presente.

Stern produz formulações para pensar a situação clínica, uma situação terapêutica, a partir da dimensão que ele denomina de *momento presente*, ou seja abordando a experiência no momento em que ela está sendo vivida na relação terapêutica. Este autor nos ressalta a importância de podermos escutar os “pequenos acontecimentos momentâneos que formam nossos mundos de experiências” (Stern, 2007, p. 11), “o mundo micromomentâneo dos acontecimentos implícitos” (Idem, p.12).

A experiência vivida subjetivamente acarreta mudanças, pois acarreta uma vivência intersubjetiva no momento do encontro. Cabe, então, viver o momento presente como momento de encontro e habitá-lo.

⁴⁴ Há algo nos gestos que você faz agora que lhe seja difícil de se dizer?

Suely Rolnik nos fala da delicadeza de apreensão de movimentos por um “**olho vibrátil**, ou melhor, por todo aquele corpo que alcança o invisível” (Rolnik, 2014, p. 31) e que compõe os processos de produção de universos psicossociais. Ela diz que o encontro com as intensidades busca formar máscaras para se simularem, se ensaiarem gestos. O olho vibrátil seria aquele que percebe a máscara, apenas a máscara, antes de as intensidades tomarem corpo em matérias de expressão. Olho vibrátil no momento presente.

“E tá transmitido pelo olhar o que precisava acontecer ali. Essas outras pessoas que eram menos porosas a essa relação que a gente já trazia em nós de alguma forma individualmente, e que convergiu numa bela coincidência ali, essas outras pessoas que eram menos porosas a isso, demonstravam porosidade menor, também se acalmavam.” (Trabalhadora Social, CAPS AD, 2017).

Vejo nessa passagem produzida na roda de conversa com os trabalhadores sociais, uma pista para esse olho vibrátil do invisível.

O saber que temos sobre o momento presente não é explícito, verbal, consciente, mas sim, implica em **estados de vitalidade** que, implicitamente, experimentamos em nossa vida toda (Stern, 2007). As intensidades experimentadas se dão de forma não conceitual e servirão como matrizes na construção subjetiva das categorias afetivas do sujeito. Estes são seus vetores intensivos corporais e que irão se tornar o índice de uma presença contínua do mundo ao seu redor.⁴⁵

Acredito que a maior parte dos processos vividos nas experiências em dança não pode prescindir desta dimensão implícita. No processo de criação de gestos em dança, trata-se de encontrar o plano de vibrações e movimentos sutis no presente do acontecimento do encontro entre bailarinos.

Já nos processos de formação e cuidado no trabalho, a partir das práticas que trago nesta pesquisa, as ideias de presentividade e de experiência subjetiva implícita no momento presente é fundamental. Há uma importante dimensão formadora e de cuidado a partir da experimentação implícita.

Opto por fazer uma aproximação do conceito de momento presente com o conceito de experiência, a saber, a experiência como acontecimento que se dá no encontro (Larrosa, 2016).

⁴⁵ Em qual estado seu corpo se encontra agora?

“Agora engraçado que eu tive uma percepção diferente, apesar de eu ter ficado desde o início da ocupação ali, como eu tinha afetos, pessoas muito próximas ali, afetuosamente, eu acho que esse momento da atividade fez eu me aproximar muito mais de outras pessoas. Apesar de ter dormido, acordado, tomado banho com aquelas pessoas, naquele momento eu me permiti viver algo muito mais profundo com aquelas pessoas que eu estava dividindo aquele espaço, sabe? E eu acho que eu senti muito isso, eu já falei e vou voltar a falar agora, nessa atividade que fizeram, foi a do tecido, que era um lance de você ser carregado pelas pessoas sem saber pra onde você vai, de olhos fechados. É de fato você se entregar né, você ser massageado, né? E foi a sensação que eu tive, eu confio em que tá comigo aqui.” – (Trabalhador Social 1 OCUPA SUS RJ, 2017)

“É, mas isso não era o sentimento, a coisa da ocupação?” (Trabalhador Social 2 OCUPASUS RJ, 2017)

“Eu acho que era isso, mas assim, talvez eu tenha só tomado consciência na hora que a gente estava na atividade. Era esse o diferencial pra mim. Naquele momento.” (Trabalhador Social 1 OCUPASUS RJ, 2017)

O momento do encontro descreve uma natureza de co-criatividade e a ampliação do campo intersubjetivo servindo de contexto principal para produções subjetivas outras. Stern junta ao momento presente, *kairós*⁴⁶, intersubjetividade e co-criação. Assim, o que é compartilhado num momento de encontro é uma história vivida, física, emocional e implicitamente partilhada, não sendo algo apenas explicado, narrado. Stern (2007) nos fala de **afetos de vitalidade** que nos oferecem um saber em andamento, saber implícito do momento presente que se opera no corpo-dispositivo a que nos referimos no início desta entrada.

2.5. Corpo-sem-órgãos: caminhos para um corpo que vibra

Antonin Artaud (1896-1948) foi poeta, ator, escritor, dramaturgo, roteirista e diretor de teatro francês, um incrível louco, de fortes aspirações anarquistas. Ligado fortemente ao surrealismo, Artaud foi expulso do movimento por ser contrário à filiação ao Partido Comunista. Internado em vários manicômios franceses, constrói uma obra viva e genial. Para ele, o teatro é o lugar privilegiado de uma germinação de formas as quais refazem o ato criador, formas capazes de dirigir ou derivar forças.

Deparando-se com a inutilidade dos órgãos de um corpo, de seu corpo, do corpo do ator, do corpo no teatro, propõe o esquecimento desse corpo organismo, de funções e

⁴⁶ Palavra grega para designar o momento em que algo vem a ser, unidade de tempo subjetiva e psicológica ao mesmo tempo.

cadências fechadas. Para ele, o teatro é lugar onde a vida se refaz, e ao longo de sua produção incessante, imerso em interações psiquiátricas, passa a postular que o teatro é o lugar onde se refaz o corpo. O “**corpo-sem-órgãos**” é o nome dado ao corpo que se refaz e se reorganiza uma vez libertado de seus automatismos, dando-lhe oportunidade de se abrir para “dançar ao inverso”.

A questão que se coloca é de permitir que o teatro reencontre sua verdadeira linguagem, linguagem espacial, linguagem de gestos, de atitudes, de expressões e de mímica, linguagem de gritos e onomatopéias, linguagem sonora, em que todos os elementos objetivos se transformam em sinais, sejam visuais, sejam sonoros, mas que terão tanta importância intelectual e de significados sensíveis quanto a linguagem de palavras (ARTAUD, 2006, p. 71).

O lugar do teatro enquanto campo de “refazimento” do corpo pode ser por nós transposto ao trabalho clínico, sobretudo quando Artaud atesta a necessidade de rejeitar a supremacia da palavra. Essa transposição, por sua vez, de acordo com o que estamos sustentando até aqui, pode se ampliar ao contexto de uma ética de existência na vida enquanto obra de arte, pensando na ampliação da escuta clínica para além das representações.

Deleuze e Guattari (2012) se apropriam das ideias de Artaud e propõem a necessidade de se fabricar para si um corpo sem órgãos, entendendo este como uma prática ou um conjunto de práticas as quais colocam o corpo no jogo enquanto corpo intensivo. Sendo assim, falam de um corpo de passagem para os devires intensivos do desejo, devires livres das mediações dos biopoderes sempre em movimento constante.

Ao se construir na experimentação⁴⁷, o CsO faz passar as intensidades que ele mesmo produz e distribui. Aí, pode ser desencadear um esvaziamento pelo excesso das intensidades em jogo na experimentação de um CsO. Coloca-se então a necessidade de manejar os impulsos e os desejos, fazendo-se necessária a **prudência** na experimentação.

Estas injunções de prudência levam em conta a importância em construir dentro do plano de imanência “um plano de consistência a partir das intensidades liberadas pelos processos disruptivos do organismo (superfície do organismo), da significância (relação significado/significante) e da subjetividade (sujeição)” (Resende, 2013, p. 35). Esses três estratos são fenômenos de acumulações, sedimentações, dobramentos, coagulações que se articulam pressupondo formas e codificações.

⁴⁷ É possível distinguir as fronteiras deste espaço de corpo aberto?

É a partir do recolhimento do que excede a esses estratos que encontramos lugar para a criação. O resultado dos diferentes agenciamentos que permeiam esses estratos é o que pode resultar na construção de um CsO, através da experimentação. Portanto, estes agenciamentos podem promover sua expressão e seu conteúdo através das articulações entre estratos. Contudo, há também espaço para agenciamentos fora dos estratos, desestratificações e decodificações.

Um CsO se constrói no plano de imanência do desejo, este entendido aqui enquanto produção e não enquanto falta. O que dá movimento ao CsO é justamente seu estado de constante devir. O plano de consistência, por sua vez, é próprio do desejo, sendo um processo de produção.

No entanto, na medida em que um desejo é produzido incessantemente, se os processos de desterritorialização dele não forem feitos com a devida prudência, temos como resultado um CsO esvaziado, uma abertura que levaria a morte pelos excessos de intensidade.

Nesse aspecto, importa seguir as orientações de Rolnik (2014) quando afirma ser necessária certa cautela para se utilizar a noção de corpo sem órgãos de Artaud, pois é possível acreditar que se trata de uma experiência de se arreentar, de chegar a um limite da morte e ficar sem órgãos. Não é assim que a utilizamos aqui. A experiência do CsO em Artaud admite sim, uma associação com o risco, um risco não de o corpo se dissolver em si mesmo, mas sim de se estabelecer em um espaço onde seja possível construir condições de manutenção dessa relação de embate entre o próprio CsO e as estruturas que se criam a partir dessa prática (Rolnik, 2014).

Enfatizamos a prudência.

Segundo Passos (Ribeiro, 2016), há uma prudência necessária ao acompanharmos os processos subjetivos em seus desvios, afirmando uma prudência do cuidado. Acredito que podemos fazer uma aproximação entre essa prudência no cuidado e o trabalho de cuidado realizado por trabalhadores sociais na saúde mental.

Apontaremos na terceira entrada para a importância em darmos lugar aos aspectos sensíveis quando abordamos a experiência de cuidado em serviços de saúde mental. Ribeiro no diz “para além da escuta clínica, há uma necessidade de uma abertura sensorial integral ao corpo” do usuário do serviço (Ribeiro, 2016, p.27). A autora relaciona e diferencia as noções de corpo orgânico, corpo sensível e corpo vibrátil, proposta por Rolnik (2004), dizendo que estas duas primeiras distinções de dimensões do corpo são de suma importância para nossa constituição subjetiva, mas que

ambas ainda se apoiam em uma noção do corpo como forma, como organismo (Ribeiro, 2016).

Enfatizamos aqui a necessidade de incluirmos e experimentarmos no cotidiano das práticas de cuidado de profissionais de saúde essa dimensão sensível junto a dimensão vibrátil do corpo e acreditamos que há aberturas possíveis para a experimentação desse “sensorial do corpo” (Ribeiro, 2016) em práticas de formação em trabalho, nos espaços coletivos de trabalho em um serviço de saúde mental, onde os trabalhadores podem sustentar a prática de sentir através de atividades corporais e coletivas, implicando em poderem também experimentar um cuidado daquilo que sentem. Formar é abrir corpos sensíveis e vibráteis. Ao se abrirem, estes corpos requerem cuidado e contorno prudentes diante do que se sente e se marca. Privilegiaremos o espaço de reunião de equipe como polo catalizador de experiências sensíveis formadoras e cuidadoras de trabalhadores sociais da saúde mental na terceira entrada.

Por enquanto, seguimos com Rolnik a fim de investigar a vibratilidade de corpos. A autora prefere se utilizar do conceito de *corpo vibrátil* evitando possíveis dificuldades de compreensão, mas admite que podemos pensar numa junção entre as noções de CsO, corpo vibrátil e campo imanente.

2.6. Corpo Vibrátil e Experiência do Saber-do-Corpo ⁴⁸

Nessa entrada, percorro caminhos para a sustentação da noção de corpo sensível com a qual seguirei adiante na dissertação. Essa potência sensível do corpo que percebe o outro e que se opera pelos sentidos se distingue da potência vibrátil do corpo, que permite a experimentação subjetiva da presença viva do outro nos encontros e que se engaja. Uma presença que não se representa, mas que reverbera (Rolnik, 2004).

Um **corpo vibrátil** é composto por saberes implícitos que advém na experiência do momento presente, consistindo em uma fronteira que nos permitem encontros, encontros de forças múltiplas que se misturam. Dos encontros produzem-se efeitos, efeitos de **saber-do-corpo**, que podem engendrar processos subjetivos potentes, nos colocando em movimento de criação e recriação. Para mim, o corpo vibrátil é um corpo que dança.

⁴⁸ Experimente dançar nesse espaço.

Suely Rolnik (2016) aponta para os diferentes modos de experiência de subjetividade que fazemos no mundo simultaneamente, marcando sua importância, pois nos apontam para distintas possibilidades subjetivas de apreendê-los. Fala da experiência imediata que se baseia na percepção, apreendendo contornos atuais do acontecimento.

Ao mesmo tempo, e junto a muitas outras formas de experiências de subjetividade, Rolnik destaca a experiência “fora-do-sujeito”, onde entram em jogo forças de um corpo vivo em encontro com o mundo, agitando-no. Os efeitos deste modo de experiência subjetiva referem-se ao acesso a afectos e perceptos tais quais nos oferecem Deleuze e Guattari referindo às possibilidades de afectar, tocar, contaminar, perturbar (Rolnik, 2016, p.11).

Acessamos segundo a autora, o saber-do-corpo. Uma dimensão onde o “mundo vive efetivamente em nosso corpo sob o modo de afectos e perceptos” (Idem, p.11) podendo integrar nossa composição e impulsionar recriação do entorno e nós.

Essa noção de saber-do-corpo, de possibilidades de acesso ao saber-do-corpo como efeito de uma experiência conjuga as transversalizações que tenho ensaiado ao aqui.

Rolnik (2016) sustenta a potencia das experiências extra-pessoais, extra-cognitivas, que se dão nos processos de subjetivação, indicando uma direção de manutenção de uma abertura à escuta dos afectos e perceptos responsáveis por sua desestabilização, uma perturbação de si na experiência, onde o corpo é transmissor de pulsação, adquirindo poder de contágio. Uma micropolítica ativa, onde a ação desejante é um processo de criação de modos orientado pelos saberes do corpo / pelo saber do corpo.

Rolnik alerta que o “(...) mais perverso do novo regime é que ele se nutre do perigo imaginário de uma subjetividade reduzida ao sujeito, além de mantê-la cativa nessa redução, desconectada do saber-do-corpo.” (Rolnik, 2016, p.23).

As formas de abarcar a dimensão micropolítica de resistência, segundo Rolnik, advêm da **escuta do saber do corpo**, insistindo na urgência em recobrá-la. Entretanto, toda prática de resistência, se reduzida ao plano macropolítico, deixa-se predominar, se capturar, e passa a reforçar uma micropolítica reativa bastante própria ao sistema capitalista vigente.

Para a autora, um devir revolucionário, um caminho de resistência, seria aquele cujo modo de subjetivação é impulsionado pelas irrupções e afectos que nos chegam pelo saber-do-corpo, impulsionando a reinvenção da realidade (Rolnik, 2016).

Construir esse corpo em possibilidades de abertura, coletivo, vibrátil, pode referir-se a uma dimensão micropolítica ativa de resistência, e cabe inseri-lo no campo de visibilização das formações de profissionais de saúde, subjetividades de ação de cuidado. É o corpo-dispositivo operando e podendo aparecer.

As dobras micropolíticas de resistência foram aqui colocadas. Percorremos as curvas nas possibilidades de abordagem do corpo, porque com elas também podemos combinar, encontrar, criar e reinventar a partir de suas relações. Tendo em vista a macropolítica hegemônica colonial-capitalística (Idem) que extrai sua força não só do regime econômico, mas também dos regimes cultural e subjetivo, aposto na força de cartografar processos subjetivos ativados em experimentações coletivas através do corpo, afirmando-os como ações políticas, artísticas, na abordagem dos processos de trabalho e a formação em saúde mental.

Contudo, a macro e micropolíticas são dimensões inseparáveis, não são as curvas nas noções e experimentações do corpo somente que operam os desvios necessários. Algumas dimensões macropolíticas, como eixos duros de sustentação da saúde, da saúde mental também precisam ganhar espaços, se curvarem, se dobrarem na possibilidade de outros caminhos para a concepção de formação de trabalhadores em saúde, a saúde no trabalho introduzindo o cuidado como dimensão múltipla de ação e o corpo como vetor principal, cujo acesso pode advir tanto de práticas especificamente corporais quanto de práticas de produção de saúde no cotidiano do serviço, abertura para outros modos de escuta e cuidado.

ENTRADA 3

AS FORÇAS DO GESTO: PERCEPÇÃO E EXPERIÊNCIA DE UM COMO

Para dar contornos a esse corpo de dissertação, escolhi por pesquisar alguns processos que considero constituir o chão deste percurso. Seguimos caminhando lentamente sobre o chão deste espaço. Caminhar pelo espaço, olhando à sua volta. Olhar as suas dimensões, suas distâncias, suas rachaduras, suas cores, suas luzes, qual a sua consistência. Escolhi pesquisar certos processos a partir da experimentação de outros processos e nesse caminho tentar dar contornos às práticas que me foram possíveis e às que estão por vir. Assim, escolhi traçar um percurso de pensamento a partir das marcas que me foram produzidas. No entanto, as marcas se produzem pelos encontros e trago para compor comigo as falas, as produções de alguns com quem me encontrei e comigo se encontraram.

Merhy (2004) em artigo que parte da constatação de um aumento na busca pelo desenvolvimento de atividades comprometidas com a produção de conhecimento em saúde por trabalhadores ativos da assistência, nos afirma que:

“Neste terreno reflexivo, junto com outros companheiros, temos pensado a construção do que denominamos de ferramentas disparadoras de situações auto-analíticas para os trabalhadores de saúde, nos seus agires cotidianos, nas organizações e nos serviços de saúde. Temos feito disso uma linha de estudo e investigação e explorado o mais que podemos as suas possibilidades, enquanto modo de produzir novas formas de conhecer, que permitam àqueles trabalhadores se posicionarem como sujeitos do conhecimento, de um novo tipo, ao mesmo tempo que implicados militantemente com e por este conhecimento produzido” (MEHRY, 2004, p. 16).

Escolho pesquisar as articulações entre corpo, política, clínica a partir da construção de noções acerca do tema da formação e do cuidado, afirmando e praticando a necessidade de apreensão destes conceitos de forma ampliada e reconfigurada a partir das experiências práticas que com oficinas de Corpo e Movimento realizadas com a equipe de um serviço da Rede de Saúde Mental no Município de Niterói, voltado para o atendimento de usuários abusivos de substâncias como material de pesquisa.

Estamos diante de um contexto de relações trabalhistas extremamente precárias - e até ilegais – junto à experimentação dos colapsos na sustentação do SUS e da RAPS (Rede de Atenção Psicossocial), aliados às fragilidades e dificuldades inerentes ao trabalho em um serviço de saúde mental. Nesse sentido, trouxe discussões e expressões

até aqui para apoiar nossa formulação acerca da formação, da sensibilização e do cuidado tomados como **práticas públicas de saúde**.

Na aposta de construção de um território possível na transversalidade entre dança e psicologia, entre arte e clínica, entre criação e processos de subjetivação, minhas práticas pessoal e profissional junto do que considero ser minha política, revelaram processos potentes em seus efeitos e suscitam a necessidade permanente de reflexão, construção e compartilhamento. Surge a percepção e a experiência de um como.⁴⁹

3.1 Curvas Na Formação

Concebo a formação a partir da experiência, aqui definida como “algo que nos acontece” de acordo com as formulações de Jorge Larrosa (2016). Aqui, defino a formação como experiência que irrompe, incidindo e atingindo corpos, presentificando um corpo que reverbera e (de) forma, mas que não intenciona uma determinada transformação. A experiência que objetivamos expor não visa transformar, não quer chegar a lugar nenhum pré-definido. Ela acontece e dela recolhemos efeitos.

Ainda que nos serviços de saúde possam existir objetivos e até mesmo programas envolvendo práticas de formação através de oficinas, dentre outras ferramentas, quero extrair delas outras entradas, outros possíveis. Através de palavras, gestos, afetos que apareceram mais intensificados e que se fizeram matéria de contorno e ou de direção ética nos referidos encontros de práticas corporais e sensíveis os quais trago narrados e permanentemente analisados na dissertação. Experiências de formação, fazendo curvas nos processos formativos hegemônicos.

Assumir a dimensão da experiência como aquilo que pode produzir transformação sob o viés teleológico é algo que poderia corroborar com a composição da dimensão macropolítica da experiência. Nesse sentido, teríamos aí algumas grandes metas a atingir como por exemplos, a de humanizar o desumanizado, a de conscientizar o alienado, a de produzir conhecimento ao ignorante, a de estimular o desanimado, a de curar o doente, a de sanar a loucura, dentre outros exemplos.

⁴⁹ Como transitar por este espaço? O que você vê? O que você sente? O que você imagina?

Acreditamos que qualquer experiência nossa tem suas duas dimensões. Junto às forças macropolíticas estão sempre forças micropolíticas em suas possíveis relações (Guatarri e Rolnik, 2013).

Trago a possibilidade de trabalhar na dimensão micropolítica da experiência de formação, dentro do campo das políticas públicas, localizando-a como uma **dobra** no cotidiano do trabalho que por sua vez, também o faz vibrar. Aqui, para pensarmos essa experiência de formação em sua dimensão micropolítica, trazemos o saber-do-corpo como operador que desloca e pode evocar outras formas de estar no mundo, na medida em que trazem consigo a dimensão intensiva da experiência, os saberes implícitos de que nos diz Daniel Stern (2007). Trago aqui o corpo como um operador micropolítico, implicando uma micropolítica do corpo (Caetano, Resende, Torralba, 2011).

Pensar a experiência na sua intensidade significa produzir intervalos, curtos-circuitos nos processos de trabalho e de formação, sabendo que eles estão aí junto com as forças da reprodução do mesmo e que com estas temos também que nos relacionar. A importância do que trago aqui na dissertação se dá na medida em que assumo ser nessas aberturas, nesses intervalos, nessas curvas que um trabalho de formação se produz e, ao mesmo tempo, produz-se também um trabalho de cuidado ao formar.

As experiências favorecem que os corpos desses trabalhadores possam se encontrar em sua potência e desse modo, *co-laborar*, laborar cuidando do outro e de si. Abrem-se possibilidades de formação na construção de um espaço-tempo outro dentro do cenário de trabalho onde o trabalhador precisa bater metas, atingir resultados e onde o conhecimento necessário é produzido ao somente processarmos informações que nos são oferecidas, externas a nós, ignorando os aspectos de subjetivação, de produção subjetiva ali engendrado.

Nesse sentido, a pesquisa encarna seu poder de intervenção, pois parte de dentro, vindo justamente do efeito numa aposta de produzir aberturas, criar porosidades nesse campo duro do trabalho em saúde mental e também da educação em saúde. Essa é a contribuição: acompanhar a produção desse encontro de corpos em trabalho pela sua potência.⁵⁰

De início, queria afirmar que a proposição de espaços-tempo de viver a experiência no trabalho na sua intensidade, seria por si só a maneira de possibilitar aos corpos resistir à captura de sua singularidade intensiva, captura de sua capacidade de se

⁵⁰ O que lhe chama atenção?

afetar. Contudo, não é possível e nem tão pouco interessante fechar-me em um produto, em uma meta, em um objetivo. Trata-se de diferenciar-me da teleologia hegemônica.

Estão aí as próprias reverberações de meus próprios atravessamentos por essas práticas hegemônicas de escolarização que encontrei e coletei dos percursos de minha formação. É preciso sustentar essa abertura, a possibilidade de abrir espaços-tempo em que se possam experimentar as aberturas, sem demarcar necessariamente caminhos.

Se esses corpos irão resistir, re-existir, se irão produzir outras coisas, qual a natureza dessa produção, não é possível prever de antemão, mas faz-se importante recolher seus efeitos. Tomar mais uma vez o tempo de **parar e reparar**, olhando para o jogo forças.

“Se nos dermos esse tempo, esse silêncio, essa brecha; se suportarmos manter a ferida aberta, se suportarmos simplesmente (re)parar – voltar a parar para reparar no óbvio até que ele se “desobvie” – então, eis que o encontro se apresenta e nos convida, na sua complexidade embrulhada em simplicidade”(Fiadeiro e Eugenio, 2012, p.4)

Na perspectiva dos trabalhadores sociais da saúde mental, os encontros são constantes e referem-se a múltiplos atravessamentos. Dentro deste plano micropolítico de forças, o corpo e seus saberes operam como dispositivo na formação destes trabalhadores. Rolnik (2003) nos fala que o que pode orientar o exercício da potência de invenção é o corpo vibrátil.

Dissemos anteriormente também que as práticas de formação revelam em seus processos também a produção de cuidado entre aqueles que participam, compõem e integram seu campo intensivo. Ao me debruçar sobre a noção de cuidado, sinto necessidade de redefini-la. Fazer uma curva. Entendo ser necessário para esse exercício, partir de uma também redefinição sobre nossa concepção de saúde, sem negar as perspectivas da morte e da doença, mas considerando-as parte do processo da experiência da vida (Resende, 2008a). Assim, saúde não significa ausência de doenças, como nos quer forçar o saber médico científico moderno, apoiado numa abordagem do corpo anatomofisiológico estável.

O que é patológico não pode servir de referência para podermos afirmar o que é normal. Canguilhem (2002) em seu clássico texto sobre o normal e o patológico, afirma que a saúde deve ser medida pela nossa capacidade de instaurar novas normas internas em função das demandas do meio (RESENDE, 2008b), apontando para uma normatividade vital. As normas não são produzidas somente externamente a nós. Cada ser é dotado de uma normatividade vital, capacidade de produzir novas formas de vida.

Essa é uma concepção de saúde central para o campo da saúde mental, na medida em que define a doença não pela ausência de normas, mas pela incapacidade de variá-las; a doença é também uma norma de vida, contudo, é inferior a vida, inflexível a ela (IDEM).

Diante disso, a noção de cuidado se dá na produção de vidas e assim, cuidado é mais do que um ato e sim, uma atitude. Faz-se imprescindível então, para o papel de todos e quaisquer trabalhadores da saúde a articulação entre a capacidade de se produzir procedimentos e a de se produzir atitudes de cuidado (Merhy, 2002).

Cuidar me remete a um posicionamento comprometido e implicado em relação aos sujeitos. Mais do que uma essência do trabalho na saúde, o cuidado é uma dimensão da vida humana que se efetiva no encontro. Tais apostas estão certamente nas bases para a construção do campo da saúde mental, amparadas pelas curvas e dobras que o movimento da Reforma Psiquiátrica e as práticas antimanicomiais instauraram e vem instaurando aí (Yasui, 2006). No entanto, essas mesmas curvas precisam de novas dobras para poder ir se mantendo em movimento, sem engessar.

3.1.1. Dobra na Experiência do Cotidiano

As experiências que tive nas oficinas de práticas corporais e sensíveis com trabalhadores sociais me dispararam o desejo de acompanhar os processos abertos por elas. Utilizei como recurso para reativar as memórias intensivas desses processos, dessas oficinas e dessas experiências de trabalho e militância, a criação de outros espaços de trocas, através de rodas de conversa gravadas com os trabalhadores sociais com os quais tive a oportunidade de experimentar esses outros espaços-tempo, como intervalos de formação e cuidado na experimentação do corpo sensível no cenário do trabalho em saúde mental e da militância.

Nessas rodas de conversa puderam ser produzidos materiais de suma importância para compor esse texto-ensaio. Percebi com estes encontros que o próprio espaço de acontecimento deles funcionou como um modo de restituição, de devolutiva da pesquisa-intervenção em curso. Processou-se como um novo **parar e reparar** - movimento-ideia que venho utilizando ao longo da dissertação, a partir de articulações com o Modo Operativo AND de Fernanda Eugenio e João Fiadeiro - na experiência e seus desdobramentos. Assim, foi possível desdobrar as experiências partilhadas nas

oficinas de práticas corporais através de seus efeitos visíveis e também invisíveis nesses encontros inicialmente planejados para ativação de memórias.

“Então, sensível no sentido de que a gente vai poder se deixar ser tocado e tocar, ao mesmo tempo trocando coisas, trocando saberes, a gente não pode parar. Acho que a gente está avançando na nossa formação enquanto profissionais de saúde, (...) enfim, a gente vai cuidar do outro”. (Trabalhadora Social, CAPS AD, 2017)]⁵¹

Mais uma vez, um dispositivo coletivo produz reverberações no corpo, produz movimento de pensamento e reconhecimento de si enquanto corpo de contágio, corpo no mundo que encarna experiências na medida em que pode senti-la, experiência sensível, encarnando-a mesmo sem ter consciência disso.

3.2 Novas linhas de criação: aproximações entre a Educação Popular, Educação Permanente e a Metodologia Angel Vianna

Parte do objetivo de incluir Paulo Freire na dissertação vinha de um simples desejo. Na disciplina, pude ter a chance de retomar meu próprio percurso por seu trabalho. Sim, a prática foi o que primeiro veio e está aí o maior indicativo de que as bases das questões que vim a construir posteriormente ali também se experimentavam. As dores e as delícias das práticas de formação, práticas educativas.

A proposta de realizar um trabalho corporal com educadoras em formação sempre me pareceu promissora. Tive a oportunidade de encontrar este espaço como professora de “Corpo e Movimento” para alunes do curso normal superior no Instituto Superior de Educação Pró-saber.⁵²

⁵¹ Seguindo na dança pelo espaço, toque-o.

⁵² O Pró-Saber é uma faculdade particular gratuita que trabalha, há 30 anos, pela valorização da educação pública e pelo reconhecimento da educação infantil como pilar da redução da desigualdade no Brasil. Começou em 1987, como Centro de Estudos e Atendimento Psicopedagógico, voltado prioritariamente para alunos da rede pública. E foi se qualificando até se tornar, em 2004, o Instituto Superior de Educação, reconhecido pelo MEC. O ISEPS forma, em serviço, professores que trabalham em escolas públicas de Educação Infantil situadas em comunidades de baixa renda. Desde 2004, o Pró-Saber formou 380 professores, cujo trabalho beneficiou e beneficia, direta e indiretamente, cerca de 24 mil pessoas, entre crianças, professores e profissionais de educação infantil em 133 creches de 67 comunidades do Rio de Janeiro. Além do Atendimento Psicopedagógico e da Graduação de professores de Educação Infantil, o Pró-Saber oferece cursos de Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia e em Educação Inclusiva; e cursos de extensão nas áreas de Psicopedagogia, Arte, Filosofia, Educação e Psicanálise. <http://www.prosaber.org.br/>

Realizei este trabalho por 2 anos no ISEPS, no acompanhamento de três turmas em formação do curso normal superior. Já haviam algumas coisas planejadas, havia uma proposta de trabalho. No entanto, quando se trata do corpo, quando se trata da educação e da troca de diferentes sujeitos em distintas situações e vivências, o acaso e os efeitos são os elementos mais estimulantes e potencializadores de trabalho.

Aos poucos, ao me deparar com a utilização massiva e intensa dos princípios da Educação Popular nos dispositivos públicos das políticas públicas de Educação Permanente, (Educação em Saúde e Educação na Saúde) percebo que ali também serão precisas dobras a fim de apreendermos outros modos de performatização destas práticas.

Compreendemos a educação popular como parte do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam uma cultura, difere de treinamento ou da simples transmissão de informações. Significa a construção de um senso crítico que colabore para que os sujeitos entendam, comprometam-se, tenham capacidade em elaborar propostas, reivindicuem e transformem (-se). Não é um discurso acadêmico sobre um método, nem um produto acabado ou uma receita simples e mágica. É diferente de técnicas de grupo que são utilizadas para estimular a participação e a cooperação (BRASIL, 2014, p. 127).

A Educação Popular privilegia as linguagens que emergem na capilaridade das práticas locais, buscando as integrações entre o saber empírico, o saber científico e a reflexão das pessoas. Para a Educação Popular está colocada a necessidade de se integrar a dimensão imediata da experiência, apontada como fundamental para o acesso aos saberes do corpo que abordamos na segunda entrada, configurando-se como processo educativo permanente.

Contudo, o que se faz importante evidenciar são os modos distintos de apropriação das proposições da Educação Popular, muitas vezes diferentes das direções que apontam para práticas de liberdade.

Existem muitas formas de realizar praticas pedagógicas que visam à domesticação das pessoas para que elas se prestem a obedecer e a reproduzir um padrão de comportamento que serve a uma ordem e aos interesses de uma classe dominante. Outras ainda se utilizam do discurso da metodologia popular, mas constroem uma prática autoritária na qual as pessoas são dominadas pela manipulação, pela sensação de que são parte onde os educadores tomando a iniciativa pelos educandos, perpetuam neles a dependência e o sentimento de inferioridade (BRASIL, 2014, p. 129-130).

A fim de abordar as expressões dessas utilizações dos princípios da Educação Popular no campo da saúde pública, é preciso abordar o campo das políticas de Educação em Saúde.

Vargas (2015), em sua dissertação dedicada aos estudos sobre a Educação em Saúde, nas suas possíveis dobras e aberturas, dialoga conosco ao afirmar que a viabilidade de uma Política Pública de Educação na Saúde habita um território de tensões permanentes. Trata-se de um território composto pelo funcionamento do aparelho de Estado e as modulações de suas racionalidades. Junto a isso, encontramos também as interferências que se criam através do plano da experiência concreta dos coletivos de trabalhadores que se formam em cada estabelecimento de saúde.

A Educação, dentro do campo da saúde, se organiza a partir de dois grandes eixos estruturantes: os processos educativos voltados aos usuários e à população, que se denomina por Educação *em* Saúde; e os processos de educação voltados à formação profissional e à educação dos trabalhadores do SUS, denominados por Educação *na* Saúde. Incluo nesse eixo, a Educação Permanente em Saúde, política pública que se ampara na concepção de que:

Esses 2 eixos são por mim considerados linhas duras que atravessam o campo da formação na saúde, sendo estes difíceis de acessar no cotidiano de um serviço.

“(...) transformar a formação e a gestão do trabalho em saúde não podem ser consideradas questões simplesmente técnicas, já que envolvem mudanças nas relações, nos processos, nos atos de saúde e, principalmente, nas pessoas. (...) Portanto, a educação permanente requer ações no âmbito da formação técnica, de graduação e de pós-graduação, da organização do trabalho, da interação com as redes de gestão e de serviços de saúde e do controle social neste setor” (BRASIL, 2004b, p. 11).

A Educação Permanente sustenta um processo formativo que deve acontecer ao longo de toda a vida e acontece, também, em todos os lugares pelos quais sujeitos e coletivos se compõem (Vargas, 2015).

No meu trabalho no ISEPS, uma das propostas iniciais era a de um trabalho voltado para a consciência corporal pessoal de alunos. Desenvolver consciência de seu corpo, os limites que esse pode apresentar, as inúmeras possibilidades assim também como a possibilidade de relações que o corpo pode desenvolver junto ao campo das artes, estes eram alguns disparadores para as propostas das aulas.

Como desenvolvido na segunda entrada, o corpo é considerado como estando na fronteira entre todas essas formas de expressão, colocando-se como instrumento de trabalho e operador de subjetivação e construção.

A perspectiva de criação em todo trabalho corporal são a de processos possibilitados pela percepção do corpo integrado, integrado enquanto produtor de pensamento, produtor de gesto, produtor de práticas, de presentificação.

As práticas de trabalho corporal desenvolvidas nesses encontros com as educadoras em formação constituem um território onde elaborações, questionamentos, encontros com desconhecidos campos produzem efeitos subjetivos coletivos. Sempre bom poder acompanhar alunes produzindo as correlações com sua prática pela experimentação sensível de si, do coletivo.

No curso normal do Pró-saber, a estruturação de todas as aulas deveria incluir aos pontos de observação disparadores para cada dia de encontro, uma forma a meu ver de aproximar alunes e educadora (o) das intensidades experimentadas, uma ferramenta de avaliação, observação, reflexão. Esta noção de observação sustentada na metodologia do ISEPS como ponto de apoio aos processos de aprendizagem se dá a partir dos prolongamentos das formulações de Paulo Freire. Assim, a observação pode promover produção de saber na elaboração de qualquer prática educativa, qualquer prática social.

Madalena Freire, filha de Paulo Freire e uma das coordenadoras deste Instituto de Educação, seguindo as direções de educação libertária propostas por seu pai e seus intercessores, afirma a importância de concebermos o espaço como potente educador, compondo as variadas dimensões de transmissão e produção de conhecimento. O espaço é formador. Aqui, encontro apoios para sustentar a possibilidade de composição de espaços-tempo de experimentação sensível como espaços de formação de trabalhadores sociais.

Através da atividade “Corpo e Movimento” coordenada por mim entre os anos de 2011 e 2013 no ISEPS, encontro a possibilidade de desdobramento de minhas práticas de trabalho que até então realizava em outros espaços, aproximando-me mais intensamente da dimensão do corpo assumido como educador. Nele, há um saber, um saber-fazer e também um não saber. Não se trata de um saber dos livros, dos textos, das técnicas, do cotidiano formal. O corpo aqui é tomado como o primeiro a dar sinais, abrir caminhos, desconstruir e construir trilhamentos, possibilidades. Temos de dar chance a ele, criar um espaço.

O corpo está em movimento, o corpo é movimento, mesmo diante da inércia. Abrir espaço e escuta para esse estranho familiar, torná-lo disponível, ouvir com o corpo, escutar com o corpo, experimentando-o dentro da potencia de cada momento,

perceber defesas e limitações singulares que se constroem e se desconstroem, formam e deformam o tempo todo, comprovando sua natureza de puro movimento e criação.

Em *Educação e Mudança* (1979), Paulo Freire dedica-se a pensar sobre o “compromisso do profissional com a sociedade” (Freire, 1979, p. 15). Decide por criar instrumentos de análise dos aspectos dessa frase-ideia-aposta, a partir das relações entre seus componentes. Segundo ele, assumir um ato comprometido se torna possível a partir do reconhecimento da capacidade de agir e refletir do homem, e no caso específico desta frase, do profissional, que aqui no contexto da dissertação, é considerado um trabalhador, trabalhador social. Sendo assim, seguindo o autor, faz-se necessário ao homem saber-se estando no mundo.

Freire toma como ponto de partida o jogo dialético das relações homem-mundo para prosseguir com sua reflexão acerca da consciência, entendendo ser somente nessa ação dialética que se faz possível a tomada de consciência do mundo pelo homem. É nas ações, nas respostas dadas aos desafios da vida, nas práxis, que o homem toma consciência de si, dos outros e do mundo, em um processo de conscientização.

Sabemos que é preciso tomar um tempo para encontrarmos direções possíveis de aproximação entre a noção de conscientização e suas implicações no corpo, na corporeidade e nos processos de formação e educação, sobretudo porque a conscientização é um conceito central na racionalidade moderna. Aqui, me contraponho a ela, ancorada nas formulações de Foucault e na Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari, partindo da evidenciação de experiências onde o corpo é central para os processos de transformação, numa direção micropolítica e da multiplicidade, a qual pode nos levar a linhas de produção não de resultados determinados, mas de movimentos constantes de produção de diferenças.

Voltando à Freire, vemos que o comprometimento nas práticas de trabalho a que o autor se refere não é em si um ato passivo, e sim uma práxis que implica produção de conhecimento. A práxis é justamente esta unidade indissolúvel entre a ação e a reflexão sobre a realidade. (Freire, 1980). O compromisso se dá no engajamento com as “águas” da realidade que permite ao humano se molhar, se encharcar, se misturar (Freire, 1979, p. 19). É um compromisso com a humanização do humano, na medida em que permite responsabilização com eles mesmos enquanto sujeitos históricos.

Nesse sentido, Paulo Freire nos diz que o verdadeiro compromisso enquanto práxis é a solidariedade e, ele não se constitui como uma ação unilateral.

No texto de 1979, Freire afirma que para analisarmos o compromisso do profissional com a sociedade, é necessário tomá-lo como não estando fora de um contexto histórico-cultural, sendo nas relações que se estabelecem neste contexto que o humano se constitui enquanto tal. O compromisso com o mundo e com os humanos tomado como solidariedade na incessante procura da humanização é aquele que, através da práxis, mantém a possibilidade de o humano refletir sobre sua própria humanidade, assumir-se consciente.

Mas o que então seria o compromisso de profissional?

“Quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais me utilizo do patrimônio cultural, que é patrimônio de todos e ao qual todos devem servir, mais aumenta minha responsabilidade com os homens.” (Freire, 1979, p. 20).

Freire levanta a importância de profissionais não se ligarem somente à “escravidão às técnicas” e especialismos. Sabemos que esta é uma discussão também discutida e apontada em diversos estudos e produções contemporâneas, inclusive hegemônicas sobre os processos e organização de trabalho, assim como na educação e na saúde.

O profissional não é um detentor de verdades salvadoras àqueles supostamente perdidos que necessitariam de ajuda. A essa concepção mítica Freire (1979) nomeia alienação e afirma ser justamente ela que estimula o formalismo, a insegurança e a frustração do homem. O profissional, se em estado alienado, tem retiradas de si a possibilidade e a necessidade de perceber sua ação comprometida enquanto um instrumento imerso na cultura e que assim como a cultura, é móvel e implica constante criação. “O profissional deve ir ampliando seus conhecimentos em torno do homem, de sua forma de estar sendo no mundo, substituindo por uma visão crítica a visão ingênua da realidade, deformada pelos especialismos estreitos.” (Freire, 1979, p. 21).

Seguindo estas formulações, Freire afirma ser extremamente importante olhar para o papel do trabalhador social no processo de mudança. É preciso olhar para essa proposta através de um AD-MIRAR, olhar de dentro, penetrando por dentro aquilo que justamente nos faz ver. (Idem), através de uma análise crítica destas ideias de papel, de

trabalhador social, de processo, de mudança, nos múltiplos atravessamentos que estas podem experimentar.⁵³

O papel do trabalhador social se dá no processo de mudança, tomando-os em seus sentidos mais ampliados. Continuando, afirma que o trabalhador social atua na estrutura social e esta é composta dialeticamente por dimensões dinâmicas e estáveis. Esse é o jogo fundamental da estrutura social: a duração da contradição que se coloca entre mudança e estabilidade.

A ação, a práxis humana criam a realidade histórico-cultural no justamente no tensionamento entre a tendência à normalização e renovação de suas formas e o trabalhador social exerce seu papel nesse movimento, sem neutralidade diante desta realidade.

Nas suas discussões sobre o conceito de cultura em “Pedagogia como Prática da Liberdade” (Freire, 1967), Freire no diz que o alfabetizando, através das experimentações da alfabetização, descobre que tanto ele como o educador têm um ímpeto de criação e recriação. Para o autor, a “cultura é a poesia dos poetas letrados de seu país, como também a poesia de seu cancionista popular, que cultura é toda criação humana” (Da Silva, 2000). As culturas, os saberes são produzidas por todos os atores envolvidos. Aqui, autorizo-me a trocar o termo “alfabetizando” utilizado por Freire no contexto de transmissão de suas práticas, substituindo-o pelo termo trabalhador social, profissional.

Parto de minha experiência de trabalho como trabalhadora em dispositivos de saúde mental e como promotora de oficinas de práticas corporais para usuários e trabalhadores da saúde mental, assim como para públicos variados. Nesse caminho, me deparo com problematizações construídas nestes contextos e desejo abordar alguns processos experimentados a partir destas práticas.

Diante da vivência e constatação das dificuldades enfrentadas por profissionais em contextos de trabalho de produção de saúde e cuidado difíceis e desafiadores - muitas vezes precarizados por vetores variados - esta pesquisa investe na aposta de que tais práticas corporais sejam uma importante direção para pensar os efeitos da atenção/escuta do corpo na formação de trabalhadores e equipes multiprofissionais

⁵³ No que o seu gesto, a sua dança no espaço, faz diferença? Muda o ar? Muda a sombra? Muda a textura?

operando também, como produtoras de cuidado no campo da promoção de saúde no trabalho.

Afirmando a necessidade de se criarem constantemente iniciativas nestes campos mencionados, o encontro com esta ferramenta de trabalho a partir do corpo, dos afetos e de experimentação artística favoreceu a emergência de um modo de estar/lidar/trabalhar em saúde o qual considero potente e mobilizador.

Desde o momento de meu ingresso em serviços de saúde mental, me interesso pelas relações entre profissionais de diferentes formações dentro de uma equipe multiprofissional, entre os profissionais destas equipes e usuários de serviço e também entre trabalhadores de equipes com a gestão, na medida em que acredito serem todos estes atores – dentre os quais também me incluo - importantes na sustentação destes dispositivos e, conseqüentemente na própria sustentação do Sistema único de Saúde brasileiro.

Assim, esta pesquisa pode contribuir para a afirmação da importância de produção de espaços de cuidado a partir de práticas corporais em serviços de saúde e de saúde mental, voltados para as equipes multiprofissionais em trabalho, apostando que estes espaços possam funcionar como produtores de formação em serviço, contribuindo para a implantação das diretrizes de saúde no trabalho e como produtores de subjetividade e processos de formação.

Nesse sentido, procurando interseções com as formulações freirianas com as quais escolhemos dialogar, a criação destes espaços de práticas corporais, no qual corpo e espaço são entendidos enquanto educadores, formadores, surgem como experiências de **AD-MIRAÇÃO**, nas quais os trabalhadores que possam vir a se reconhecer em seu papel de sujeitos e não objetos da estrutura social. Sendo assim, podem se reconhecer enquanto agentes de transformação de dentro de uma dinâmica que tendenciona à conservação de um estado, de práticas, de relações, de vida, de corpos.

A mudança se dá nas possibilidades de afecção no encontro com a realidade. Oferecer recursos de abertura de percepção de “si em realidade” é um dos objetivos das práticas corporais. Assim, aposto na produção de abertura de corpo, ampliação de afetabilidades, produção de saber-do-corpo.

Seria este um dispositivo de conscientização, como Paulo Freire nos propõe?

O autor nos fala que: “Tentar a conscientização dos indivíduos com quem se trabalha, enquanto com eles também se conscientiza, este e não outro nos parece ser o papel do trabalhador social que optou pela mudança.” (Freire, 1979, p. 60).

A palavra conscientização para Freire é por mim entendida como uma **consciência-Ação, conscientizaAção**, podendo, contudo, ser tomada, em nossa cultura, como um dar-se conta de uma realidade pré-existente, uma verdade. E isso implica também relações bastante específicas inclusive com a questão do corpo.

O discurso da saúde não se encontra isolado em relação ao campo da Educação, se apropriando dela. Sabemos que a Educação, assim como a Saúde, guarda suas relações com as artes de governo. Portanto, os modos de governar se atualizam nas práticas de saúde e educação nos serviços, nas escolas e na vida cotidiana. (Vargas, 2015).

Os serviços de saúde refletem diretamente a estrutura social, cultural e histórica. No contexto desta dissertação de mestrado, esse campo de reflexão concerne especificamente ao contexto de trabalho em saúde, junto às relações e aos processos implicados em equipes multiprofissionais.

Vargas afirma que há uma problemática que emerge no campo da Educação Permanente em Saúde apontando para uma estratégia denominada “sensibilização”. Esta seria frequentemente empregada por trabalhadores da saúde, em diversos contextos (Vargas, 2015), e consiste em sensibilizar o usuário a favor de sua saúde, estimulando a apropriação deste do cuidado de si. Para pensar a partir do que emerge na discussão em torno da “sensibilização”, o autor destaca a importância de abordar as experiências concretas e imediatas nomeadas de experiência de adoecer.

Aqui, queremos pensar a experiência de adoecer que se apresenta no campo da saúde mental. Mais especificamente, trago minhas vivências em um serviço de atenção psicossocial para usuários abusivos de substâncias, um trabalho de cuidado junto aos sujeitos cujo modo de vida implica em experiências marcadas por violências, fragilidade nos laços e vínculos sociais, concentrada em uma experiência bastante restrita de viver. As histórias exigem grande disponibilidade de escuta, pelas intensidades que podem movimentar. No curso de um projeto terapêutico psicossocial, as constantes recaídas exigem a constante reinvenção do cuidado singular.

Para Vargas, a experiência de adoecer não se organiza a partir de uma disciplinarização do saber sobre ela. Por isso, foge de suas possíveis representações, sua classificações e seus protocolos. As concepções pré-estabelecidas de adoecer as quais os profissionais de saúde mental recebem em suas formações tradicionais e com as quais iniciam suas práticas de cuidado são considerados saberes seguros, técnicos. Estes saberes entram em relação com diferentes modos de conhecer, distintas maneiras de conduzir a

vida, a partir do encontro com os usuários do serviço e também com outros profissionais de uma equipe.

Nesse encontro, é possível “escutar” uma “visão” diferente de se relacionar com o adoecer ou com um hábito singular de um usuário. Vargas (2015) aponta para importantes efeitos dessa escuta possibilitada aos trabalhadores, quando amparada por uma definição técnica de saúde, que acabam por imediatamente tomar essa experiência singular do usuário como uma resistência ao cuidado, ou ao tratamento, ao seu trabalho. Ele precisa ser “sensibilizado” pelos profissionais.

Por exemplo: Um usuário consegue finalmente receber um benefício pelo qual vem esperando há anos e decide manter-se morando na rua, não demonstrando interesse em buscar um local para morar, um quarto para alugar.

O que há? Resistência? Preguiça?

Como poder acessar os efeitos sensíveis desse encontro profissional-usuário?

Esta foi uma situação pela qual passei como trabalhadora do CAPS AD de Niterói. Demorei um tempo até poder reparar e escutar que a rua representava mais segurança a ele do que um quarto alugado. Isso não se aprende, se percebe em cada situação de forma distinta.

Nas minhas experiências com o corpo em práticas junto aos trabalhadores sociais, tomadas como vivências de formação em trabalho, encontro no retorno às formulações de Paulo Freire um apoio para desconstruir um processo de formação bancária, engessada, rígida, cheia de especialismos os quais não se atravessam necessariamente.

Nesse sentido, retorno ao trabalho de Educação em Saúde, pois sabemos o quanto ele é atravessado por apreensões das ideias de Paulo Freire. Incluo aqui um desvio trazendo o corpo como um lugar de produção de **conscientiza-ção** e **re-existência**.

A utilização destas ideias neste contexto vem justamente por entender, assim como muito bem nos coloca Oliveira et als (2008), que as formulações de Paulo Freire nos permitem ir além da metodologia de alfabetização que ele experimenta e põe em processo. Neste texto, os autores nos falam das experiências em Educação Popular constituindo-se também como uma teoria do conhecimento.

A educação é uma das dimensões da cultura e neste caminho, as experiências de práticas corporais aplicadas no contexto de trabalhadores de saúde implicaria também em processos educacionais e de transformação sócio-cultural, a partir da construção de:

“novas sociabilidades, mais democráticas e justas, afetivas e solidárias, fortalecendo para tanto as forças progressistas que favoreciam a autonomização, o compromisso social e o vínculo histórico com um anúncio de um novo horizonte de vida social.” (Oliveira et als, 2008, p. 151).

Acreditamos que quanto maiores forem as possibilidades de sustentação de espaços em que seja possível experimentarmos diferentes modos de produção de laços e vínculos entre os trabalhadores, mais possíveis serão as aberturas para práticas autônomas, **comuns**.

Rolnik (2018), apoiada em Negri e Hardt, afirma a construção de comum como dimensão estética e clínica. Para a autora, agregar uma construção do comum se faz apostando que sua viabilização se dá numa dimensão estética, sensível, afectiva. Assim, do comum resultam mudanças de realidade, direcionando as forças vitais do corpo social para transformação na medida em que as tomamos pelas mãos.

Nesse sentido, as oficinas de práticas corporais podem vir a ser dispositivos de atuação nas ações, nos significados e nas emoções coletivas e individuais, tomando a afetividade em seu aspecto positivo, contrapondo-se a processos de racionalização que estão na base de todas as formações hegemônicas destes profissionais.

Destacamos esse espaço de práticas como uma aposta de formação em tempo presente, ancorada na experiência no trabalho, performando um comum.

Assim, a pretensão é promover articulações entre a produção de Paulo Freire em suas relações com os processos de Educação na Saúde, abrindo caminhos para podermos afirmar que estas práticas corporais com trabalhadores sobre as quais nos debruçamos nessa pesquisa não se enquadrariam em uma dimensão de política pública de educação tradicional.

Isso porque, através de minhas próprias experiências como profissional de saúde pública, junto às impressões dos profissionais com quem trago para perto desta pesquisa, as políticas públicas estatais de Educação na Saúde e Educação Permanente não atingem com frequência àqueles que estão na ponta dos serviços. Trata-se então, de apostar nesses dispositivos de práticas corporais e relacionais enquanto um feixe de resistência às linhas duras que atravessam esse campo e que são geradas na experiência cotidiana de trabalho.

A partir de Paulo Freire, retomamos a **conscientização** do trabalhador social nos processos de formação como um importante vetor da educação em saúde. Trazemos

a importância de darmos outros sentidos para a sensibilização e a escuta no contexto de práticas conjuntas entre trabalhadores e usuários de serviços de saúde mental.

Escolho trazer a metodologia de Conscientização do Movimento de Angel Vianna como uma dobra na noção de conscientização que introduz a questão da **consciência do corpo** como um elemento importante na produção de abertura às sensibilidades numa experiência.

Assim, podemos perceber uma formação que se daria por resistência às formas de subjetivação capitalísticas, formação que se dá nas e pelas práticas de cuidado com o trabalhador, aproximando o processo de formação deste saber que se constrói pelo vivido. **Meus** atravessamentos pelos efeitos destas ferramentas de trabalho com o sensível ancoram-se intimamente ao trabalho de Angel Vianna.

“(...) o método Angel Vianna de Conscientização do Movimento pode, via corpo, contribuir para a integração do psicossoma, ampliando a saúde do indivíduo enquanto capacidade normativa e criativa. Entretanto, mesmo sendo uma prática corporal que se faz potente em vários âmbitos por sua própria experiência, percebemos que o fato de ser formalizada sem cair em reducionismos ou cristalizações pôde trazer ainda mais vitalidade à sua aplicação terapêutica” (RESENDE, 2008b, p. 566).

Sigo com outro trecho de um texto escrito por Resende (2008), no qual ela explicita bem o trabalho de Angel.

“A Conscientização do Movimento proporciona um despertar sensorial do corpo que traz o indivíduo presente na sua globalidade psicofísica; “possibilita o estado ‘ao vivo’, ou seja, do corpo vivo, espontâneo e atento aos acontecimentos e sensações do tempo presente” (MILLER, 2005, p. 51). Quando começamos a despertar e abrir espaços no corpo, a busca por novas possibilidades de movimento vai-se transformando numa necessidade diária para conquistar um corpo mais livre e capaz de se integrar com as suas sensações. Aguçar a capacidade proprioceptiva é poder ir ao encontro da nossa singularidade, (re)conhecendo os limites, capacidades, memórias e vivências do corpo, respeitando-os. Trata-se de um processo de (re)encontro com o corpo no seu eixo global, uma (re)educação-terapêutica que torna o indivíduo autônomo de seu movimento” (RESENDE, 2008a, p. 68).

Ainda tomando as práticas corporais experimentadas com os trabalhadores sociais, acredito que firmam um espaço re-apropriado pelo movimento e pela escuta do corpo (RESENDE, 2013), na medida em que resgatam a dimensão estética nas experiências. Isso nos permite dizer que a dimensão estética de uma experiência pode se dar em qualquer acontecimento ao nosso redor apreendido, inclusive ao dar passos pelo quarto ao acordar.

Borges (2009b), ao se referir ao trabalho de Angel Vianna, afirma que este permite que o corpo “se expanda na sua expressão mais singular (BORGES, 2009b, p. 37) já que o próprio método de trabalho é conduzido enquanto um corpo vibrátil em comunhão com o coletivo” (IDEM). Nesse caminho resgata-se, então, a capacidade do corpo de ser afetado e, por este processo, compor-se e decompor-se no tempo e no espaço, produzindo, através disso, movimento no pensamento.⁵⁴

A possibilidade de resgate desse corpo sensível e aberto ao contágio se experimenta a cada vez em que este pode ser afetado. É no encontro que se dá a experiência estética. Resgatar estas experiências - seja em aulas práticas de corpo e movimento, seja na discussão e leitura de um texto, seja num encontro com o silêncio - enquanto possibilidades de construção de outras formas de presença no mundo se faz importante enquanto instrumento terapêutico, clínico e político, sem, obviamente, esquecer sua dimensão de instrumento artístico, criativo.

Diante das inúmeras compreensões e utilizações possíveis da palavra conscientização, dando força a processos por vezes camuflados de potencial aprisionador, servindo aos interesses hegemônicos, acredito que podemos pensar na conscientização com Paulo Freire e Angel Vianna como uma “**escutAção**”.

O que busco, então, é propor uma atenção ao corpo, uma escuta, que não tem a ver com a consciência dos limites desse corpo. A expressão “consciência do corpo” pode dar a entender algo mais próximo a uma busca de uma verdade sobre o corpo. Falo da escuta de um corpo cujas possibilidades são infinitas, as quais não podem ser mensuradas ou pré-conhecidas, mas sim, podem ser experimentadas, vividas, presentificadas.

3.3 O Ensaio de uma Prática de uma prática: experiências sensíveis de formação e saúde no trabalho

Expus anteriormente o contexto de onde surge a proposta do CAPS em Movimento. Não se trata de um dispositivo de atividades corporais. Esse é um de seus eixos. Surge da reunião de três profissionais que tinham um certo entendimento, cada uma a sua maneira, de que práticas de cuidado são móveis, movem, moventes. Minha afirmação caminha na direção de um CAPS em movimento de emoção, e-moção, uma

⁵⁴ Como está seu corpo agora? Dá vontade de parar? De continuar?

moção que nos põe para fora (e-, ex), tomando emprestada a ideia de Didi Huberman (2016) em recente livro sobre o tema.

“(...) as emoções, uma vez que são moções, movimentos, comoções, são também transformações daqueles e daquelas que se emocionam. Transformar-se é passar de um estado a outro: continuamos firmes na nossa ideia de que a emoção não pode ser definida como um estado de pura e simples passividade. Inclusive, é por meio das emoções que podemos, eventualmente, transformar nosso mundo, desde que, é claro, elas mesmas se transformem em pensamentos e ações” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 38).

A emoção é uma ação e como um gesto, é ação que nos atravessa.

Contudo, este dispositivo de movimento não vem como resposta a um não-movimento previamente constatado no serviço. O CAPS nunca está parado. Mesmo nos contextos mais institucionalizados, mesmo nos fascismos há movimento. Trata-se de afirmar aqui as práticas, as possibilidades de movimento que se instauram e podem vir a se instaurar no sentido de uma produção libertadora e autônoma de saúde, de cuidado. Dar passagem para outras sensibilidades, ocupar outros espaços, tanto geográfico quanto psíquico. Nem tudo passa pela linguagem.

Meu início no CAPS AD concentrava-se na realização de grupo e oficinas coletivas com os usuários do serviço. “Acordar o Corpo”, “Da Imagem à Palavra”, grupos de abertura do dia do serviço. Atendimento analíticos em consultório não haviam sido estabelecidos como minha prática principal, mas a escuta sempre presente, vibrátil. Escuta-se de muitas formas.

Trata-se de afirmar mais as práticas, as possibilidades de movimento que se instauram no sentido de uma produção libertadora e autônoma. Dar passagem para outras sensibilidades, como ocupar outros espaços, tanto geográficos quanto afetivos. Nem tudo passa pela palavra, pela linguagem enquanto produção de significado, pelo dizer. Não pretendo desqualificar a linguagem e sim deslocá-la da centralidade da cena. Interessa a produção de sentido sim, sentido de um sentir.

Nestes serviços, cada usuário é referido a um técnico de referência. Isso possibilita o acompanhamento de um usuário, a partir de seu projeto terapêutico singular, de forma mais próxima, mantendo a ponte de apoio com outros trabalhadores em relação com o caso, a saber, a equipe. Ao longo, os vínculos foram surgindo e as referências se encontraram comigo.

O cotidiano de um CAPS AD é intenso. É duro. Confrontar-se com os desafios de promoção de cuidado e atenção psicossocial, na urgência de um tempo de produção

subjetiva de outro no encontro com você, numa situação de precarização institucional e trabalhista explícita.

“Como humanizar sem construir um muro desumanizante? Para dar conta de entender o sofrimento do outro há o labor de “se deixar misturar” e captar em meio a uma vivência externa, sensações comuns, ordinariamente humanas. Parte do trabalho é voltar a separar-se para poder cuidar. O que é seu, o que é do outro e até onde pode ir como agente de cuidado”.
(Trabalhadora Social, CAPS AD, 2017)

Minha primeira oficina, que durou por toda minha permanência no serviço consistia em práticas corporais com os usuários – e de vez em quando trazia algum técnico para experimentar, nem que fosse observando. Uma testemunha movente.

Importante podermos entender que práticas corporais não significam atividades corporais. Fazíamos exercícios de alongamento, relaxamento e respiração, utilizados como uma maneira de chegar naquele espaço e se presentificar de outro jeito. Trazer o corpo para a cena, acordá-lo. Abrir novas possibilidades para os encontros e novas experimentações no que se refere ao corpo e aos cuidados com este. Algo que estaria para além do fazer alguma coisa, do não ser sedentário ou de não estar doente (Carvalho e Neto, 2016).

No decorrer de cada encontro, realizávamos algumas práticas coletivas de experimentação pelo corpo com objetos, sem objetos, utilizamos a música, o silêncio, o colega, a proposição de práticas de criação, tantas coisas, a cada dia, uma experiência.

Contudo, trazia meu corpo e a vontade de estar com eles. Meu corpo disponível para estar com outros corpos. Me lembro de um dia de trabalho em que nos colocamos na área de convivência do CAPS AD e com pequenas varas de bambu fizemos toda a oficina. Utilizamos o material de muitas formas. Como instrumento de massagem, de apoio, de contorno, de elo de ligação com o outro num movimento de equilíbrio e no fim, todos estávamos a reger o espaço ao som de uma música clássica que apareceu ali. Nesse momento, tínhamos uma música clássica. Mas os frequentadores do grupo se apropriavam dessas escolhas musicais para compor o dia de práticas. Música pode trazer contato próximo com uma sensação. Para o pessoal do grupo, música trazia memória sem imagem. Som que faz mover.

O desafio primeiro que logo apareciam para cada novo participante sempre era o de tirar os sapatos. Sentir os pés no chão. E muito se dizia sobre o odor característico da sala no momento da oficina. Sentir o chulé. Confesso que por estar acostumada com um trabalho sem sapatos, muitas vezes não me incomodava. Mas havia quem se

incomodasse. Havia então a necessidade de se partilhar coletivamente sobre esse cuidado com a oficina, com os pés, com os outros. Dar a possibilidade de lavar os pés com sabão de coco ou de não participar no dia, caso não fosse possível. Ou ainda de entrar em outro momento da prática. Tirávamos os sapatos e massageávamos com uma bola de tênis. Havia um ritual de entrada e chegada.

O segundo desafio era o de deitar no colchonete e fechar os olhos ou sentar-se na cadeira e fechar os olhos, do jeito que for possível, fechar os olhos. Não era uma imposição, mas sim um convite para escutar sem a visão. Esse simples gesto pode acarretar inúmeros efeitos, bons e ruins. É preciso acolher e dar lugar a eles. Há quem não suporte, há quem esteja sob efeito de alguma substância, há quem tenha medo, há quem durma, é preciso dar lugar a isso. Estar junto. Mas não é nada simples.

E é claro o quanto ter iniciado meu trabalho no CAPS AD por essa oficina deu abertura para um outro “estar junto” nos demais espaços de trabalho e convivência. Entre usuários e eu, entre os membros da equipe e eu, entre o espaço e eu. Esses encontros e as maneiras de vivê-lo dentro e fora dele, foram dando um chão para minhas apostas de trabalho ali.

Eu mesma nunca tive interesse no trabalho direto com usuários de substâncias. Talvez por sentir sem entender que há algo para além das drogas e do consumo delas, que há vida para além dessa identidade toxicômana (Rolnik, 1997), mas para estar junto dela, era preciso outra clínica. E eu não havia sido causada pelo que vivi até então. Precisava de uma dobra na minha formação. Precisava estar em encontro, de dentro dele.

Acho de suma importância dar lugar a essa dimensão de incômodo que um sujeito, dentre outras coisas, usuário de drogas, pode provocar. Estar num serviço “especializado” de trabalhado com a questão AD, único no município de Niterói, fazia com que tudo o que se referisse ao uso de drogas fosse encaminhado para nós. Uma dor de cabeça e taquicardia, decorrente de uso intenso de cocaína – Introduzo aqui uma conversa fictícia, baseada em situações reais:

“Vou encaminhar para o CAPS AD”.

“Mas ele pode continuar o tratamento das questões cardíacas por aí, perto da casa dele e vamos recebe-lo por aqui em outras dimensões de cuidado? Podemos nos reunir com certa periodicidade também para construir estratégias conjuntas. ”

“Ele não adere ao tratamento aqui.”

É muito difícil promover as articulações entre os serviços de Atenção Básica, numa gestão compartilhada de cuidado. Impossível não. Difícil. Um tensionamento importante que precisa aparecer e depende do trabalho intersetorial dos serviços e depende também de uma abertura possível de escuta dos profissionais. Não acho que esta questão é restrita ao campo AD, mas destaco aqui essa particularidade.

Para internações em hospital geral de situações de emergência por intoxicação, por abstinência ou por questões decorrentes do uso de substâncias, é sempre um grande suplício. Não há nenhum interesse em manter ou receber o usuário nestes espaços. Demandam muita aproximação. Há quem possa dizer que estes leitos estariam sendo mal utilizados, ignorando a portaria que reserva leitos em hospitais gerais para esse tipo de caso.

Apesar de lutarmos contra a manutenção de hospitais psiquiátricos ou de toda e qualquer forma de lógica ou prática manicomial de cuidado em saúde mental, o município de Niterói ainda conta com uma enfermaria específica para casos de uso de substâncias dentro do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba⁵⁵. Não pretendo aqui desenvolver nenhum debate mais específico sobre o tema da luta antimanicomial, mas sabemos o quanto é preciso investir em mais serviços substitutivos e também nos já existentes, assim como na formação de profissionais dentro de outras lógicas para que possamos caminhar em direção aos preceitos da Reforma Psiquiátrica. Sabemos o quão difícil é e que ao mesmo tempo o quão necessário é poder criar formas para sustentar esse lugar antimanicomial, essa ação de atenção psicossocial.

Os encaminhamentos para este espaço de internação - por vezes tomado como indicação clínica em casos de urgência, de risco, na ausência de acolhimentos noturnos como está determinado no funcionamento de um CAPS tipo 3, de funcionamento 24 horas - passa pela avaliação do serviço de emergência deste hospital e até mesmo lá

⁵⁵ Há inúmeras proposições de ampliação do CAPS AD Alameda para torna-se um CAPS tipo 3, de funcionamento 24 horas, com leitos de observação e acolhimento. Há também a determinação de construção de dispositivos substitutivos à internação em hospital psiquiátrico, partindo dos pressupostos da Reforma Psiquiátrica, como as Unidades de Acolhimento (UA), para adultos e também para jovens e crianças além é claro das residências terapêuticas, o fortalecimento da rede de CAPS. Contudo, não há indícios reais de efetivação.

encontramos alguns entraves para recepção e avaliação de nossos encaminhamentos. É difícil lidar com essa “clientela”.

Há muitas marcas que podem se demonstrar a partir do encontro com um sujeito usuário de drogas. Falas como “é um desocupado que não quer saber de nada”, “ele (a) é muito violento”, “ele (a) não atende aos critérios de urgência”, “é sujo”, “não adere a nada”, “não quer trabalhar”, dentre outras muitas que nos atravessam corpo e pensamento, marcam uma resistência importante dos serviços e dos trabalhadores ao encontro e cuidado desta população. Acredito que tais comentários reflitam também as formas como as questões raciais e de classe se inserem e se evidenciam na sociedade brasileira e que se visibilizam bem claramente nos serviços públicos de saúde.

Diante das múltiplas direções que podemos tomar neste momento para realizar esta análise, aposto aqui no caminho de pensarmos a formação, a sensibilização dos profissionais e quais os impactos destas nos modos de produzir cuidado.

Carvalho e Neto (2016), em texto sobre as relações entre práticas corporais e clínica ampliada em saúde, afirmam a necessidade de pensarmos uma ressignificação do cuidado na medida em que é necessário praticar um modelo de atenção à saúde que esteja comprometido e próximo do usuário. Acrescentam que a articulação entre trabalhadores não se dê somente na proposição de procedimentos e técnicas, mas sim, um modelo de prática clínica que explore a capacidade cuidadora de todos os trabalhadores.

Cuidado e clínica ampliada se ressignificam e podem ser definidos na medida em que ambos implicam na produção de bons encontros e estes encontros referem-se a modos de nos experimentar e sentir o corpo “em relação” (Carvalho e Neto, 2016). Dessa forma, estamos produzindo subjetividades e é a partir daí que as respostas de saúde, de saúde mental podem advir.

Mas sempre me pergunto: essas não são prerrogativas do SUS? Quais as dificuldades em praticá-las?

As colocações acima me são inteiramente pertinentes e poderia até mesmo dizer que podem ser até um pouco óbvias, para cada um de uma maneira, de um jeito. A experimentação do corpo em relação não é uma direção específica para serviços de saúde. Experimentar os corpos na medida em que somos corpos relacionais parece mesmo ser um desafio na vida cotidiana. Ao afirmarmos a ideia do cuidado em saúde sustentada por paradigmas ético, estéticos e sensíveis, talvez as primeiras relações a serem experimentadas sejam aquelas entre os trabalhadores da equipe.

Voltando ao CAPS AD, mencionei na introdução que havia uma aposta em meu trabalho a fim de restabelecer o uso das atividades coletivas do serviço buscando assumi-las e vivenciá-las como instrumentos de escuta e trabalho clínico.

Haviam outras atividades coletivas no CAPS coordenadas por profissionais das mais diversas categorias, trabalhadores com formação superior, técnicos, alunos de residência, estagiários. Fui podendo perceber que, na partilha das experiências, nas construções de direção de cuidado, sobretudo na reunião de equipe e supervisão, era difícil pautarmos as práticas de grupo. É preciso um esforço de elaboração do que se produz em atividades como essa, um esforço de analisar esses encontros e, sobretudo, um esforço para o trabalhador cuidador que coordena estes espaços poder saber o que faz ali. O que opera? O que cuida? O que produz?

Proponho então à coordenação e aos colegas de equipe que possamos fazer reuniões periódicas de acompanhamento das atividades de grupo, convidando os coordenadores de grupo a estarem presentes conjuntamente e a quem mais pudesse interessar. A maior dificuldade que esses profissionais trouxeram – tanto em partilha oral ou por escrito - foi justamente poder “explicar” o que acontecia ali. O funcionamento do grupo, como surgiu a ideia, qual a sua relação com aquela proposta (no caso de oficinas que já vinham ocorrendo há anos no serviço, sendo coordenada por diferentes profissionais), estes tópicos fluíam com certa tranquilidade. Os olhos brilhavam, as vezes se emocionavam, outros se intimidavam por achar que não estavam falando algo consistente. E ali, juntos fomos começando a dar contorno às práticas e podendo afirma-las não enquanto atividade para “ocupar o tempo”, mas como ferramenta clínica.

Reforçava neste encontro a necessidade de trazermos esses relatos e estas escutas e encontros na reunião de equipe. Passamos então a pautar cada grupo nas reuniões. Trazer a equipe para perto, trazer o trabalho para perto.

E o movimento ia continuando. Um certo contágio ia sendo sentido. Outras propostas de grupo, pares surgindo, criando junto. E registrando, por escrito, por fotografias, por conversas. Entre nós, entre os usuários, entre esse corpo CAPS AD.

Nada fica mais fácil, fica sim, mais consistente, apoiado, Comum.

. Encontro F. - meu primeiro caso de referência no serviço. Jovem de 18 anos, negro, favelado, pobre, usuário de drogas, morador de rua, órfão de pai e mãe. Chega com uma bala alojada na perna, quadro semi-controlado. Um tipo de vinculação muito

forte acontece logo no primeiro encontro. No chão, numa sala com papeis, canetas e poucos outros objetos. Um barbante que percorre a folha de papel onde há várias palavras que dizem de gostos e desejos e interesses de F, afinal eu não o conhecia e ele não estava muito a fim de falar. O barbante vira a linha da vida dele. Fica intrigado com a possibilidade de poder preenche-la no futuro. Há um trabalho. Há um afeto. E há também incômodo. Em mim, na equipe, nos usuários do serviço. A presença dele é marcante, barulhenta, desafiadora. Cuidar. Cuidar da bala alojada, da escolha de morar na rua, de alguma articulação com a bisavó que o criou. Tempos depois, chego em plena segunda-feira ao serviço e recebo a notícia de que F. e outro jovem assaltaram o serviço de saúde no final de semana e são reconhecidos e denunciados pelo segurança. Voltam ao serviço na segunda feira para passar o dia. Os efeitos disso. Raiva. Tristeza. Impotência. Fecha-se a porta do serviço, falamos com eles através das grades do portão. Para quê nos fechamos? De que temíamos? Somos ameaçadas de morte pelo jovem. F. mantém-se calado. Vai voltar acompanhado pela bisavó que o criou, essa foi nossa proposta. Ele nega o acontecido.

Trabalho intenso na reunião de equipe. Foi preciso colocar a raiva, o desejo de não receber mais F., a necessidade de suporte de outros colegas, o debate acerca do que gera a produção deste assalto. Fala-se em pobres, não se fala em negritude. Não me atento para isso em nenhum momento. Construimos uma via possível de respiro a partir do momento em que somos um dispositivo de saúde e não de polícia. F. passa cerca de 1 mês frequentando o serviço sem assumir nada sobre o assalto. Chega um dia que ele vem falando de muitas situações e encontros que lhe produzem raiva. Traz sua carteira de identidade. Mostra que não tem nome do seu pai registrado. Apenas da mãe. Continua a falar de raiva. Raiva de não saber direito a história da morte de sua mãe, raiva de o pai ter sido assassinado em sua frente, raiva de não conhecer suas irmãs, raiva de ter brigado com seu amigo (o outro jovem a que nos referimos). Afirma que foi a raiva que fez ele fazer aquilo lá. Assume a participação no assalto. Chora. Diz que o fez, pois não conheceu sua mãe. Estranho a afirmação e ele prossegue dizendo que ele não conheceu sua mãe, que sua mãe era branca, que eu lembro a mãe dele e chora. Falo então de minha raiva, exponho minha emoção e me reconheço em relação. Digo o quanto isso é difícil e a partir disso seguimos num processo de construção de sua história junto de sua família. Montamos uma árvore genealógica no papel, chamamos familiares, me traz todos os seus boletins, certificados, registros e marcas. F. chega inclusive a voluntariamente voltar para a casa de sua família. Se aquieta, se aninha. Se

deixa cuidar. Por mim e pela equipe também. Mas vai se cansando dessa vida. Depois de uns 2 meses, some do serviço. Tentativas de contato. Nada. A avó diz que ele voltou a usar drogas e a ficar mais tempo na rua. F. aparece de vez em quando, muito intoxicado. Grita, fala coisas, pede coisas, atira pedras contra a entrada do serviço. Me procura. Sinto meus limites. Ajudo-o mais na escuta do que qualquer outra coisa. Aproxima-se então a minha saída do trabalho. Quero me despedir. Insisto novamente no contato com a família e outros usuários do serviço que o conhecem. No meu último dia de trabalho, venho saber que F. está preso. Sinto-me impotente. Sinto-me limitada. Sinto uma força que veio de nosso encontro e da abertura para estar com ele.

Escolho trazer esta passagem para marcar e validar minhas colocações. Aproximar o leitor. Me aproximar ao texto. Nesse momento, pude me abrir para o cuidado de minha equipe, pude perceber novas forças, a partir dessa abertura que procurei cartografar na passagem acima do “Encontro F”. Abertura para outros *afectos* (Deleuze e Guattari, 1992), que nada mais são do que afetos não representáveis. Diante das experiências de abertura, de vivência possível do chamado **corpo-sem-órgãos** é preciso **prudência** (Idem, 2012).⁵⁶

Não é só de abertura de que se trata a clínica do cuidado. É preciso construir bordas, contornos, fronteiras, membranas para que todos esses fluxos, trocas e encontros tenham sua possibilidade, movimento e espaço, vazios ou cheios. Caso contrário, pode ser vivido como uma invasão, como um excesso triste. Para manejar os excessos inerentes ao processo, é preciso prudência (Ibidem, 2012).

Esses contornos puderam ser construídos também no espaço da reunião de equipe. Ao me relacionar me individualizo, me diferencio na relação. São efeitos de subjetivação, que puderam se produzir em passagens como a escolhida a ser exposta como exemplo. Barros (2014), ao escrever sobre as articulações entre gestão, processos de trabalho e produção de subjetividade define a subjetividade como resultado de processo no qual emergem indivíduo psíquico e meio. Trabalhador e equipe, trazendo a definição para nosso campo de análise.

⁵⁶ Como cuidar dessa vontade sentida de parar ou continuar?

“Na reunião eu falo bem mais, acho que agora eu to tendo lugar pra falar, acho que é isso.” (Trabalhador Social CAPS AD 1, 2017)

“Um espaço aberto entre profissionais que estão envolvidos ali, a gente também traz umas informações em pauta, coloca ali as pautas, discute, faz acordo, discorda, tem opinião livre.” (Trabalhador Social 2 CAPS AD, 2017)

Barros (2014) continua e afirma a subjetividade como “modo de se articular às formas de significação coletiva” e continuando em outra passagem que tomamos a liberdade de juntar, acrescenta que “o cuidado remete sempre a uma dimensão do Comum, do construído junto com o outro. O cuidado é sempre uma construção coletiva.” (Barros, 2014. p. 138).

Dirigindo nosso olhar para as propostas até então colocadas, estamos no caminho de articular as noções da clínica ampliada com as práticas corporais, particularmente no que se refere à recomposição dos recursos de intervenção, privilegiando a interação entre o saber técnico e o uso da escuta e da palavra e a gestão compartilhada do cuidado.

Onde encontramos práticas instituidoras de subjetividade no campo do trabalho em saúde e saúde mental? Como se produzem modos de subjetivação no trabalho?

Partindo da experiência no CAPS AD de Niterói, a qual reflete um panorama nacional no campo da saúde mental⁵⁷, a pergunta que mais me interessa colocar é a de quais os espaços possíveis para a emergência dessas práticas? Quem as conduz? De que forma cria-se esse campo?

Não estamos aqui falando de políticas públicas apresentadas por uma gestão, por uma coordenação, por uma determinação do Estado, por determinação da organização privada, por uma Lei, por uma portaria. Trabalho não precisa ter a ver com submissão a organizações autoritárias e verticalizadas. Trabalho é prática. Prática constitui o trabalho como produto de formas de se relacionar com as situações na história e no tempo. (Barros, 2014).

“O lugar onde, atualmente, tenho conseguido concentrar mais forças em uma série de militâncias às quais me invisto, e realizar intervenções de efeito, em nível de coletividade, é no meu trabalho. Acredito no poder dessa micropolítica de baixo pra cima. Eu me orgulho do trabalho que realizo, do mandato de política pública que o fundamenta, e que orienta o nosso serviço em Saúde Mental. Tenho a sorte das finas parcerias de lutas que estabeleço e nas quais um tanto me reconheço. Eu aceito diariamente o desafio intenso de quebras de tantos paradigmas, que expressam exatamente as mazelas profundas e históricas que constituem esse país. Eu travo lutas diárias porque

⁵⁷ Para mais informações: Franco, T.B. Produção de Cuidado e produção pedagógica: integração de cenários do sistema de saúde no Brasil. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, v.11, n. 23, p. 427-438, set/dez 2007.

acredito nelas, por mais complexas que sejam. E recolho delicadas alegrias diárias também. Genuínas. Sentidas na alma. (...) Trabalhar no SUS é de fato realizar intervenções profundas em nossa sociedade, especialmente pela diversidade da natureza política dos seus desafios tanto para as pessoas usuárias, quanto para as pessoas trabalhadoras das unidades. É receber intervenções radicalmente transformadoras em meu ser. Em tempos desse psiquismo brasileiro tão carente de sanidade, SUSentar políticas públicas humanizadas de cuidado, enfrentando tantas dificuldades, me é inclusive ato de minha própria saúde, e da preservação do amor que há em mim por tudo que dignifica o humano.”(Trabalhadora Social CAPS AD, 2017)

O trabalho em saúde nos confronta o tempo todo com os ditos jogos de verdade e é nesses jogos que nos diferenciamos (Barros, 2014). São lutas de reafirmação da vida. A cada encontro com um usuário, a cada entrada num serviço, a cada telefonema, a cada pratica de grupo, a cada discussão de caso, a cada olhar que se troca nos corredores, a cada laudo, a cada momento em que você consegue parar para beber água, a cada momento e que você se desloca até uma sala sem luz e cadeiras para atender, a cada momento em que você precisa amparar um usuário em situação de urgência.

Tudo nos coloca em relação: o cuidado, a saúde, a clínica, todas são práticas de relação pautadas por dimensões mais endurecidas, disfarçadas em técnicas e protocolos. Mas, há vetores de forças que convivem entre si vetores de subjetivação e vetores de modulação de formas de vida.

Nesse caminho de relações e encontros, destaco neste momento um espaço já institucionalizado e enrijecido que é e/ou pode ser o espaço da reunião de equipe e de supervisão. O que se produz? Espaço de cuidado? De que? De quem? Como? Quais são as situações de trabalho que aparecem neste espaço?

Respondemos que são situações de relação que aparecem. Qual relação? Tantas possíveis. Relações com os usuários, com a equipe, com a instituição, com a gestão com a cidade, com a droga, com a política. Com tudo e qualquer coisa que pode atravessar e atravessa com força um serviço de saúde para usuários abusivos de substancias.

Optamos por falar em processos de trabalho, na medida em que entendemos que se trata de um engajamento do corpo na sua infinita capacidade de relação com o mundo. Processos de corpo. Que corpo? Qual corpo? Temos corpo?

Trabalhador Social 1 – Corpo. Bom, eu entendo que a gente tem que estar bem fisicamente, mentalmente.

Adriana – Mentalmente também diz respeito ao corpo?

Trabalhador Social 1 - *Eu acredito que sim. Por exemplo, aqui é clínica e não tem aquele serviço braçal, mas a gente pensa muito e trabalha muito com a mente.*

Trabalhador Social 2 – *É. A gente tenta organizar a situação da pessoa, dentro da nossa mente.*

Tendo montado esse território intensivo, dou início ao trabalho de transmissão de determinadas práticas e experiências que foram se configurando ao longo do traçado de percurso, abrindo primeiramente para um vetor de força importante que atravessa esse campo.⁵⁸

3.4 As Forças da Precarização e Militância: Pausa Transversalizante

Neste momento, escolho mais uma pausa.

Ao longo de todo esse período de tempo de trabalho, alguns fatores fundamentais encontram sua força e compõem junto: a precarização dos vínculos de trabalho, a precarização da infraestrutura da Rede de Saúde Mental, a gestão verticalizada do cuidado e a militância.

Assim como viemos destacando desde o início deste texto, não há como falar em questões sobre o trabalho, sobre uma saúde do trabalhador, sobre o cuidado em saúde, sem introduzir as precarizações e difíceis contextos trabalhistas nos quais estamos inseridos.

Construí até aqui o caminho de práticas e de atravessamentos que me foram sendo possíveis construir no trabalho com o CAPS AD. E fui ao longo deste percurso cada vez mais apostando que é no espaço de troca coletiva de uma reunião de equipe e supervisão que os aspectos sensíveis precisavam ser o tempo todo “lembrados”.

Diante da situação extremamente complicada que ia se agravando a cada dia na Rede de Saúde Mental de Niterói, sentíamos os impactos diretamente em nosso trabalho. Havia um espaço de militância específico dos trabalhadores, o Fórum de Trabalhadores de Saúde Mental de Niterói estava com cada vez mais força e o CAPS AD tinha bastante participação em sua organização e mobilização.

Na história da rede de Niterói, o CAPS AD possui evidenciado lugar como núcleo potente de forças de resistência. Estas são, segundo minha análise, marcas das coordenações anteriores junto às potências das forças necessárias para se sustentar um

⁵⁸ O que você sente ao ler até aqui?

trabalho diante de sujeitos que quase ninguém quer, quase ninguém gosta, quase ninguém se interessa. Marcas também de um espaço que já foi por alguns anos um Ponto de Cultura.⁵⁹

No espaço da reunião de equipe, as datas de reuniões do Fórum de Trabalhadores, as pautas e as convocações de participação eram sempre divulgadas, assim como eram discutidos os pontos principais do que estava sendo discutido neste outro espaço a partir do que se relacionavam com nosso cotidiano.

A abertura possível da coordenação geral e técnica para que essas pautas fossem constantemente trazidas para esse espaço de trabalho vinham porque construíamos essa demanda por pautar tais questões. É inevitável discutir e construir direções de cuidado de usuários sem tocar no assunto da precarização e por pressão dos trabalhadores. As coisas precisavam aparecer.

“(...) uma equipe precisa tencionar uma coordenação. Uma coordenação precisa tencionar uma equipe, né, pra movimentar ali a coisa. Mas se isso é em nome do trabalho, exigindo uma conduta formal de trabalho (...), quando é isso você sente que não é legal, entendeu?” (Trabalhadora Social, CAPS AD Alameda, 2017)

Era impossível aos trabalhadores poderem agir como se nada estivesse acontecendo. As precariedades atravessam, cortando tudo que vem pela frente. É difícil quando temos que acompanhar usuários ao hospital geral pagando de nosso próprio bolso ou solicitando ao motorista de ônibus que conceda essa gratuidade, pois não contamos com veículo de transporte na Rede. Da mesma forma é impossível ficar sem receber seu salário – o qual não inclui despesas de transporte e/ou alimentação - por 25 dias e continuar a vir trabalhar normalmente. Estas são forças que estão o tempo todo nos tomando.

Se há uma insistência nessa força que vem atropelando e que rapidamente pode fazer barrar movimento, há também uma insistência numa fuga que a meu ver é coletiva, na direção de construção de um comum. E é num campo de luta que essas possibilidades de fuga e resistência podem emergir. Onde se luta? Como se luta? O que move?

De fato, nem tudo por ser falado, nem todos querem falar. É impossível trazer esses pontos para análise sem que a análise dos mecanismos de poder e as forças hierarquizantes que verticalizam as relações e hegemonomizam lugares de fala, silenciando

⁵⁹ Experimente um movimento novo ou continue como desejar.

as partes. Nem tudo precisa e nem pode ser falado, não discordo deste ponto, porém, a fala ou o silêncio são escolhas e posições políticas e não modos de subserviência.

O que pude constatar, não sozinha, nessa experiência que narro aqui, é que primordialmente há um campo a ser construído, um espaço de circulação de falas, de intensidades e afetos que vai poder atravessar a cada um de uma forma e ir produzindo efeitos de contágio e de fortalecimento de consistências para serem possivelmente transformados em ações. Um espaço de construção de relação nos processos do trabalho.⁶⁰

“Tinha algo que até extrapola, que dava vontade de sair levando pra todo mundo, “vamo todo mundo fazer isso, vamo todo mundo tá juntinho”, que pra mim é muito difícil, tenho essa coisa um pouco mais dura, o corpo mais duro. E sempre fui muito do trabalho, “então tá, é trabalho. Vou vim aqui fazer meu trabalho, esse é o trabalho que tem que fazer, pronto acabou”. E eu acho que, porque é isso, eu acho que extrapola, não é só aquilo ali, acho que o dia a dia né também, da forma de agir, do cuidado do dia a dia também influencia, não só naqueles dias. Eu acho que eu tava nos dois.”
(Trabalhadora Social, CAPS AD, 2017)

Quando aponto para a emergência cada vez mais forte de aspectos da precarização e seus efeitos no cuidado em saúde e na própria saúde do trabalhador no espaço de reunião de equipe e supervisão, cabe também destacar o uso que podemos fazer destes atravessamentos, o modo de apropriação destes no dispositivo de uma reunião como essas.

A reunião reverbera e vibra as práticas do cotidiano do serviço. Um modo de estar junto, de trabalhar, de se relacionar, de poder trocar, de ver o outro e a si mesmo. Será que é possível parar para reparar? Como se constrói essa prática de trabalho do comum e, sobretudo, como ela se transmite?

Um dos técnicos do CAPS AD fala em “parâmetros de solidariedade” que podem ser construídos a fim de dar lugar às situações de trabalho, situações de adoecimento que são produzidas não somente no ambiente de trabalho, e sim na vida daqueles que estão envolvidos naquela comunidade. Estamos em relação.

Merhy (apud, Barros 2016, p. 53) nos ajuda a pensar a respeito dos modos de produzir cuidado e os elementos éticos, estéticos e políticos envolvidos. Fala do trabalho vivo como sendo o trabalho cuidador, e ele se dá através da utilização de recursos técnicos, tecnológicos ou disciplinares do trabalho morto. Segue afirmando que

⁶⁰ Quais as forças que se oferecem como limitadoras de seus movimentos agora?

da forma como o modelo de produção do trabalho opera, articulado intimamente ao lugar central que o capital financeiro vem assumindo na biopolítica das práticas de gestão e atenção em saúde, a tendência é que se capture o trabalho vivo. Dessa forma, somos capturados por tecnologias prescritivas, sem conseguir um espaço para o investimento no cuidado, no encontro, na experiência.

É justamente no interior dessa captura que surgem os fluxos para a construção de modos de vida para além dos objetivos de acumulação de capital. Há um escape possível e necessário. Questões como humanização, afetividade e relações coletivas não são novidade para quem entra em contato tanto com a legislação e políticas públicas de saúde quanto para quem está no cotidiano direto de um serviço de cuidado.⁶¹

O que nos é importante destacar nesse momento é a possibilidade de escapes, de simplesmente podermos dedicar um tempo para perceber como nossas práticas vão se dando, como as relações dentro das relações de dão. É a possibilidade de visibilizar e deixar atravessar por um *espaço-entre* as possibilidades e impossibilidades com as quais nos deparamos cotidianamente no trabalho e fora dele.

Mehry (2002) fala sobre o potencial transformador dos “*inconscientes que protestam*”. Como podemos entender isso?

Há um deslocamento aí necessário de posições, protagonismos e produções subjetivas, que se abrem ao podermos colocar a necessidade de nos misturarmos, experimentarmos isso e podermos nos dedicar a nos reconhecer nessas relações. Estamos aqui apontando para o acompanhamento de forças de diferenciação e não de forças de anestesia, que nos mantém alienados em nossa própria sobrevivência.

Que respostas os profissionais de saúde estão produzindo e podem produzir? Quais as decisões que eles tomam? São baseadas em quê? Do que se cuida?

Cuida-se do encontro e do que produzimos com ele.⁶²

Voltando ao acompanhamento sob a perspectiva cartográfica dos processos do CAPS AD, entendemos que o cuidado primeiro vem com a equipe, entre a equipe e para a equipe. Saúde no trabalho, saúde do trabalhador, saúde como trabalho.

É curioso como ao longo da escrita deste texto, me utilizo dos termos “saúde” e “saúde mental” quase como que sinônimos. E de fato, essa aproximação parece mesmo

⁶¹ Aliás, apesar de serem claros os objetivos na construção da cartilha do SUS, sempre me pareceu bastante curioso termos que ser lembrados de que somos humanos através da “Política de Humanização”. Reflexo de tempos de alienação. Humanizar o sistema, a lógica.

⁶² É possível descobrir um meio de atravessar essa limitação?

sustentar nossas ideias. Estamos num campo muito amplo que é o da saúde, falo de uma experiência específica num dispositivo de saúde mental, porém, no recorte que estamos a fazer, essa quase fusão entra como aposta política na direção de trazer o corpo e a corporeidade para a centralidade da análise e das práticas, presentificando-os. Trazer uma posição na quase inevitável cisão entre corpo e mente a que costumamos estar submetidos.⁶³

Tais caminhos me levam mais uma vez a constatar a urgência de estudos investigativos que aproximem o campo da assistência com a formação, especificando esta última como um processo que vise muito mais a desmontar as formas que nos chegam prontas, as respostas prontas e, sobretudo, dando lugar aos tais *“inconscientes que protestam”* e que aparecem como efeito das relações que estão em jogo em todo e qualquer processo de trabalho.

Nesse percurso, dá-se lugar para investigar os processos que foram seguidos ou abandonados e disso pensar em como essas respostas prontas e formalizadas são produzidas, podendo a partir desse espaço investigativo comum, produzir outras coisas, outros corpos, outros cuidados próprios, singulares e engajados num movimento de autonomia.

O espaço da reunião de equipe é produzido a cada vez, como um ritual que se repete, mas ele pode se diferenciar a cada vez também. Esta diferenciação se produz na medida em que podemos estar atentos às forças de cada um desses encontros e sentirmo-nos na possibilidade de colocar isso na roda. Portanto, um “CAPS em movimento” se presentifica a cada vez que se age na direção de ir amarrando o trabalho da equipe de forma a se sustentar, se acreditar e se praticar enquanto equipe multiprofissional.

“Não tem essa equipe que fica junto, isso eu só vi no CAPS. E que soma as atividades e não divide, não divide as atividades.” (Trabalhador Social 1, CAPS AD, 2017)

“(...) aqui não tem divisão de trabalho e nem divisão de equipe, uma equipe multidisciplinar, um com outro e um pelo outro.”(Trabalhador Social 2, CAPS AD, 2017)

⁶³ Me lembro aqui da passagem do livro de Antonio Lancetti “A Clínica Peripatética” (2016(2006)) onde o autor fala da inevitabilidade de os profissionais da estratégia da família sentirem angústia diante da escuta de acolhimento que promovem nos territórios intra e extra instituição. O vínculo gera angústia e essa angústia é primordialmente conhecida pelos trabalhadores da saúde mental, que são chamados a responder e prestar apoio a esses trabalhadores. Não é possível separar sofrimento psíquico e sofrimento orgânico e fisiológico. Há de se poder sensibilizar para reconhecê-los nos seus circuitos. Pode ser difícil para um psicólogo reconhecer uma diabetes, assim como para um técnico de enfermagem sentir uma depressão. O que importa é que todos podem sentir algo, é preciso deixar o sem sentido sentir. Isso é saúde mental.

Essa é a potência instituinte de rearranjar constantemente a organização do trabalho em função das necessidades concretas advindas da atividade cotidiana, onde os problemas políticos e existenciais brotam na própria experiência do trabalho, pela atividade produtiva.

Nesse espaço de conversas, conversações e confrontações que pode ser uma reunião de equipe, acredito na potência de intensificação de uma conversa que vai criando caminhos, criando um plano intensivo, de forma que possam ser promovidas intervenções que abram para uma virtualização da experiência.

O que é esse acesso ao plano intensivo e a essa tal virtualização?

Não é o acesso a uma informação, a um conteúdo, mas sim, é poder acessar a vivência constante dessa intensificação das forças nas conversas, trocas, diálogos e relações, é acessar uma posição. O acesso ao plano intensivo e às virtualizações nada mais é do que poder se experimentar enquanto corpo, ampliar a experiência de estar em relação e dar acesso ao corpo como um efeito disso tudo. Este corpo não é pleno, formatado, pronto, e sim um corpo com buracos, um corpo de vazios e de excessos, de coisas que vão se fazendo e se desfazendo o tempo todo.

Transversalizar o corpo, através de um dispositivo de deslocamento experimentado. Trata-se de um corpo implicado. Corpo implicado. Afirmamos a importância de explorar seu próprio corpo tal qual o trabalho do artesão, já que este desenvolve uma metodologia de trabalho que lhe é própria e diz de seus limites e potencialidades.

“Mas eu tenho a sensação de uma continuidade daquela atividade, não vi ela como algo que criou alguma coisa, uma continuidade, tudo aquilo já tava rolando. E aí rolou de uma outra forma, organizou, promoveu algo que tava rolando. Talvez seja isso, quando a gente tentava conversar sobre uma perspectiva mais emocional, a gente não conseguia falar disso.”

(Trabalhador Social OCUPA SUS RJ, 2017)

Assim como venho expondo ao longo dessa escrita afetiva, apesar de esforços tremendos de articulação, ação, luta e organização coletivos dos trabalhadores, que implicavam inclusive o trabalho fora do horário circunscrito no serviço, vivenciávamos cada vez mais uma exaustão e muitas vezes uma desesperança, na medida em que não encontrávamos saídas consistentes junto à gestão que produzissem efeitos de melhorias.

Atos, paralisações, discussões dentro e fora do serviço, denúncias, documentos e parcerias pareciam produzir cada vez mais muros de impossibilidade, apesar das

roupagens de diálogo e abertura estarem sempre presentes nas falas dos gestores. O funcionamento do serviço é prejudicado, profissionais se revezando em escalas, porta de entrada e acolhimentos de 1ª vez suspensos, atividades de grupo cada vez mais escassas. Um funcionamento básico é manter atendimentos individuais e de urgência. Receber encaminhamentos, a cada atendimento explicitar a situação pela qual estamos passando, convidar a quem puder que denuncie na ouvidoria, que possam se aproximar dos movimentos de usuários e familiares.

Que corpo se sustenta? Como sustentar-se ali?

Muitos dos trabalhadores com quem conversei nas rodas de conversa e com quem me relacionei, colocavam na equipe e a peculiaridade do trabalho afetivo sobre o qual assentamos nossa prática possível enquanto elemento fundamental de manutenção de trabalho. De ali também poderemos falar das dificuldades e do desânimo e disso produzir possibilidades de continuidade.

Quando a gestão oferece a proposta do edital de convocação, houve até uma esperança de resolução. Mas o que fomos vendo, aos poucos, foi a perspectiva de a equipe toda do serviço ser demitida para a entrada de novos selecionados. E as demissões foram feitas da noite para o dia. Sem cuidado, com o trabalhador, com o usuário, com o serviço. Uma relação de uso e desuso. De propriedade que pode ser jogada fora.

Mas não sabíamos quando e nem como as demissões iriam acontecer. Nenhuma participação. Nenhuma gestão coletiva. Foi-nos alegado que juridicamente não haveria como esses trabalhadores atuais serem incorporados e passarem a poder ter um contrato legal com a Rede. Curioso alegarem ilegalidade quando por mais de 10 anos a Rede de Saúde Mental de Niterói se construiu em torno de vínculos ilegais de trabalho.

Ao Ministério Público do Trabalho, não havia o que fazer. O que puderam fazer foi alguma pressão para que esse tipo de contratação fosse imediatamente encerrada, acarretando pagamento de multa caso a secretaria de saúde não cumprisse com a determinação.

Aos usuários, apesar da longa caminhada de tentativas de manifestação, audiências, denúncias de desvio de verba, parcerias políticas na conquista por lugares de fala e direitos, também encontraram o muro do silenciamento.⁶⁴

⁶⁴ Pare de fazer o que está fazendo. Sinta seu corpo agora. É possível sentir o trabalho até aqui? Como?

Algumas pessoas começam a se demitir antes de serem demitidas. Passamos a não contar com figuras importantes, a articuladora, ex-coordenadora e fundadora do CAPS AD e o supervisor de equipe, grandes militantes e parceiros de luta e trabalho. Sem chão. Ficamos sem chão. Ficamos sem coordenação técnica por ausência de profissionais interessados nessa função, sob essas condições.

Trabalhadora Social 1: *“Eu acho que o último encontro desse que você fez com a equipe toda, acho que foi o último. Não sei se foi o segundo ou não. Eu acho que foi logo em seguida de algum momento muito duro talvez, (...) E aquilo foi uma porrada, né? Uma porrada pra todo mundo. Eu me lembro da gente se olhando, eu já tava sentindo um clima muito estranho(...), a sensação de que tinha tudo desabado.”*

Trabalhadora Social 2: *“O corpo tinha perdido a cabeça né?”*

Trabalhadora Social 1: *“E aí eu me lembro que logo em seguida, talvez no dia seguinte, você propôs isso e eu senti muito como uma forma de cuidado daquela porrada.”*

Nesse momento, encontro possibilidades de construir um espaço de experimentação sensível com a equipe. Como uma elaboração a posteriori, vejo que, foi uma tentativa de me preservar e de nos resgatar para novamente colocarmo-nos num plano intensivo, onde precisávamos fazer algo com as forças que estavam nos capturando. Se é do encontro que se cuida, vamos cuidar do nosso e assim também cuidar do outro.

Para Deleuze (1990), a partir de Foucault, o sujeito resulta das relações entre viventes e dispositivos, sendo assim, o sujeito resulta do “corpo a corpo” entre os viventes e os dispositivos, como um terceiro. Como trazer os modos que pude encontrar e experimentar esse corpo dispositivo no campo da formação e produção de saúde de trabalhadores sociais?

É sob o cenário do trabalho e suas relações que eles emergem. As equipes de saúde corporificam os processos de coordenação, de gestão, de avaliação, de trabalho.⁶⁵

Um corpo precarizado pode resistir, e criar. Criar corpo, subjetividade, trabalho. Sendo assim, o corpo é um catalisador de acontecimentos, de agenciamentos que vêm do que acontece, sendo corpo-dispositivo revolucionário.

Assim, sigo trilhando caminhos para pensarmos na formação de trabalhadores sociais pelos saberes do corpo, entendendo a mesma como um acontecimento (da Rocha, 2007). Sabemos que o campo da formação é atravessado pelos processos

⁶⁵ Seu corpo se cansa? Como cuidar disso?

administrativos que estão vinculados a organização institucional, a qual, por sua vez, investe em um saber-repetição, padronizado. Reivindico aqui um lugar para o saber da experiência, e escolho desenvolver sobre o corpo-dispositivo como operador deste saber.

3.5 Formação, Arte e Produção de Modos de Vida: Formação Sensível Permanente

Consegui o espaço da reunião de equipe e montei uma sequência de experiências que tinham como disparador a palavra cuidado. Houve ali um momento de confiança da equipe e coordenação numa proposta e em um trabalho que apenas circunscreveria-se ali naquele espaço de 2 horas de reunião, mas que dizia muito de como pudemos nos sustentar até ali e de como ainda podemos nos surpreender uns com os outro, nós com nós mesmos. E que aquilo ali era sim um espaço de formação, de nos formar e nos deformar se nos abrimos para colocar nosso corpo no jogo, com tudo que carregamos nele.

“(...) acho que num segundo momento a rede de saúde mental de Niterói promove o edital pra contratações simplificadas e aí entra um terceiro tipo de contratação né: tinha os rpas, os concursados e agora os contratados. Nesse momento eu acho que já foi uma chegada de várias pessoas que não estavam ali pra protestar salário mais, tinham pessoas inclusive que estavam empolgadas com a ideia de trabalhar né, de começar um trabalho novo (...), começou a se promover inúmeros espaços de silenciamento nosso, que eu acho que por um lado acirrou nossa solidariedade, porque a gente fez mais movimento de auto cuidado nesse momento, até surgiu esse espaço de corpo depois, mas por outro lado foi quando muitas pessoas sucumbiram. E aí começou a jorrar pra todo lado sofrimento, as irritações, os adoecimentos. Foi quando as pessoas começaram a procurar outros empregos. Foi quando começou a desinvestir no caps ad né, quando perdeu o tesão mesmo de tá lá, muitas pessoas. E a minha resposta pra sua pergunta, certamente, é que a gente precisa pensar inúmeros espaços de cuidado pra além de uma oficina de cuidado do trabalhador, mas que seja garantido e gerido nessa solidariedade nossa enquanto trabalhadores, espaços de resistência mesmo né. O fórum era um lugar. Mas ele se tornou também um lugar de muito trabalho, muita demanda além do que a gente já tinha, pelo baixo salário que a gente ganhava...a gente chegou num limite, em algum momento a gente chegou num limite, “tá desmoronando essa rede, dá pra fazer alguma coisa?”. Aí foi quando um investimento de desejo nosso começou a diminuir um pouco. Mas isso depois de muito tempo né”. (Trabalhador Social – CAPS AD, 2017)

Foram 2 encontros de formação sensível que se realizaram com um espaçamento de 1 mês entre um e o outro. Me junto a outro colega da equipe a fim de me auxiliar no planejamento dessas propostas.

Cadeiras aproximadas num círculo menor do que o convencional, corpos que quase se tocam, corpos que se sentem. Será? Decido começar com todos sentados, numa configuração distinta daquela que estavam acostumados. Peço que fechem os olhos e cheguem ali naquele espaço, ouçam o espaço. E vou conduzindo-os a um estado de atenção a seu próprio corpo. Movimentos, articulações, alongamentos. Atente-se para como se está chegando hoje aqui. A temperatura, o batimento cardíaco, dentes pressionados um contra o outro ou não, olhar para dentro.

“Minha alma é uma orquestra oculta; não sei que instrumentos tocam e rangem, cordas e harpas, timbales e tambores, dentro de mim. Só me conheço como sinfonia.” (PESSOA, F. 2008, p. 298).

O que eu vejo?

O que eu sinto?

O que eu imagino?

Estas são perguntas simples que podem ser feitas a respeito de um mesmo gesto/movimento/imagem e que produzem respostas extremamente diferentes⁶⁶. Não é simples diferenciá-las. É preciso reparar. **Parar e reparar**. E isso é um exercício de cuidado também. Um exercício que podemos também chamar de clínico.

Sigo dando contornos a diversas partes do corpo, ossos e articulações, estimulando movimentos. Destaco a necessidade de respirar enquanto nos movimentamos. Há uma tendência a prender a respiração, realizar a ação e voltar a respirar. Nosso corpo é dinâmico, até quando estamos parados um movimento se mantém e promove equilíbrio.

Continuamos sentados, acordamos o corpo. E agora faríamos um pequeno jogo. Cantar e se movimentar. Movimentar esse cantar que canta o movimento. Algo na mesma lógica da clássica brincadeira infantil “Escravos de Jó”. Nessa experiência, mãos se entrelaçavam, tocavam o corpo do outro. Cuidado. Cuidado com si, cuidado com o outro. Quantos outros cabem em mim?⁶⁷ Risos. Muitos risos. Falta coordenação. Diante

⁶⁶ Tais perguntas são utilizadas como parte das práticas do “Movimento Autêntico”, cuja metodologia foi descrita na nota de rodapé 12 e está disponibilizada também no sítio <https://www.movimentoautentico.com/>.

⁶⁷ Referência ao título da monografia “Cuidado de si, cuidado do outro: quantos outros cabem em mim? ”, que apresentei como requisito de conclusão do curso de Pós-Graduação em Terapia Através do Movimento – Corpo e Subjetivação da Faculdade Angel Vianna no ano de 2013. A monografia inicia a investigação dos processos de abertura de corpos e a percepção de que há uma necessidade de se manejar os excessos contidos nesse trabalho que se dá pelas intensidades, obedecendo às precisas indicações de

disso não desistimos. Insistimos a fim de, na repetição, algo de diferente se construir, junto.

“(...) quando começou a atividade, eu tava suando, (...) e eu acho que era algum nervoso mesmo (...). Então, eu acho que tinha uma tensão ali porque a gente ia trabalhar o corpo e isso me deixa um pouco tensa. No trabalho né, como é que é pensar, sair do pensar, na real. A gente trabalha pensando muito, então ali quando você trabalha o corpo no trabalho que você faz e não numa escolha de uma atividade que você vai, um grupo terapêutico e tal, você tá ali no trabalho, duro e aí você propõe a trabalhar o corpo, o seu corpo, eu comecei a suar. Porque não dá pra pensar né, você tá ali sentindo as coisas e fazendo. E eu me lembro de uma brincadeira que era pra bater mão, palminha e tal e como a gente ficou rindo com isso, de que a gente precisava de uma certa sintonia do outro né, e do corpo ali gigante do grupo, e a gente errava porque é difícil fazer a sincronicidade da coisa e você também perdia quando olhava o outro e ria do outro, e você já queria brincar e tal. E aí eu nem me lembro mais de que tava suando, tava lá rindo e fazendo atividade e rindo do outro, das dificuldades do outro de fazer e enfim. Me lembro também dessa coisa de movimentar o corpo, a gente fez alongamento, a gente fez alguma coisa nesse sentido de se agachar e tal. Eu tava dura, eu tava bem dura porque ... é isso, tentando fazer um paralelo com o trabalho que a gente faz lá e que a gente continua fazendo na vida, é um trabalho muito duro e como isso deixa o nosso corpo duro, né.”
(Trabalhadora Social CAPS AD, 2017)

Depois desse momento, nos levantamos e numa grande roda, trabalhamos o ato de olhar. Nos olhamos, nada mais. A comunicação possível agora era somente pelo olhar. Trocaria de lugar na roda com aquele que trocasse um olhar comigo. Não é possível realizar nenhum outro gesto, expressão, sentido que não o olhar. É difícil. Os automatismos logo aparecem. A preocupação com a possibilidade de que o outro não lhe entenda, a preocupação com o não cumprimento da tarefa, a preocupação de que talvez ninguém troque olhar com você. Mas algo acontece. Ali, se resolve.

Depois disso, expandimos para o espaço. Entram músicas e ritmos. Caminhamos por aquela sala que nos acolhe em tantos momentos. Caminhamos lento, rápido, em câmera lenta, de costas, dançamos, rimos, nos constrangemos consigo e talvez com o outro. A música liga, logo vem pedidos de músicas e estilos.

Em cada um dos encontros, propusemos atividades iniciais similares, com desenvolvimento e evoluções distintas. Partes de um ritual que se repete e a cada vez vai se modulando.

O jogo do se deixar cair de olhos fechados e se deixar amparar pelos outros que se organizam para pega-lo, a condução de olhos vendados, o jogo dos contrapesos a dois

Deleuze e Guattari (2012) na direção de se movimentar com "prudência". Nesse caminho, demos início ao processo de entender esse corpo que se abre como multidão, entendendo que, nessa relação o que está em jogo é uma possibilidade outra na relação entre eu/outro.

que se balanceiam e viram movimento, coreografam-se na busca de equilíbrio da confiança.

Ao final, a troca possível pelas palavras a quem quisesse, a tentativa do sentido no que foi sentido. As feições estão outras, muitas surpresas. Espantos. Certa leveza.

“Eu tenho poucas lembranças mais específicas das atividades (...), mas eu me lembro da sua cara quando você falou que ia propor essa atividade e foi logo em seguida que me deu um relaxamento assim nos ombros. Tipo “não, calma, a gente tá aqui junto, vamo com calma”, depois daquela porrada que todo mundo levou.” (Trabalhadora Social CAPS AD, 2017)

Fiz questão de tentar transmitir a descrição das práticas junto a alguns trechos de falas de quem pôde experimentá-las na tentativa de aproximar os leitores das intensidades que trago nesta pesquisa, fazendo um exercício de possível transmissão sensível de experiências bem específicas que ocorreram num campo e contextos também específicos.

É difícil transmitir o que eu entendo e sustento por trabalho de corpo fora do corpo. Já fui interrompida no meio de uma entrevista de trabalho com “Certo, entendi o que você disse, mas o que o trabalho de corpo tem a ver com o trabalho com usuários de drogas?”.

A pergunta talvez seja o que é que nós temos a ver com o corpo? Qual o trabalho que nosso corpo faz no cuidado, no coletivo, na vida dos encontros? ⁶⁸

Restabelecer a capacidade de afetar e ser afetado. E as possibilidades moventes de construção de respostas que não estão prontas.

Os efeitos para cada um dos trabalhadores num espaço como este é mesmo de cada um, mas a aposta é na construção de um espaço de contágio, em que a partir da abertura para o compartilhamento dessas experiências, seja possível criar uma superfície comum na qual possamos continuar deslizando, deslocando, aterrissando e voando.

Com a decisão por minha saída do serviço, um posicionamento político diante do que estava vindo e também por vir, apesar de eu ter sido convocada pela seleção simplificada, meses depois dessas práticas terem ocorrido, muitas coisas ficaram e muitas partiram comigo. Tinha a impressão de algo ruindo.

Neste período começaram as implosões referentes à construção do túnel que passaria por dentro do hospital psiquiátrico de Jurujuba. A prefeitura havia construído junto com a nova direção do hospital um plano, a possibilidade de fazermos daquele

⁶⁸ Como você cuida do que sente?

espaço outra coisa que não um hospital psiquiátrico. Uma obra de transformação de enfermaria de longa permanência em residência terapêutica voltando suas portas para a rua, enfermarias passando a constituírem-se CAPS, áreas de convivência, centro cultural, tantas coisas. Mas não, as implosões começaram independente do que poderia acontecer com aqueles usuários daquele espaço e nem o manejo necessário dessas situações por eles pelas equipes de saúde. Até os dias de hoje, a Rede está sofrendo implosões.

Apesar de não termos conseguido resultados mais evidentes e um pouco mais em acordo com as nossas ideias, lutas e sugestões numa perspectiva macropolítica, é na perspectiva de uma luta micropolítica, que encontro as bases de sustentação para dar sequência ao caminhar. E sabemos que uma dimensão não se separa da outra.

E então, nesta sequência destaco outro momento.

Momento em que me engajo num outro território de luta, encarnado no movimento de ocupação do prédio do Ministério da Saúde no centro da cidade do Rio de Janeiro. A composição era múltipla de trabalhadores militantes. Compuseram juntos uma militância mais tradicional, sindicalistas, movimentos organizados, partidários ou não e, sobretudo, trabalhadores das OSs (Organizações Sociais) do município do Rio de Janeiro, denunciando os ataques do governo ilegítimo de Michel Temer e do Ministro da Saúde Ricardo Barros à saúde pública. Mais do que isso, colocamos em pauta a necessidade de um novo projeto emancipatório para a Saúde Pública brasileira, permeado pela diversidade que constitui o campo da saúde, e calcado na realidade presente de nosso país.

Ocupamos por 21 dias o 9º andar daquele prédio no mês de junho de 2016. Neste mês foram realizadas várias atividades como aulas, rodas de conversa, assembleias e plenárias, vigílias culturais, que contaram com a participação dos mais diferentes segmentos preocupados e interessados com os rumos da Saúde Pública no país. E juntos, na convivência, na circulação e nos atravessamentos de um cotidiano de ocupação.

Não era uma greve, era Ocupação. Ocuparmo-nos de produzir nesse espaço outras formas de pensar saúde e denunciar o que estava acontecendo. Trabalhadores em serviço que se organizavam em suas rotinas para tentar fazer esse movimento mover e ser movido. Um grupo de pessoas que não se conhecia necessariamente, alguns pequenos núcleos de conhecidos aqui, outros ali e um tecido de novas relações que se construíram.

O movimento durou o que pôde durar e a força de criação de uma forma de militar outra, sem abandonar o que foi construído até ali, é evidente. No último final de semana da ocupação, tendo recebido o pedido de reintegração de posse do prédio pelas autoridades e tendo os ocupantes se decidido em assembleia que a direção era sair, por exaustão e também por entender a necessidade de expansão dessa lógica de ocupação em diversas práticas e territórios, consigo propor um espaço de cuidado com os ocupantes, um olhar para os vínculos que foram o que sustentaram a ocupação. Os vínculos eram claros, mas podíamos parar para olhar? Na agitação do cotidiano de sustentação de tarefas, o corpo é convocado, mas no age num ato automático. Havia práticas integrativas acontecendo na ocupação, pontuais e precisas em sua atuação de cuidado.

Em parceria com o Núcleo de Pesquisa, Estudos e Encontros em Dança da UFRJ⁶⁹, promovemos uma atividade sensível com os ocupantes presentes naquele último domingo de ocupação. As proponentes haviam passado um dia acompanhando e chegando junto da ocupação antes desse momento de atividades.

“Eles demoram a acordar e nós acolhemos. (...) Está delicada a situação da ocupação que está sob ameaça de reintegração de posse do espaço. Eles estão cansados da festa e da luta, mas re-existem. Levamos balde e panos de chão para limpeza do espaço, mas entendemos que eles estavam muito cansados para tal ação. Levamos o túnel, mas sentimos que talvez fosse de muita intensidade passar pelo túnel num momento onde eles estão já muito envolvidos com o desconhecido. Levamos o tecido para fazer uma proposição inspirada na obra "a viagem" de Lygia e acolhemos essa ação por perceber que ela se sintonizava mais com o momento presente. Criamos uma roda para chegar no corpo (a-com-chegar). Acordar o corpo: esculpir, lavar, percutir. Cuidar. O trabalho segue com o objeto-tecido sendo espaço de mergulho para a deriva do corpo-coletivo. Eles estão tão desejosos do cuidado de si e do outro (que são aqui indissociáveis) que muito facilmente se tornam de fato protagonistas da ação. É bonito de ver como eles se envolvem no cuidado de cada um que passa pelo centro do tecido. Cada corpo sendo singular na sua diferença recebe um jeito de ser cuidado. Eles nascem, se renovam. Muito bonito o que se passa com cada um, o que passa em cada um cuidando do outro. Aqui fica claro que o cuidado de si e do outro não se separam. E a palavra aparece na fala de E. Finalizamos e sentamos sob o tecido e é difícil para mim dizer, meu corpo treme da cabeça aos pés. Somos "amor da cabeça aos pés". Choramos. A água que brota do olho fala mais do que mil palavras. Damos as mãos, respiramos. Agradecemos a todos pela partilha amorosa e cuidadosa. A sensação ressoa ainda e é difícil dizer. Importante lembrar que estamos lutando pela SAÚDE PÚBLICA EM NOSSO PAÍS. (Texto depoimento de integrante do Núcleo de Encontro e Pesquisa em Dança da UFRJ)

⁶⁹ <http://nucleodeestudoseencontros.blogspot.com.br/>

Precisa de corpo para ocupar. O corpo ocupa. A política do corpo. Um encontro sensibilizante e movedor no final de uma jornada de força. Mais uma vez, a proposta só pôde ser feita no fechamento de um ciclo, no caso o de ocupação. De fato, outra experiência teria sido vivenciada se o momento de realização da experiência tivesse ocorrido no período mais inicial de ocupação.

De qualquer maneira, o que destaco aqui é o tempo de **parar e reparar**. O que é possível de ser sentido?⁷⁰

“Eu nunca tive muito contato com essas experiências corporais ou com outras sensibilidades que não sejam racionais e coisas assim. (...) talvez o que tenha prevalecido ali foi um olhar para essa coisa dos vínculos (...) porque no fundo no fundo foram os vínculos que sustentaram a ocupação (...). Mas a gente nunca olhava para os vínculos em si. A gente sempre olhava para os processos. Foi um momento de olhar para os vínculos em si, de olhar politicamente para os vínculos e ver que eles foram fundamentais ali (...). Me lembro que no momento logo depois da sensibilização, pela primeira vez eu senti o gosto da comida (...). Não sei dizer exatamente o que foi, mas acho que teve a ver com a sensibilização de antes” (Trabalhador Social, OCUPA-SUS RJ, 2017)

“Eu acho que teve uma coisa de aproximação da gente, (...) tinha uma carga. Acho que a gente não conseguia muito parar para falar das questões emocionais da ocupação e aquele momento eu senti que foi muito o momento de extravasar aquelas emoções que a gente tava ali retido, tensa. Teve um efeito para mim muito de extravasar, mesmo, daquilo passar.” (Trabalhador Social, OCUPASUSRJ, 2017)

Rolnik, em recente escrito de 2018, ao falar sobre os movimentos revolucionários que estão emergindo atualmente, já não são aqueles que prezam pela Revolução de um sistema. Para ela, não estamos diante do ideal da Revolução tradicional, ideal de uma grande revolução de transformação. Um devir revolucionário potente abandona esse modo tradicional de conceber as transformações e será impulsionado pelas irrupções e afectos que nos chegam pelo saber-do-corpo, nos forçando a reinventar a realidade. Assim, trata-se de ativar a imaginação coletiva para criar novas formas de existir, e de se reunir para desestabilizar o poder e não tomá-lo.

“(...) foi conseguir olhar pras outras pessoas de uma outra forma, e tocar as pessoas, e sentir as pessoas, de cuidar das pessoas né. E todas as pessoas que entram na roda, todas as pessoas recebiam o mesmo carinho, o mesmo cuidado. Tipo, pessoas que tiveram participações diferentes, que tiveram importâncias diferentes na ocupação, mas do momento em que começou até o momento que terminou ficou todo mundo muito envolvido com aquilo né,

⁷⁰ O que você sente ao ler até aqui? Vem algum pensamento, alguma imagem, alguma memória, algum cheiro, o que vem?

por que eu acho que de fato era esse movimento que a gente tinha criado na ocupação. Não era o movimento só do tocar, era o movimento que tava representado ali né, era o movimento que tava se expressando ali.”
(Trabalhador Social OCUPA SUS RJ, 2017)

Retomar a experiência de fazer um corpo, de fazer outros corpos, a partir do corpo único que tentam nos impor. Mais do que dito ou pensado, um corpo é feito.

Sobre a Formação Permanente Sensível que proponho na pesquisa, encontro uma bela e delicada forma de movimentarmos-nos sobre suas possíveis definições neste trecho abaixo transcrito da fala de uma colega trabalhadora social e arteterapeuta da saúde mental, produzido na roda de conversas a que me refiro ao longo desta dissertação.

“O que eu penso de formação sensível permanente? O que me vem é que já penso a partir de, para além de, do saber construído academicamente. E não só a partir de, talvez até antes de, trans de, atravessado de. Por que? Quando chegamos para desenvolver esse trabalho, a gente chega assim, cada um com suas academias, suas formações, suas linhas de pensamento, com suas técnicas, com seus saberes de campo, porque num trabalho tão transdisciplinar como é o da RAPS a gente não necessariamente tem também os saberes acadêmicos, então essa formação sensível permanente, eu vejo antes de, para além de academia. Incluindo academia, por isso tão trans assim. Porque vai da ordem do que que a gente faz, o que que a gente troca, o que que a gente recebe independentemente do nosso lugar de saber. Se ele passa pela academia, se ele não passa pela academia, se ele é técnico, se ele é de campo. Independentemente do nosso lugar de saber, o que é que está ali nos formando. A gente se depara com esse lugar de aprendizado. Independentemente do meu lugar, do técnico de enfermagem, do redutor de danos, a gente está atravessado pela mesma experiência produzindo uma formação continuada. Em que campo isso é permanentemente sensível, pra mim, é aonde eu acho que é mais desafiador mesmo, por que? Primeiro pela questão dos direitos que estão constantemente feridos; do trabalhador e do próprio cidadão que está se beneficiando do serviço de saúde. E aí como essa formação pode se tornar sensível e permanente, eu, P., não vejo de outra forma que não a partir das práticas afetivas, de corpo, de escuta, de expressividade, porque eu não vejo sem esses elementos, constituir-se um corpo pessoal e coletivo firme, expressivo, não vejo sem esses elementos uma potencialidade radical de troca. E eu estou falando inclusive aí de arte também, potência radical de troca. Potência de uma fala que afete e de um corpo que se permita ser afetado por outras falas. Não vejo sem esses elementos possibilidade de criação. Do novo, sabe? Se essa formação não é permanentemente sensível, a gente vai ficar engessado no lugar colocado. O que é sensível, né? Será que é o lugar que traz, que precisa lembrar, Humaniza SUS, que precisa lembrar que a gente é ser humano? Que a gente está na formação constante do humano, que é isso, eu não vou saber explicar, meu trabalho, eu preciso dizer que é o SUS, que eu gosto do SUS. Essa esfera do “sensível” (Trabalhadora Social, CAPS AD, 2017)

Como desativar a lógica utilitarista, a hegemonia das ‘evidências’, em uma política que não cessa de pretender tornar o corpo uma ferramenta de reprodução?

Só uma formação sensível permanente.

“Os trabalhadores sociais comprometidos com a publicização das práticas e com a democratização dos espaços não podem se esquivar à análise crítica de suas implicações.” (Aguar, 2009, p. 595)

Nessa passagem, encontramos meios de afirmar a formação permanente sensível como a produção de um espaço de implicação, uma ferramenta de intervenção e um tempo-potência de criação no campo do trabalho, no cotidiano das relações. Uma abertura à construção de modo de vida implicados pelo corpo, com o corpo, através do corpo.⁷¹

Quando falo sobre a experiência do CAPS AD, o trabalho com o corpo proposto não estava no conjunto, digamos, atual (possível) com que a equipe trabalhava. Naquele momento, não era ainda um vetor possível, portanto. Ao introduzi-lo, busco na potência virtual, fora do conjunto do possível (dado), uma alternativa; atualiza-se um possível, ou seja, *cria* um novo possível, mais uma alternativa às respostas de múltipla escolha.

Voltar a possibilitar, criar as possibilidades, é mais do que realizar o possível, digamos assim. Por que as equipes estão, em todos os lugares, tão esgotadas? Escutamos, com frequência, as pessoas nos dizerem: “nós fazemos o possível”. O esgotamento é o possível? Sejamos realistas, tentemos o impossível!

Nas situações de trabalho, fazer apelo ao impossível não significaria pôr-se na posição de assumir uma sobreimplicação que nos faz adoecer, mas tão somente, nos permite nos aproximarmos deste plano do virtual em que as possibilidades são geradas.

Esse é o convite.

⁷¹ Depois dessa experiência, o que ficou?

ENTRADA 4

A COLUNA TEM CURVAS: DESLOCAMENTOS E DOBRADURAS DE

EIXO

Nessa entrada, tomo como intercessores algumas elaborações no campo da Saúde no Trabalho, nas políticas Públicas junto aos estudos da subjetividade, destacando a perspectiva da micropolítica e os estudos da corporeidade na Filosofia e nas Artes percorridos nesta segunda entrada, na medida em que acreditamos ser sobre o corpo e suas manifestações que incidem as formas de subjetivação.

O campo de transversalidade entre os processos e produções da dança e educação somática junto àqueles da saúde e da formação de trabalhadores tem no corpo e seus saberes uma possibilidade de operar a favor de resistir, micro e macropoliticamente.

4.1 A Dureza do Eixo

Seguindo com a investigação no contexto do trabalho de cuidado e promoção de saúde, a experimentação do corpo e com o corpo muitas vezes não é colocada como uma direção específica para serviços e equipes de saúde. Entendemos com isso que, experimentar os corpos na medida em que somos corpos relacionais, parece mesmo ser um desafio. Ao sustentarmos a ideia de cuidado em saúde, como estando apoiada por um paradigma ético, estético e político talvez as primeiras relações a serem experimentadas sejam aquelas que se tecem entre os profissionais da equipe.

4.1.1 Política Nacional de Humanização – PNH

Na perspectiva dos profissionais de saúde mental, as muitas direções e aberturas contidas na Política Nacional de Humanização (PNH) do Sistema Único de Saúde, oficialmente apresentada em 2003 (Brasil, Ministério da Saúde, 2004a), não equacionam o abismo que separa uma política pública de uma **prática pública em saúde e cuidado**. O que quero dizer com isso? Digo que a Política de Humanização da Atenção e da Gestão em Saúde do SUS não conseguiu ainda se capilarizar a ponto de se aproximar dos profissionais da ponta. Isso não é um problema da Política em si, mas das formas de compreendê-la, desenvolvê-la, aplicá-la e, sobretudo experimentá-la a partir dos contextos singulares de cada região, cada área, cada serviço.

Assim, como apontam Benevides e Passos (2006), “mudar as práticas de saúde exige mudanças no processo de construção dos sujeitos dessas práticas”. Para eles, a humanização do SUS se efetiva com a alteração dos modelos de atenção e de gestão em saúde, implicando em novos sujeitos e novas práticas e, portanto, em outros processos de subjetivação. Para nós, uma **prática pública de saúde e cuidado** se constrói a partir de processos de formação em serviço, no trabalho. Saúde seria então entendida como um processo de criação de si e de modos de viver. (Benevides e Passos, 2006).

Quais os obstáculos para engajarmo-nos nesse movimento? O que faz mover?

Como política pública estabelecida, a Política Nacional de Humanização (PNH), publicada em 2003, 15 anos após a inclusão do SUS na Constituição Brasileira de 1988, apresenta-se como um acréscimo necessário ao SUS. Assim, a PNH surge depois de serem experimentados inúmeros efeitos no processo de implementação deste sistema que firma a saúde como direito universal e garantido a todos constitucionalmente, no processo de redemocratização do país.

Nesse caminho, o que justificou a formulação de uma cartilha junto a uma Política de Humanização do SUS foi a avaliação de que há um evidente despreparo dos profissionais no que se refere a dimensão subjetiva suposta em toda prática de saúde. Seria este um despreparo realmente?

“A humanização visa você não ver só a pessoa, mas ver a pessoa como um todo. Ela tem uma história lá fora né, aí você vê só o paciente ali deitado no leito, não, você tem que ver toda a história dela pregressa né, você tem que ver o ser humano como um todo.” (Trabalhadora Social CAPS AD, 2017)

Como elementos que se somam ao quadro de avaliação do SUS, e que estão na base para a proposição da PNH, vemos o quanto ele reflete claramente a própria construção social brasileira, esta, marcada pelas desigualdades socioeconômicas, pela desvalorização dos trabalhadores da saúde, que encontram extrema precarização nas relações de trabalho além de um baixo investimento na educação permanente. Assim, instaura-se um campo do qual os trabalhadores não participam, restringindo-se a execução de tarefas, cada um em seu especialismo técnico. Os vínculos fragilizados no trabalho, com o trabalho, do trabalho, refletem certamente no vínculo destes trabalhadores com os usuários (BRASIL, 2004a, p.6).

Os modelos de gestão de saúde centralizados e verticalizados, outra avaliação passível de ser feita sobre a gestão do SUS, retiram o trabalhador do contato com seu próprio processo de trabalho. Ora, o SUS é um sistema, e como sistema, se constitui por

processos em rede os quais por sua vez, supõem movimento e neste movimento podem encontrar possibilidade de invenção, invenção do tipo de atenção, do tipo de gestão. Estes são temas abordados pela Política de Humanização (BRASIL, 2004a).

O Sistema Único de Saúde não está pautado na eliminação de seus atores, o SUS é sim uma aposta democrática de sistema de saúde que tem, desde a sua fundação, a característica de ser marcado e sustentado por lutas e por resistências. Ele em si é uma conquista e o desafio é o de sustentar essa conquista.

4.1.2 Reforma Psiquiátrica

Outra política pública estabelecida importante como eixo duro a ser curvado, é o movimento da Reforma Psiquiátrica brasileira. Mais do que denunciar as lógicas de cuidado em manicômios, como instituições de práticas de violências, a Reforma Psiquiátrica propõe a criação de uma rede de serviços e estratégias territoriais e comunitárias, substitutivas às instituições manicomiais, construídas a partir de uma lógica solidária, inclusiva e libertária de cuidado aos sujeitos em sofrimento psíquico.

Após uma série de lutas, conquistas e derrotas sustentadas pelos trabalhadores e pesquisadores do campo da saúde mental brasileira, sob influência também de outros movimentos internacionais e seguindo os efeitos das forças do Movimento da Reforma Sanitária, em 1990 o Brasil torna-se signatário da Declaração de Caracas, a qual propõe a reestruturação da assistência psiquiátrica. Em 2001 é aprovada a Lei Federal 10.216⁷² (BRASIL, 2001) que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial da saúde mental, propondo a atenção psicossocial como orientadora das práticas de saúde mental.

A desinstitucionalização passa a ser tomada como um processo social complexo e aos poucos, construímos caminhos que apontavam para a necessidade de mobilização dos atores sociais que estão envolvidos no processo de institucionalização, de exclusão e de manutenção das práticas de lógica manicomiais. É preciso sim transformar as relações entre os usuários e as instituições, entre usuários e profissionais, entre o saber médico psiquiátrico hegemônico, transformar as relações de poder instauradas.

De lá pata cá, muitas coisas se construíram e temos inúmeras experiências que constituem o campo da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Contudo, as orientações e linhas potentes de abertura que nos é apresentada e experimentada a partir do

⁷² http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm Acesso 12.07.2018.

movimento da Reforma e seus atores, nem sempre se constituem em práticas antimanicomiais ou em atenção psicossocial ou como clínica ampliada. Direções e conceitos partilhados na saúde mental, mas que muitas vezes não operam como re-existência necessária.

Benevides e Passos (2005) em artigo que busca retomar a construção do conceito de humanização, escrito 2 anos após sua primeira implementação, por perceberem a banalização que esta vinha sofrendo, apostam na importância de nos voltarmos para a análise das experiências dos movimentos de resistência como a Reforma Sanitária, Reforma Psiquiátrica, Movimento Feminista, Movimento Gay, Movimento hippie, Tropicalismo e os movimentos organizados de luta contra a ditadura militar, todos compostos por dinâmicas de forças de invenção e de contestação àquilo que já está dado.

Exaltam a constituição de práticas de debate sobre as experiências políticas de contestação de poder, pois nos permitiriam talvez construir um chão a caminhar no que elas também incluem acerca do tema da saúde.

Estes autores ancoram-se nas formulações de Michel Foucault quando este nos propõe o acoplamento de conhecimento com as memórias locais tornando possível um saber histórico das lutas e utilização desse saber em práticas atuais, contidos no livro *Vigiar e Punir* publicado no final da década de 70.

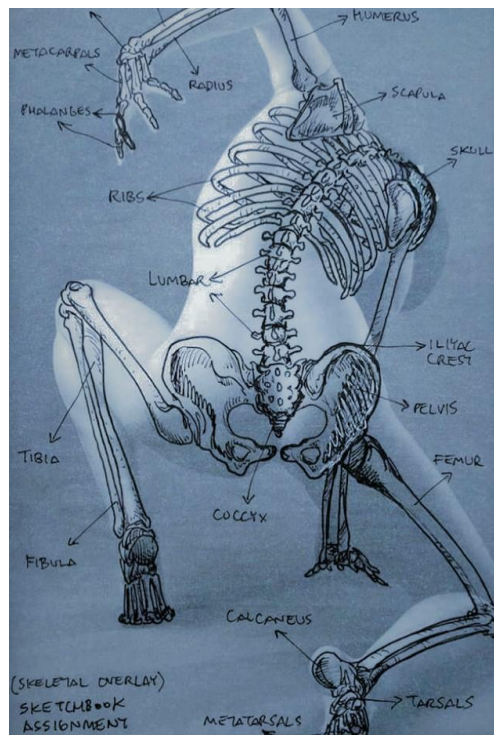
Em 2018, arrisco-me em afirmar que estamos diante de mais um movimento de transformação em curso, seja nas estratégias governamentais que consolidam o Golpe de 2016, seja nas resistências que estamos podendo inventar ⁷³.

Nesse momento me pergunto: estamos podendo? Quais as forças envolvidas nesse processo no campo da saúde?

Nesta dissertação, faço questão de trazer os impactos de minha experiência de participação em movimentos sociais como o Fórum de Trabalhadores em Saúde Mental de Niterói e do Movimento OCUPASUS RJ como importantes intercessores da pesquisa.

⁷³ Sobre isso, indico a leitura do livro “A Resistência ao Golpe de 2016”, organizado por Caro Proner, Gisele Cittadino, Marcio Tenenbaum e Wilson Ramos Filho, pelo Projeto Editorial Praxis, uma reunião de pequenos ensaios produzidos a respeito deste momento histórico-político, na tentativa de já exercer registros e reflexões sobre o contexto.

4.2 A Coluna Se Curva



A Coluna e suas Curvas – Imagem do Arquivo Pessoal (sem referência)

4.2.1 Curva SUS

Há quem diga ser o SUS algo utópico, no sentido de algo inatingível. Uma análise superficial talvez possa indicar essa suposta inatingibilidade, se o que for reunido como elementos forem os dados de produção, os números e as contabilizações de rendimentos e faturamentos. Sabemos que tais práticas de lógica mercadológica de avaliação do Sistema se exercem cada vez mais com intensidade. Para nós, a saúde não pode ser concebida como um produto que gera lucro, não podendo ser avaliada a partir de parâmetros quantitativos somente. A partir da ideia de registrar e contabilizar em tabelas, gráficos e sistemas de informação as práticas de trabalho não aproximam o trabalhador desse processo. Pelo contrário, esta lógica de acumulação de produção esvazia a dimensão dinâmica, inventiva e política de todo processo de trabalho.

“E não é uma coisa de cuidado, mas é uma coisa que você vê que vai melhorar a produção. (...) Como que é, na saúde, esses lugares que a gente consegue criar de cuidado da equipe é de uma maneira diferente, não focada na produção, mas acaba sendo um espaço de resistir, de ter que estar ali fazendo uma força, o quanto isso não tá dado, o quanto a gente tem que se

esforçar, o enfrentamento, a resistência, que é isso, é diferente porque é uma questão de cuidado mesmo, não é focado na produção.” (Trabalhadora Social, OCUPASUS RJ, 2017)

No caminho de produção de nossa concepção do SUS, e mais especificamente no que tange a presente pesquisa sobre o lugar do corpo na formação de trabalhadores do SUS, é preciso conceber a utopia sob a referência do que Foucault (2013, apud Resende, Caetano e Torralba, 2011) formula sobre esta e sobre o corpo em suas conferências radiofônicas em dezembro de 1966 na rádio *France-Culture*. Foucault afirma o corpo como sendo o contrário de uma utopia, constituindo-se como um “espaço singular de entrecruzamento”, um *topos*, um lugar de intensidades, de forças, uma heterotopia marcada por suas multiplicidades.

“Para que eu seja utopia, basta que eu seja um corpo” (Foucault, 2013, p.11), diz ele, pois a força de construção das utopias na história se faz para apagar os corpos. A alma *“funciona no corpo de maneira maravilhosa”* (idem, p. 09), criando esta ilusão de que o belo, o forte, o limpo e o íntegro estão sempre fora dele. Mas o corpo está em parte alguma, é um não-lugar, *“... é em torno dele que as coisas estão dispostas, é em relação a ele que há um acima, um abaixo, uma direita, uma esquerda, um diante, um atrás, um próximo, um longínquo.”* (ibidem, p.14). Contudo, o corpo utópico é invadido pelo adoecimento, pela dor de dentes, pela garganta bloqueada, pelo peito apertado, pela cabeça que pesa, pela vida que consome e nos faz consumir. É aí que o corpo utópico cai por terra.

Assim, caminho na direção de dizer que o SUS é também uma heterotopia dentro da utopia, um espaço de atravessamentos e de múltiplos possíveis corpos e práticas que o compõem. E como todas as heterotopias, não permanece constante. Precisamos visibilizar e afirmar a força destes corpos que o compõem e dessas práticas singulares que se dão em serviço e que formam trabalhadores e produzem cuidado em saúde.

“E aí, to falando tudo isso só pra pensar o quanto que a gente consegue performatizar o cuidado da saúde que a gente diz que quer produzir no outro né. Porque se vamos passar pro nosso próprio corpo, tudo não vai passar de uma relação sujeito objeto. Enquanto a gente não conseguir performatizar isso não vai passar de uma objetificação do outro. E o quanto fazer isso também é difícil, porque não é o que é pedido pra ti, porque não vão reconhecer o seu trabalho, que não vai trazer uma resposta, vai te tornar inoperante.” (Trabalhador Social, OcupaSUSRJ, 2017)

Sustentar a dimensão micropolítica contida nessas práticas, as visibiliza como forças de manutenção, criação e re-criação necessárias ao SUS a cada momento. São essas forças que mantêm o SUS funcionando, numa outra lógica, que é relacional, estética, sensível e corpórea. E é evidenciando as reinvenções de trabalho, subjetivo coletivo, na ponta e com a ponta, que encontraremos linhas possíveis de resistir, re-existir. Uma curva no SUS.

4.2.2 Curva Humanização e Reforma Psiquiátrica

Encontramos no campo da saúde mental uma série de problematizações. Uma delas consiste nos desafios constantes de transformar as práticas de saúde. Como desdobramento desta problematização, cabe-nos questionar os processos de implementação das políticas de humanização junto à Reforma Psiquiátrica e o movimento de desinstitucionalização dos corpos, funcionando como pontos de inflexão, pontos de desvio de campo, que se reúnem na saúde mental. Estes pontos de inflexão, por sua vez, nos colocam uma série de desafios e problemas no caminho, sejam eles econômicos, de gestão, de financiamento, éticos, sociais, etc. Estes são nossos eixos mais duros de sustentação do campo da saúde pública.

Escolho colocar uma questão sobre a formação das pessoas que trabalham nos serviços de saúde mental, as quais serão tomadas como corpos operadores de uma transformação, cujas diretrizes advêm na maior parte das vezes de fora de sua experiência de trabalho. Nesse caminho, a formação encarna mais uma vez o domínio das forças dominantes e hegemônicas de poder e de saber, verticalizando as relações e presentificando os abismos encontrados entre as políticas públicas em implementação de um lado, e as **práticas públicas em saúde** de outro, onde os trabalhadores que estão na ponta, na experiência direta da produção de saúde e cuidado, estão aqui compondo **corpos DE trabalho**.

Como vemos esse abismo?

Encontramos exemplos dele através do próprio modo de sustentação da ideia de democracia em nossa sociedade, baseado na noção de que todos vão participar do mesmo jeito, sem olhar para os variados determinantes para garantir participação e inclusão. Nas políticas públicas de saúde, e circunscrevendo mais ainda ao campo de pesquisa aqui que é o da saúde mental, vemos os impactos desse abismo incidindo diretamente na produção de cuidado.

Tanto o processo da Reforma Psiquiátrica quanto o processo de implementação da discussão sobre a Política de Humanização mobilizam as seguintes perguntas-desvio: que práticas são essas que se desdobram nos espaços da saúde mental? De que forma essas práticas podem ser experiências que fazem ressoar os desafios da transformação posto na discussão da humanização e os desafios postos nas políticas públicas de saúde e saúde mental?

Essas são algumas questões que passam a estar colocadas para mim e que de fato vêm sendo abordadas por diversos campos de produção de pensamento e políticas na saúde e na educação. As gestões, os equipamentos de gestão, os órgãos de formação, a academia, todos esses campos abordam tais questões de múltiplos modos. Importa então, colocar a singularidade de minhas apostas nesse texto-ensaio. Acredito que para estes desdobramentos em práticas e de práticas operarem, é preciso ganhar corpos operadores. Passo a seguir uma pista que me leva a apostar na dimensão de formação como abertura possível para a experimentação de corpos operadores de desvio nas práticas com trabalhadores sociais da saúde mental.

Uma das direções possíveis para pensar a formação dos trabalhadores sociais é o caminho da Educação em Saúde, da Educação em Serviço, da Educação Permanente. Existem inúmeras discussões sobre as quais podemos nos debruçar apenas ao enunciar essas direções e pensar em atravessamentos.

Cabe aqui trazer a discussão que se manteve hegemônica nesse campo da formação em saúde, a saber, aquela que se dá na interlocução com uma concepção de formação que ainda é bastante iluminista. O que significa isso? Uma concepção de formação a partir da razão, evidenciando uma cisão que se promove entre o corpo e o sensível daquilo que é supostamente o mais essencial, a mente, a razão.

Os órgãos adoecem, a mente adocece e é sob os aspectos visíveis desse adoecer que se debruçam a maior parte das formações tradicionais da área da saúde e da saúde mental. Até mesmo a noção de inconsciente e de sintoma psicanalíticos por exemplo podem expressar a cisão entre corpo e mente, na medida em que estes apenas se apresentariam através das representações, das palavras e da fala.

Na academia, também campo de formação, essa cisão reflete-se na produção de conhecimento, conceitos e teorias, sejam estes voltados ou não para os trabalhadores que operam na saúde. A produção acadêmica para o campo da formação em saúde procura dialogar, por exemplo, com as apostas da Educação Popular a partir das formulações de Paulo Freire, porém, apropria-se dela “academicamente”, de maneira a

fechar seus circuitos, por mais que estejam incluídos nesse modo de dialogar critérios de ampliação da noção de escuta do outro junto à necessidade de se levar em consideração os saberes do outro, incluindo aquilo que o outro trás consigo, além de outras proposições importantes no viés da humanização, da clínica ampliada e da atenção psicossocial.

Nestas propostas de formação hegemônicas, temos os necessários atravessamentos com a aposta na aquisição de informação, com a aquisição da consciência, mas também e, sobretudo, há uma aposta na produção de corpos que operem transformações. Aqui, a transformação é tida como uma meta, um objetivo a se seguir. Uma transformação pressupõe um ponto de chegada previamente definido, uma teleologia.

O corpo aqui se constitui como instrumento operador, corpo **DE** trabalho que adquire tecnologia e saber **PARA** o trabalho, tomado como uma superfície rasa a ser preenchida, capacitada e formatada, um corpo disciplinado e docilizado, muitas vezes na direção de uma crítica. Interessa na dissertação afirmar a possibilidade de outro corpo, um corpo **EM** trabalho, corpo **EM** relação, um corpo **EM** movimento, corpo **EM** presença.

Acredito que operar essa curva no caminho da formação, a qual trás consigo o corpo, dentro de um contexto que pode ser tão duro como é o campo do trabalho em saúde mental, acarreta uma tomada importante de posição que faço ao escolher adentrar o campo das formações de trabalhadores e da produção de cuidado ampliado.

“Pra mim, num primeiro momento, eu acho que foi muito complicado quebrar isso né de encostar no outro de uma forma legal. Mas eu acho que depois que foi começando a gente vai se soltando. Mas concordo com ela nesse sentido de que possibilita uma maior integração, você se abrir mais pro outro. Acho que possibilita isso. E que vai ficando né? E aí eu acho que tem uma coisa não só da atividade em si, eu acho que da forma como é o dia a dia, como vai se transformando. Não foi só aquela atividade. Tinha todo um trabalho que eu me lembro (...) Mas eu acho que ajuda muito na integração da equipe, nesse cuidar do outro, você sentir até mesmo como o outro tá né? O outro tá bem, o outro tá mal? Isso possibilita...mas é difícil de início, não é um coisa fácil não.” (Trabalhadora Social, CAPS AD, 2017).

Aqui escolhemos trazer para discussão outras entradas possíveis para articularmos ao campo da formação em saúde e em saúde mental: a aposta de fazer vibrar e nos desviar da tendência a formar a partir de uma lógica que reproduz a lógica escolar, iluminista, disciplinar e cindida a qual acaba por sobrecodificar qualquer experiência, fechando-a num circuito racionalizado.

Trago como necessária a aproximação de outros interlocutores que me permita encontrar a possibilidade de afirmar outras experiências de formação. Nelas encontramos desdobramentos e elaborações de estudos do e a partir do corpo e do movimento como dispositivo de conhecimento e produção de saber, o corpo e seus saberes. Nosso diálogo se abre com as ferramentas da Análise Institucional e da Filosofia da Diferença, mas parte, sobretudo de experiências concretas no cenário do trabalho em saúde mental, do cotidiano dos trabalhadores sociais da saúde mental, no qual eu, pesquisadora, inclusive me insiro e por consequência, posiciono-me em implicação.

A Humanização é uma política e não um programa. Política de governo como nos diz a cartilha. A Reforma Psiquiátrica, por sua vez, não se configura apenas como uma reforma de serviços psiquiátricos, uma reforma da assistência psiquiátrica implicando uma reforma administrativa, funcional e organizacional. Em hipótese alguma direi que não seja absolutamente necessária uma reforma radical do modelo de assistência psiquiátrica, mas é importante concebê-la como um desdobramento e como consequência de uma concepção muito mais ampla de reforma psiquiátrica.

Sabemos dos desafios de implementação de uma política pública, ainda mais apostando na co-responsabilidade na produção de saúde e de sujeitos, como está baseado o SUS. A Humanização aparece então como eixo articulador de todas as práticas em saúde, na medida em que há sempre um aspecto subjetivo presente em qualquer ação humana, sendo determinante podermos problematizá-los ao experimentá-los. Nesse sentido, olhar cada sujeito em sua história de vida e como sujeito de um coletivo, dimensões inseparáveis.

E o que isso tem a ver com os trabalhadores da saúde? Ali no campo do trabalho em saúde mental, e na saúde como um todo, o aspecto subjetivo está sempre colocado. Isso é uma vantagem? Uma desvantagem? Quais os tensionamentos e conflitos que aparecem nessa especificidade de trabalho na saúde?

Quais os privilégios e os desafios no campo da saúde mental pública na experimentação dessas dimensões subjetivas compondo o cuidado, a produção de saúde?

Podemos tirar algumas importantes pistas sobre o manejo de questões subjetivas a partir das práticas da área da saúde mental, sabendo, contudo, que, lá também encontramos sérios desafios.

4.3 Curva Política, Pública, Práticas

“As políticas públicas de governo e os estabelecimentos onde atuamos, com seus contornos definidos, são efeitos-resultados de uma composição do plano das formas com o plano movente das forças, que é a dimensão instituinte.”
(BARROS; PIMENTEL, 2012, p. 6).

Seguindo a análise de Bobbio, Barros e Pimentel (2012) referem-se à política como uma arte ou ciência de governo, localizando-a no terreno de reflexão sobre as coisas da cidade. No entanto, este sentido de política se perde e é então substituído por noções como ciência do Estado, ciência política. A *polis*, a cidade, passa a ser entendida como o Estado. O poder se estabelece no exercício pelo interesse de quem governa e de quem é governado.

Assim como Benevides e Passos (2005) nos afirmam, o Estado é um dos aspectos da arte de governar contemporânea. Para eles, prática política, atividades do Estado e de governo correlacionadas são relações visibilizadas, sendo inclusive privilegiadas como atividade política.

Nessa pesquisa desta, caminhei na perspectiva indicada pelos autores, a de ampliar o sentido de nossa concepção de política e para além do que entendemos sobre ela como sendo do domínio de práticas relativas ao Estado. Mais um eixo da coluna pela qual atravessamos precisa de uma curva, um desvio.

Esse foi um grande dilema com o qual sempre me deparei nesse processo: para mim, a política refere-se a toda atividade humana e quando decido pôr em análise os processos experimentados e produzidos em espaços coletivos onde puderam ocorrer práticas corporais - experiências coletivas sensíveis, como gosto de denominá-las – tive receio de seguir por uma direção que tenderia a afirmar esse tipo de prática como estando ou devendo estar ao lado de políticas públicas estatais ou até de políticas de governo.

É evidente para mim a importância de posicionar no centro de minha construção a partir destas práticas, a evidência de arranjos mais localizados, de modos de relações possíveis entre forças no contexto de equipes multiprofissionais de trabalhadores sociais da saúde mental. Evidenciá-los apostando neles como consistindo um movimento micropolítico, molecular que interfere nas relações de poder hegemônicas, duras, como podem ser entendidas as políticas públicas.

Barros e Pimentel (2012) nos colocam que a concepção de público é confundida como sendo produzida pela via estatal, como efeito da própria ambiguidade contida na

concepção liberal de Estado. Aqui, Estado se contrapõe a tudo que é privado. Na análise de Sader (2005, apud Barros e Pimentel, 2012, p.10) que estas autoras nos trazem, a partir dos anos 80, a sustentação do neoliberalismo desloca o sentido de público que se situava de uma maneira própria na dicotomia estatal-privado. Assim, tudo que é não-público seria privado.

O que as autoras defendem nesse artigo sobre a construção do comum em sua relação com as políticas públicas, é ser justamente por sua possibilidade de expressão através das forças coletivas, em qualquer esfera de governo, que o público não pode ser exclusivo do Estado ou do governo. Caso o fosse, se desdobraria num aspecto bem rígido, fechado, sem flexibilidade.

Sendo assim, à política pública cabe garantir a participação social, gerando um comum, admitindo-se a multiplicidade composta por diferenças. Assim, o comum é produzido através de experiências de diferenciação e não de identidade. O comum aqui se entende como sendo político e advém da experiência de cruzamento de suas várias forças de composição, nos encontros entre nós dentro de uma rede. Somos afetados pelos outros e não por nós próprios. Veremos como essa noção de encontro e de afetabilidade nos será crucial para a determinação da entrada da corporeidade como eixo central deste trabalho.

Segundo Barros e Pimentel (2012), o comum define-se como:

“(...) abertura ao Outro, composição de singularidades, acolhimento à multiplicidade, capacidade de diferir. É alargamento da capacidade de comunicar, de associar, compartilhar, forjar novas conexões e proliferar redes e tem, como condição, a abertura para a multiplicidade de encontros que não se fecha a um conjunto de pessoas” (BARROS; PIMENTEL, 2012, p. 12).

Através do que pude experimentar nas vivências que trago para o cerne desta dissertação, sinto ter sido performado um modo de experimentação de uma política, um público e um comum.

“Então, pra mim, eu fiquei super a vontade, eram exercícios que eu conhecia, né, enfim. Já por muitos anos tive essas experiências, mas ali tiveram um tom completamente diferente das experiências que eu já tive. E o tom foi, ali, numa equipe de trabalho diferente das que eu já tive nessas experiências, a gente estar carente naquela experiência.(...) Porque eu acho que foi isso, a possibilidade da gente se ver como um grande corpo, um corpo que tem as suas partes, que tem a sua heterogeneidade, mas que precisar operar enquanto um corpo constituído. Então eu acho que essa prática de aproximação, de proximidade, ao meu ver parte do lugar onde eu tava carecendo daquela experiência ali dentro foi nessa constituição de um corpo coletivo.” (Trabalhadora Social CAPS AD, 2017)

Vargas (2015) aponta que uma política, para se efetivar enquanto pública não precisar estar somente em relação ou vinculadas às racionalidades de Estado. Trazemos este trecho de depoimento a fim de afirmarmos o plano da experiência concreta dos coletivos enquanto política. O autor segue dizendo estarmos então diante de uma atitude que dá “passagem à tensão e, no limite, à perturbação que é constituinte de uma política como essa” (Vargas, 2015, p. 117), referindo-se às políticas normalizadoras e possivelmente disciplinares do Estado.

“O público não é um fato social estático e redutível a organismo, mas uma variação, uma tendência, um tornar-se (...). A multiplicidade, no público tende a se tornar contemporaneamente molecular e imediatamente coletiva e assumir a forma de fluxo, da variação, da velocidade. (...) O público só poderia ser regulado e controlado em um espaço aberto; é preciso controlar os fluxos, enquanto tais, através dos elementos que o constituem/; tempo, velocidade, “ação à distância”. (Lazaratto, 1998, p. 86, apud Ribeiro, 2016, p. 38).

As oficinas de práticas corporais se assumiram como uma ação pública de formação e cuidado dos trabalhadores sociais, que serviu para consolidar e poder encarnar outra forma de acesso às experiências de trabalho. Elas partiram do acesso primeiro ao plano do comum, se agenciando ao que se compôs mais por “ações da bandidagem” (Vargas, 2015, p. 119) do que a essa perspectiva de um interesse pedagógico neoliberal, não houve interesse em se auto-formar.

Assim, seguindo as indicações de Vargas (2015), sustento essas “ações de bando” como possibilidades Práticas de efetivação de uma Política Pública na formação em Saúde.

4.4 Parar e Reparar a Realidade Transversal

O projeto de pesquisa para a seleção de mestrado foi elaborado no primeiro trimestre do ano de 2016, momento em que me preparava para encerrar meu período de trabalho no CAPS AD. Acho importante destacar que esta saída se deu por conta da impossibilidade de me manter nesse campo de prática diante das condições, sobretudo trabalhistas, que se instauraram na rede de saúde mental de Niterói.

Assim, nessa rede, por mais de 10 anos se estabeleceu um regime de contratação por RPA (Recibo de Profissional Autônomo), tipo de vínculo apenas concebido legalmente como contratação temporária de trabalhadores (até no máximo 6 meses). Cerca de 90% dos trabalhadores da rede de saúde mental deste município se

encontravam nesta situação. Neste tipo de “contratação”, não há nenhum contrato registrado por escrito, não há qualquer benefício trabalhista oferecido (auxílio-transporte, auxílio alimentação, décimo-terceiro salário, férias negociadas a cada vez), os salários tinham seus valores extremamente defasados, dentre outros fatores muitos pontos de precarização.

O contrato temporário passa a vigorar enquanto regime estabelecido pela prefeitura e pela secretaria de saúde no município de Niterói. Nessas condições, tínhamos uma rede quase que inteira (Hospital Psiquiátrico de Jurujuba, 5 ambulatórios, 2 CAPS II, 1 CAPS AD, 1 CAPSi, Centro de Convivência e Oficinas Integradas, Programa de Redução de Danos, Equipe de Atenção a Infância e Adolescência (ERIJAD), Unidade de Acolhimento Infanto-Juvenil (UAI) funcionando a partir desse lugar que é conferido ao trabalhador.

Autônomo? Qual a autonomia possível num regime de subserviência como este? Não tínhamos direito sequer a uma declaração de comprovação de experiência pelos períodos de trabalho, já que tal declaração constaria como prova de que houve vínculo empregatício. Caso fosse necessário, a declaração oferecida deixava claro que os serviços prestados eram em caráter “esporádico”. Os salários referentes ao mês anterior eram pagos regularmente no final do mês seguinte, sem justificativa ou qualquer data prevista, mesmo sob pressão. Por vezes, chegamos a ser descontados sem quaisquer esclarecimentos da gestão, apesar da mobilização dos trabalhadores nesse sentido. Há investigações comprovadas de desvio de dinheiro por parte de determinados setores da gestão financeira do município, constantemente denunciados pela Associação de Usuários, Familiares e Amigos da Saúde Mental de Niterói (AUFA).

Somando-se a isso, temos o gradual desmonte da Rede diante da precariedade de repasse de recursos e de investimentos por parte da Prefeitura, que foi contribuindo para o sucateamento cada vez maior da Rede de Saúde Mental, esta que já foi referência nacional na área. Como poder aplicar e sustentar os princípios da Reforma Psiquiátrica?

Os usuários do serviço, por sua vez, sofrem diretamente com tais prerrogativas de desmonte, tanto pelas consequências que tal contexto promove na atenção e no cuidado, quanto pela perda significativa de direitos e alguns benefícios, como o passe livre ou o vale social e fornecimento de medicamentos que com frequência, era e ainda está severamente comprometido.

Durante os 2 anos e meio de minha passagem pelo CAPS AD, acompanhei e ajudei a compor o crescimento e força do movimento de trabalhadores e usuários da

rede de saúde mental de Niterói - Fórum de Trabalhadores (FTSMN) e Associação de Usuários, Amigos e Familiares da Saúde Mental (AUFA). Construimos um corpo coletivo potente que foi inventando resistências possíveis diante do atropelamento que vínhamos sofrendo. Mas de novo, é importante dizer que nada disso não foi sem dificuldades.

Sustentar um corpo de luta não é tarefa fácil e este mesmo corpo tem suas potências transversalizadas nos diferentes campos: no trabalho de cuidado, nas relações de trabalho, nas relações com as coordenações, nos espaços de reunião dos movimentos políticos. O que marca a construção deste corpo?

“Tem a militância, mas é isso que a gente tá falando, que a militância é sustentada por essa rede afetiva. Senão é impossível, é uma agonia. É por essas redes que a gente vai conseguir se criar.” (Trabalhadora Social OCUPA SUS RJ, 2017).

Nosso movimento pela regularização dos vínculos de trabalho, pela qualidade na assistência e contra o desmonte da rede, tentou inclusive conquistar e ocupar um lugar de co-gestão e participação junto a coordenação de saúde mental, com reuniões mensais entre representantes do Fórum de Trabalhadores e a Coordenação de Saúde Mental. Um espaço difícil de ser sustentado e que foi em poucos meses se esvaziando por um desinvestimento de ambas as partes envolvidas.

A mobilização de trabalhadores e usuários apenas conseguiu chamar a atenção da gestão para suas pautas, na medida em que “interferimos” nos planos de construção pela Prefeitura de Niterói do Túnel Charitas-Cafubá, uma obra que há tempos estava no papel e que de acordo com o seu projeto original, o túnel passaria por dentro do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba. Diante desta “invasão bárbara” ao território de cuidado, invadimos o Hospital de Jurujuba, ocupamos seus corredores e espaços. Todos (cerca de 100 pessoas) de mãos dadas, passando pelo hospital, cantando e unindo-nos até uma grande performance de ocupação do território em frente ao Hospital. Conseguimos com muito custo a cobertura da mídia e então fomos chamados para conversar.

Em suposta resposta ao movimento de trabalhadores e usuários, que inventou e reinventou seus mecanismos de luta e contágio, a prefeitura lança mão – dentre outras coisas - de um edital simplificado de contratação temporária (período de 2 anos, renovável por mais 1 ano). Os salários, extremamente defasados ainda. Os benefícios de

13º salário e férias remuneradas estariam contemplados nessa contratação. Vitória? Talvez.

Considerando que, uma rede cujo vínculo trabalhista é de tamanha precariedade, o que vemos é a geração de uma rotatividade enorme de trabalhadores. Diante dos requisitos exigidos pelo edital em conjunto com a fragilidade de permanência dos profissionais na rede, o Fórum de trabalhadores fez uma análise que indicava que a grande maioria dos trabalhadores seriam quase todos demitidos para que novos selecionados formassem as equipes da rede. E foi isso que no curso de 12 meses foi acontecendo. Minha demissão voluntária do CAPS AD se deu nesse momento.

Atualmente, a Rede foi em sua maioria substituída por outros profissionais, muitos dos quais – não todos e isso é muito importante ser mencionado – não possuíam experiência direta em saúde mental (apesar da necessidade de comprovação no momento da seleção). Alguns trabalhadores ativos na rede foram chamados a ocupar cargos de coordenação, já que os movimentos de demissões voluntárias começaram a ocorrer e afinal, uma renovação como esta precisaria de pessoas que conhecem a rede para que os serviços possam minimamente permanecer de portas abertas nessa transição.

Há um novo quadro que se desenha aí. Os usuários, já acostumados com a grande rotatividade de profissionais diante das péssimas condições oferecidas, vão também manifestando os efeitos dessa instabilidade. Estamos na saúde mental, os encontros e os vínculos são operadores de cuidado. É difícil mesmo poder dizer que nossa luta é de afirmação de que “saúde é vínculo”⁷⁴, de que tanto trabalhadores quanto usuários não são peças descartáveis de uma máquina. Mesmo com a impossibilidade legal de incorporar esses trabalhadores na época ativos à rede, entradas e saídas precisam se também cuidadas. A saúde mental é para todos, por todos, de todos. Os efeitos de adoecimento nesses atores sociais são experimentados constantemente, podendo às vezes até aparecer velado, mas aparece. Será possível reparar?

Essa contextualização se faz extremamente necessária, pois acredito que ela seja um importante elemento que atravessa a minha aposta. Soma-se ao corpo de luta ao qual me referi anteriormente quando falei sobre os trabalhadores na militância do Fórum, a construção de corpo de trabalho, corpo de vida, corpo de práticas. Essas construções se fazem necessárias ao apostarmos em um campo de saúde mental e de promoção de

⁷⁴ Um dos slogans do movimento de militância dos trabalhadores, usuários e familiares foi justamente este.

cuidado ancorados por uma ética sustentada pelos aspectos sensíveis e por práticas de liberdade.

“Então, a minha experiência ali naquele momento não foi no sentido “nossa que interessante abraçar meu colega, olhar no olho”, mas sim, “poxa, que bom essa prática integrativa num momento que a gente tá precisando se fortalecer e a gente tá precisando constituir um corpo enquanto equipe.”
(Trabalhadora Social, CAPS AD, 2017)

Acredito na produção de um corpo de resistência frente aos rolos compressores da promoção de uma suposta saúde inserida na lógica capitalista. Não podemos esquecer também os atravessamentos da conjuntura atual do Brasil, sobretudo a partir do golpe em que estamos inseridos e os impactos disso nas políticas públicas de saúde e manutenção do sistema de saúde universal.

Merhy (2004) constrói um pensamento em torno da necessidade de se pensar em ferramentas disparadoras de situações auto-analíticas se quisermos de fato sustentar nossas diretrizes metodológicas nas quais o pesquisador não é de forma nenhuma isento e neutro na pesquisa.

No caso desta pesquisa, muitas vezes me foi apontado, inclusive na banca do exame de qualificação, os perigos da sobreimplicação e do estilo bastante pessoalizado e muitas vezes queixoso das minhas análises. Isso de fato precisa ser abordado diante dos caminhos de análise de implicação, os quais a todo momento atravessam a pesquisa e minha posição nesses lugares atravessados de pesquisadora, trabalhadora, militante e artista.

Encontro na fala de Merhy um disparador para articular transdisciplinarmente estes lugares de implicação quando este afirma que nas novas situações de pesquisa que estamos encontrando, incluindo sobretudo as pesquisas em saúde, “(...) a conformação do trabalhador como sujeito epistêmico, está marcada pressupostamente pelo seu lugar como sujeito militante implicado.” (Merhy, 2004, p. 2).

A verdadeira motivação para a pesquisa veio da importância em se afirmar o lugar militante como necessário de se ocupar e de se reconhecer. Mas ao mesmo tempo me pergunto como se dão esses processos de construção do conhecer militante do sujeito implicado e qual a sua validade enquanto produção de conhecimento, reconhecimento e práticas de saúde.

Na experiência que vivenciei como trabalhadora do CAPS AD, sob um contexto de precarização trabalhista severa, somando-se às próprias dificuldades em se promover políticas e práticas de saúde no campo da saúde mental, especialmente no que se refere

aos usuários de álcool e outras drogas, o lugar militante se presentifica para mim como um respiro, uma possibilidade de poder ver espaço para criação de estratégias, ferramentas e dispositivos. E se reconhecer nesse espaço só se faz possível na medida em que o lugar militante se faz no coletivo.

A princípio, foco na tentativa de poder tanto elaborar os efeitos da precarização dos processos de trabalho na saúde mental nos próprios trabalhadores, quanto poder dar destaque aos movimentos de organização de trabalhadores, dentro e fora dos serviços, que por muitas vezes são tomados como atividades paralelas ou mesmo insignificantes.

Nesse caminho, escolhi o corpo como um grande intercessor para essa aposta investigativa. Para mim que tenho um percurso de práticas, pesquisas e trabalhos com o corpo, como artista e como psicóloga, é quase que natural trazê-lo sempre para a cena.

“Na equipe anterior, (...) quando tentava, eu via uma certa, não é insatisfação, uma certa, como se fala...irritação. Quase uma irritação, sabe? Monte de coisa pra fazer, pra pensar, pra discutir e a gente tá aqui perdendo tempo com isso. Então eu até via que muitas pessoas quando sabiam que ia ter atividade (...), chegavam até mais tarde pra não participar.”
(Trabalhadora Social, CAPS AD, 2017)

Contudo, o que fui percebendo é que é preciso fazer notar o corpo, fazer reconhecer-se num corpo, fui notando que para nós trabalhadores da equipe do CAPS, é importante **saber-se corpo**. Um corpo que adoce pelas mais variadas causas e cujo adoecimento é quase sempre o primeiro a ser notado, o primeiro a dar sinais de vitalidade. Mas o corpo encontra sempre outro corpo, está em relação e isso também gera efeitos. Efeitos de doença, de movimento, de angustia, de paralisia, de alegria, efeitos de limites, efeitos de contágio, efeitos de ser e estar corpo. (Martins Filho e Narvai, 2013).

4.5 Curva Trabalho

Nessa dissertação, trago três pontos que, para mim, são essenciais de serem mantidos, preservados e, sobretudo, evidenciados:

1. A precarização do trabalho, seus efeitos na subjetividade e as forças que aí se colocam.
2. Nossas formações podem se restringir a serem formatações, onde a valorização da racionalização e do tecnicismo imobilizam, individualizam, não deixam respirar, curvar.
3. Formar é cuidar, cuidar é formar. Essa é a minha concepção de Saúde no Trabalho.

Tendo em vista esses 3 pontos destacados, a escolha que fiz para escrever a dissertação tem o corpo como o grande “elemento” entrelaçador destes pontos na medida em que é sobre essa superfície, esse contorno, esse território que é o corpo onde se desdobram as relações implicadas no trabalho, na formação e no cuidado. Operamos curvas e desvios nas noções de formação e cuidado nessa entrada e agora, cabe uma aproximação adentrar ao campo do trabalho em saúde.

Nesse chão, acredito que a precarização não advém somente da lógica do trabalho tomado como atividade que se realiza. Essa lógica oferece riscos, tensões e desafios que podem ser reconhecidos e evidenciados pelos trabalhadores. Todas as atividades de trabalho encontram essa vertente de desafios que se colocam pela precarização. Aqui, opto por evidenciar a precarização das relações de trabalho na saúde mental pública de Niterói, em suas especificidades relativas aos vínculos de trabalho dos profissionais e as relações de tensão com a gestão municipal em torno desta questão.

A lógica de contratação dos trabalhadores de Niterói já era de partida precarizada. Precariza-se a força de trabalho, terceirizando-a. Com vínculos trabalhistas extremamente fragilizados entre contratante e contratados, sem o oferecimento de benefícios, retira-se qualquer possibilidade de o trabalhador ter garantido seus direitos e seu reconhecimento institucional.

Destaco aqui, que a terceirização encerra com a possibilidade de reconhecimento deste trabalhador no processo de trabalho, na gestão do trabalho e das práticas de trabalho. Os profissionais passam a serem considerados como uma peça a mais numa engrenagem maquina, podendo a sua presença ser facilmente substituída por outra, a qualquer momento. Desta forma, a partir da precarização e do não reconhecimento do trabalhador pela gestão, encontramos efeitos subjetivos, efeitos de corpo, efeitos no corpo precarizado no contexto dos processos de trabalho.

“Estresse de trabalho é que o funcionário não aparece. E aqui no CAPS eu vi uma diferença, assim no tratamento até mesmo da coordenação com o funcionário. O funcionário ele aparece, ele é visto. E lá no hospital ele não aparece, ele não é cuidado, ele só cuida.” (Trabalhadora Social, CAPS AD, 2017)

Diante da realidade que vai se consolidando a partir do processo de impeachment da Presidente Dilma Roussef e a consequente tomada de poder por Michel Temer e sua equipe, torna-se mais evidente que direitos e garantias trabalhistas correm na contramão dos formuladores de políticas públicas. Essa é e sempre será uma luta permanente.

Assim como as garantias do SUS Estatal, gratuito, de qualidade estão ameaçadas de vez. Esse tipo de precarização a que me refiro quando falo da Rede de Saúde Mental de Niterói, que vem sob a forma de terceirização da força de trabalho se evidencia nos governos passados certamente. A luta de fato vem sendo constante. Trata-se de uma lógica, um sistema a combater.

A lógica neoliberal de capitalismo financeiro aparentemente sustenta e comporta a dimensão subjetiva no trabalho, apoderando-se dela e estimulando os trabalhadores a agirem sempre como mais produtivos, mais inovadores, mais estimulados, controlando suas ações.

Obrigo-me a dizer, contudo, que os golpes macropolíticos aos quais estamos sendo submetidos adquiriram uma magnitude tão ampla nos últimos 2 anos, que sustentar um discurso e uma prática tal qual estou propondo e analisando na dissertação - baseados na afirmação de que o corpo e o sensível precisam ser reconhecidos enquanto estratégia (política, subjetiva e de resistência) de cuidado e de formação permanentes no trabalho - parece não fazer nenhum sentido.

Os impactos na saúde pública são tantos que muitas vezes nos vemos acreditando ser impossível articular estratégias para resistir. Em Niterói, não haviam garantias que nos mantivessem nos empregos, os salários continuavam defasados, atrasados e às vezes não pagos, os direitos permaneceram não consolidados.

No que se refere ao contexto das pessoas que trabalham na saúde pública, e mais precisamente na saúde mental, o trabalho se insere diretamente no sofrimento destes trabalhadores, destas pessoas. Nesse caminho me pergunto: Quais as estratégias subjetivas que se possibilitam nesse contexto?

“(...) a subjetividade dos trabalhadores é vista, no mínimo, com desconfiança enquanto a dos dirigentes é valorizada. Logo, não se trata na realidade de perguntar se a subjetividade é fundamental ou não hoje, uma vez que ela está sempre presente, mas qual é o lugar que ocupa e que importância tem no contexto atual” (LANCMAN; UCHIDA, 2003, p. 79).

Trago em destaque o contexto atual brasileiro e não posso deixar de também trazer a luz dessa discussão os próprios fios condutores que sustentam o capitalismo enquanto sistema e lógica de poder para articular as questões das possíveis relações entre corpo, trabalho, cuidado e formação no trabalho que trago na dissertação.

Pelbart nos alerta para as relações entre poder e vida no contexto contemporâneo na medida em que o poder tomou conta de todas as esferas da existência. Diz que “ao

reduzir a existência ao seu mínimo biológico, o biopoder contemporâneo nos transforma em meros sobreviventes” (Pelbart, 2008, p.28).

O autor nos oferece uma definição de poder citando alguns de seus exemplos: as ciências, o capital, o Estado, a mídia. No entanto, a própria lógica do poder encontrou outros modos de avançar e nesse sentido vai se infiltrando em todas as esferas da vida, na inteligência, na criatividade, no corpo, na subjetividade, no sofrimento, na percepção, na sensação, no pensamento, na criação. O poder é rizomático, capilarizado, invade e pode tomar conta da vida. Estamos diante de uma dimensão de controle e monitoramento.

O que nos resta? Qual a luta possível? Resta-nos lutar para sobreviver?

Essa luta pela sobrevivência já é um efeito direto do biopoder, inserindo-se na lógica de acumulação própria ao capitalismo. Acumulação de capital? A vida torna-se então um bem a se acumular?

“Tomemos apenas um exemplo. O capital precisa hoje não mais de músculos e disciplina, porém de inventividade, de imaginação, de criatividade, de força-invenção. Mas essa força-invenção, de que o capitalismo se apropria e que ele faz render em seu benefício próprio, não só não emana dele, como no limite poderia até prescindir dele. É o que se vai constatando aqui e ali: a verdadeira fonte de riqueza hoje é a inteligência das pessoas, sua criatividade, sua afetividade, e tudo isso pertence, como é óbvio, a todos e a cada um. Tal potência de vida disseminada por toda parte nos obriga a repensar os próprios termos da resistência” (PELBART, 2008, p. 58)

Partindo da experiência no CAPS AD de Niterói, refletindo o panorama nacional no campo da saúde mental, as perguntas que mais se colocam para mim são sobre quais os espaços possíveis para a emergência dessas práticas. Quem as conduz? De que forma se cria esse campo?

Não estamos aqui falando de políticas públicas apresentadas por uma gestão, por uma coordenação, por uma determinação do Estado, por determinação da organização privada, por uma Lei, por uma portaria. Trabalho não precisa significar submissão a organizações autoritárias e verticalizadas. Trabalho é prática. Prática constitui o trabalho como produto de formas de se relacionar com as situações na história e no tempo. (Barros, 2014).

O trabalho em saúde nos confronta o tempo todo com os ditos jogos de verdade a que nos referimos acima. Nesses jogos é que nos diferenciamos. São lutas de reafirmação da vida. A cada encontro com um usuário, a cada entrada num serviço, a cada telefonema, a cada prática de grupo, a cada discussão de caso, a cada olhar que se

troca nos corredores, a cada laudo, a cada momento em que você consegue parar para beber água, a cada momento e que você se desloca até uma sala sem luz para atender, a cada momento em que você precisa amparar um usuário em situação de urgência.

Tudo nos coloca em relação. O cuidado, a saúde, a clínica são práticas de relação, pautadas sim por dimensões mais endurecidas, de técnicas rígidas e protocolos fechados. A realidade, as práticas, os indivíduos e coletivos estão sempre atravessados por linhas duras, mas também por linhas flexíveis. Estes diferentes vetores de forças convivem entre si, suas relações vão produzindo os diferentes modos de vida que podemos experimentar.

Nesse caminho de relações e encontros, destaco neste momento um espaço já institucionalizado e enrijecido que é e/ou pode ser o espaço da reunião de equipe e de supervisão. O que se produz? Espaço de cuidado? De que? De quem? Como?

“(...) eu acho que é uma oportunidade de você estar, com relação ao paciente, você tá falando de algum paciente, conhecendo mais o paciente, falar das necessidades daquele paciente e até mesmo as nossas necessidades para com aquele paciente, um espaço mais pra isso, de você estar falando, estar se comunicando (...)”. (Trabalhador Social, CAPS AD, 2017)

Quais são as situações de trabalho que aparecem neste espaço?

Situações de relação. Qual relação? Tantas possíveis. Relações com os usuários, com a equipe, com a instituição, com a cidade, com a droga, com tudo e qualquer coisa que pode atravessar e atravessa com força um serviço de saúde para usuários abusivos de substâncias.

Optamos então, falar em **processos de trabalho**, na medida em que entendemos que estamos diante de um engajamento do corpo na sua infinita capacidade de relação com o mundo. Processos de corpo. Que corpo? Qual corpo? Temos corpo?

“Quanto menos se puderem criar formas de trabalhar compatíveis com nossa potência vital inventiva e transformar os ambientes laborais a partir de projetos coletivos engendrados pelos trabalhadores, maiores são os desafios.” (Barros, 2014, p. 135).

No campo de construção de formas de trabalhar compatíveis com nossa potência vital inventiva, Barros (2014) afirma a necessidade de se promover uma análise cuidadosa do processo e das relações de trabalho, mais especificamente a relação entre trabalhadores.

Opto pela transmissão de determinadas práticas e experiências que se configuraram no ambiente de trabalho de uma equipe multiprofissional, talvez percorrendo caminhos de análise dos processos de gestão de trabalho.

A concepção tradicional de gestão consiste na organização do processo de trabalho atrelado aos mecanismos gerenciais-organizacionais. Aqui, seguimos as indicações de Benevides e Barros (2007) ao propor que pensar em gestão não precisa estar apenas se referindo à organização, mas sim, poder incluir também o que se passa entre os **vetores-dobras** que constituem o processo de trabalho, na clínica, no cotidiano das relações.

Por gestão incluímos o que se passa entre os sujeitos (desejos, necessidades, interesses), os processos de trabalho (saberes), o poder (modos de estabelecer as relações) e as políticas públicas (coletivização dessas relações). Sendo assim, a atividade (trabalho) e gestão da atividade não se separam (Benevides e Barros, 2007).

E é importante firmar que há sempre modos de gestão informal. Assim é como vejo o trabalho no CAPS AD. Uma experiência de gestão informal horizontal. Práticas que surgem para regular o que surge de surpresa. Esse é o movimento vital.

Mas e se o que surge de surpresa for precarização? E se a surpresa não é surpresa e sim uma situação que se arrasta por mais de 10 anos e refere-se a 95% dos trabalhadores da rede de saúde mental de Niterói?

Barros (2014) fala do cuidado em saúde como atividade de trabalho. Cuidado nos remete sempre a uma dimensão do “comum” (Barros, 2014, p. 138), do construído junto com o outro, sendo assim, o cuidado é sempre uma construção coletiva.

Como desenvolver processos de trabalho em saúde como uma ética do cuidado nas ações também de saúde?

Falar aqui da precarização do trabalho implica em incluir a realidade subjetiva vivida pelos trabalhadores, condição de produção de subjetividade na qual as perdas de garantias, de direitos, de proteção, provocam desestabilizações nas condições materiais e subjetivas dos trabalhadores.

Nesse item, expus argumentos que nos permitem afirmar que a nova forma de acumulação neoliberal cria um desemprego estrutural e dessa forma, tanto os que não têm emprego como aqueles que o têm, estão sujeitos a sofrimento. A ameaça da demissão ronda a cabeça daqueles que permaneceram empregados. Os gestores por sua vez, passam a utilizar-se dessa possibilidade como modo de administração vidas, gerando um ambiente cuja pressão é frequente.

Então, diante do imobilismo nos processos de trabalho em saúde mental para o qual apontei no início deste item, ofereço essa aposta nas práticas sensíveis entre trabalhadores sociais da saúde mental por acreditar serem estar um modo possível de conduzir os trabalhadores a se apropriarem ativamente sobre o próprio trabalho, sobre o processo de trabalho.

Assim, encontramos abertura para uma reconstrução coletiva do trabalho, podendo questionar nossas imobilidades nas práticas, nas técnicas, nos conceitos, problematizando as mobilidades e imobilidades desses corpos trabalhadores precarizados. Aqui, práticas de cuidado, através destes espaços de formação permanente sensível que apontamos nessa pesquisa, podem abrir linhas interessantes para uma cartografia da ética do cuidado em saúde, pensando o cuidado como prática de liberdade (Foucault, 2004).

Portanto, ao produzirmos essa curva no campo do trabalho, desviando-o do lugar comum, produzimos um **trabalho comum**, seguindo as indicações apresentadas por Benevides e Barros (2014) no início deste item.

Uma curva então é entendida como a possibilidade de um novo horizonte, uma dobra. Essas ideias nos remetem às análises de Foucault (2004) acerca da estética da existência. A estética da existência se articula aos modos de subjetivação entendidos como experiências do governo de si mesmo. Ela consiste em um processo de construção de si mesmo, no sentido de fazer da vida uma obra de arte.

“Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam em regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo” (FOUCAULT, 1999, pp. 17-18)

O que há são desvios que procuram provocar uma fissura no limite estabelecido, na realidade produzida e normalizada pelo poder, mas no próprio exercício do poder. A dobra é a proliferação dos sentidos, multiplicidade da experiência.

Poder experimentar outras formas de trabalhar, investindo no “tempo-potência” a que se refere Maurício Lazzarato (1998, apud Ribeiro, 2016, p. 39), nos permite experimentar a constituição da multiplicidade do corpo em “força-trabalho” (idem). As oficinas de práticas corporais seriam minha aposta nesse investimento em espaços-tempo outros no trabalho.

Ribeiro (2016) nos diz que para Lazzarato, o corpo regulado é um dos modos de disciplinarização no capitalismo atual, contudo, o maior mecanismo de controle deste

está no tempo. Controlar o tempo significa separar tempo de vida e tempo de trabalho. Temos sempre que estar fazendo alguma coisa, produzindo. Dessa forma, o aspecto criador como tempo-potência, se captura, perde força.

Com as oficinas de práticas corporais inaugura-se um tempo-espaco outro onde o acesso sensível e vibrátil cria intervalos possíveis de experiências criadoras. A ampliação das possibilidades de escuta do corpo e seus saberes promove um movimento de produção de saber pelos trabalhadores sociais, tomando um tempo para parar e reparar nas suas práticas e em seus encontros a partir dos atravessamentos de suas sensações, emoções. As produções decorrentes disso possibilitam performatizar a experiência de trabalho na saúde mental, a experiência de ocupar um prédio público, a experiência de compor um movimento social, a experiência militante de um trabalhador social implicado, que se reconhece e pode ser reconhecido enquanto tal.

Os processos disparados pelas práticas corporais com trabalhadores sociais me indicam que os saberes do corpo em experimentação coletiva que são ali “ativados” contêm a dimensão de um saber implícito que engloba a comunicação não-verbal, os movimentos corporais, as sensações e também incluem afetos e palavras. Introduzir essas dimensões na formação de profissionais cuida, mobiliza, poetiza, faz criar, e introduzem um fazer micropolítico com o corpo, uma micropolítica do corpo. Reinventar o trabalhar, o agir, o aprender, o cuidar, o resistir, o relacionar, o sentir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação partiu de minha percepção acerca do território atravessado de experiências e práticas em que me engajei até agora como estando apoiados numa concepção de cuidado onde estão implicados o encontro com o outro e a promoção de um trabalho de produção necessariamente coletiva de forças. Como psicóloga, bailarina e educadora, encontro um denominador comum a estes modos a experiência com o corpo, direta ou indireta, e seus atravessamentos, apontando-a como um vetor dos mais potentes de transformação social e subjetiva.

O aspecto sensível e intensivo do corpo, tomado então como agente de transformação e produção subjetiva individual e coletiva, parece encontrar cada vez menos espaço no cotidiano e não é diferente no campo das práticas de cuidado.

Ao longo do processo de mestrado tive confirmada a experiência encarnada em meu corpo de pesquisadora de que os atravessamentos sensíveis no curso de uma história fazem do pensamento uma construção a partir das marcas. O meu pensamento se constrói por minhas marcas. Passo a perceber o quanto minha própria experiência na dança, nas danças, no dançar, deu movimento ao meu pensamento, numa perspectiva criativa, através desses espaços potenciais de troca ao dançar. Poder inventar relações, com a dificuldade que sempre nos interpela é uma forte descoberta.

Trago na primeira entrada da dissertação, minhas implicações enquanto pesquisadora, enquanto profissional de saúde, enquanto militante, e enquanto cidadã brasileira às voltas com todos os acontecimentos que me atravessam, promovendo um marco, sobretudo, a partir do ano de 2013 no Brasil.

O que me moveu e me move a poder evidenciar outras possibilidades de acesso ao universo sensível é a necessidade que se impôs a mim de poder sentir, sentir o que estava me acontecendo. Diante dos velozes e furiosos ritmos intensivos que as formas do capitalismo atual nos colocam enquanto sujeitos vivos, de produção, não havia possibilidade de poder sequer registrar isso que me afeta. A aposta no mestrado veio daí. Busquei articulações existentes entre corpo e política no campo do cuidado em saúde mental e em seus processos de formação.

Trouxe aspectos experimentados por mim, formalizados sobre a Metodologia Angel Vianna de Conscientização do Movimento junto a outras práticas corporais de educação somática, em oficinas junto aos usuários, aos trabalhadores sociais do CAPS AD do Município de Niterói e também junto aos trabalhadores sociais em movimento

de ocupação de prédio público, OCUPA SUS RJ, amparando-me neles por acreditar termos aí a formulação de uma maneira bastante singular e autêntica de lidar com o corpo no contexto do trabalho, abrindo-se para uma utilização deste corpo que não fosse nem só pedagógica e artística, mas também terapêutica e formadora.

Ao longo do texto, me utilizo do termo trabalhador social (Guattari e Rolnik, 2013) para me referir aos profissionais de saúde (e a mim também) por encontrar nele um modo de abordar as implicações de trabalhadores marcados por seu lugar de “sujeito militante implicado”, que se reconhecem e podem ser reconhecidos enquanto tal. Desse modo, o trabalhador social é aquele implicado no campo das práticas que experimenta, nas ações cotidianas que vive, entendendo-as como integrantes da dimensão política de seu trabalho. Nesse lugar são engendradas produções de conhecimento extremamente potentes para pensarmos o cuidado em saúde.

Ao escrever, compor (corpor) esse texto, engajo-me em um movimento de ir e vir nas durezas e fluidez e assim, encontrei alguns caminhos. Nesse sentido, criei uma superfície comum no desenvolvimento de minha pesquisa. Procurei misturar linguagens na pesquisa, em minhas apresentações e oportunidades de transmissão de ideias. Ensaiei dispositivos de escrita, apostando que a aberrância neste processo de pesquisa foi o exercício de criação de um arsenal de conceitos afeto-perceptivos na tentativa de construir uma superfície comum e porosa para as experiências de quem está a ler, produzindo ideias e corpos que se fazem constantemente e simultaneamente.

Segui na direção indicada por Deleuze (Deleuze e Guattari, 1992) quando nos diz ser a arte um plano de pensamento traçado pelas sensações. Avancei e propus a dança como campo onde movimento e corpo se engajam de múltiplas maneiras, nas possíveis reverberações nos planos entre seus gestos e seus processos de produção. Há um corpo que se inventa no trabalho da dança, há um corpo que se inventa na produção de saúde e por elas me debrucei e ainda me debruço.

Essas composições com a dança se evidenciaram para mim como potentes pistas na direção de afirmar a importância em construir processos que possibilitem a criação de práticas de formação de trabalhadores junto à produção de cuidado e promoção de saúde no campo do trabalho. Escolhi falar em **Corpos em Trabalho**.

Escolho visibilizar linhas de fuga, nas práticas, nos encontros e nos efeitos de coletividade desses corpos em trabalho, nesses trabalhadores sociais em movimento de criar corpos. Além de meus testemunhos pessoais, trouxe dos encontros com

trabalhadores do CAPS AD e do movimento OCUPA SUS RJ, os efeitos que esse tipo de prática sensível e intensiva pôde promover.

Realizei rodas de conversas com os trabalhadores sociais que participaram das oficinas de práticas corporais a fim de discutirmos um pouco sobre os efeitos dessas experiências. Esses encontros foram registrados, assim como há registros da época de sua ocorrência os quais utilizei como material de análise. Ao longo da dissertação, fiz uso de trechos das falas produzidas nesses encontros como afirmação de modos de produção de saber pela experiência, um modo de dar importância a esses saberes assim como os saberes produzidos pelos interlocutores teóricos escolhidos para me apoiar nas análises.

Trazer para o texto essas forças de corpo-fala geradas nas entrevistas provocou surpresa nos participantes e em mim mesma na medida em que pudemos nos surpreender com o que fomos produzindo na reativação de memórias. De fato, as experiências e acontecimentos, estão sempre se dando. Contudo, é preciso espaço para sentir, é preciso cavar espaço. Quando há investimento afetivo no corpo, há a criação de novos espaços-corpo.

Para tal, acredito ser preciso a construção de um plano comum. No momento em que me deparo com o desejo de desenvolver essa escrita sob a forma de um ensaio, crio um texto de movimento e experiência, convidando aos leitores a poderem, a partir de durezas, mover-se fluidamente e me ajudar a criar esse terreno conceitual afetivo sobre o qual preciso me debruçar.

Trouxe a “micropolítica do corpo” como um fazer que nos permite experimentar e sustentar o corpo em seu aspecto sensível e vibrátil, constituindo-se como espaço de abertura a outros possíveis e a múltiplas experiências. Através dessas ações micropolíticas, o corpo pode vir a escapar das tentativas de ser inserido como mais uma mercadoria a ser consumida.

O corpo é um espaço de entrecruzamentos e atravessamentos que nos obriga, nos movimenta e nos permite experimentar outros modos de relação com o espaço com o tempo. Abordei a partir de Ribeiro (2016) em suas formulações junto ao trabalho de Mauricio Lazaratto, o tempo-potência como principal mecanismo de controle de corpos pelo capitalismo atual. Essa captura separa o tempo de vida e tempo de trabalho. Temos sempre que estar fazendo alguma coisa, produzindo. Dessa forma, o aspecto criador como tempo-potência, se captura, perde força.

Com as oficinas de práticas corporais inaugura-se um tempo-espaço outro onde o acesso sensível e vibrátil cria intervalos possíveis de experiências criadoras. A ampliação das possibilidades de escuta do corpo e seus saberes promove um movimento de produção de saber pelos trabalhadores sociais, tomando um tempo para parar e reparar (Fiadeiro e Eugenio, 2012) em suas práticas e em seus encontros a partir dos atravessamentos de suas sensações, emoções.

As produções decorrentes desse movimento possibilitam performatizar a experiência de trabalho na saúde mental, a experiência de ocupar um prédio público, a experiência de compor um movimento social, a experiência militante de um trabalhador social implicado. Utilizo-me da noção de experiência como o acontecimento (Larrosa, 2016) que se dá no encontro, aquilo que nos acontece e movimenta.

Os processos disparados pelas práticas corporais com trabalhadores sociais indicaram que os saberes do corpo - abordados na segunda entrada a partir da noção de corpo vibrátil de Rolnik (2003) - quando em experimentação coletiva, são “ativados” através da dimensão de experimentação de um saber implícito (Stern, 2007), o qual por vezes, engloba uma comunicação não-verbal, a intuição, os movimentos corporais, as sensações. Os processos também disparam afetos e palavras representáveis, formatadas.

Introduzir as dimensões implícitas e vibráveis na formação de profissionais, trabalhadores sociais implicados traz a possibilidade de se cuidar, mobilizar, poetizar, fazer criar. Introduzimos um fazer micropolítico com o corpo, uma micropolítica do corpo. Reinventar o trabalhar, o agir, o aprender, o cuidar, o resistir, o relacionar, o sentir foram minhas direções de potência para resistir ao que nos imobiliza.

Na prática profissional nos serviços prevalece a especialização e o isolamento dos saberes, que em geral deixam de lado os saberes implícitos - ocultados e invisibilizados pelas práticas hegemônicas em saúde. A aposta foi trazer para o “trabalho social” os saberes implícitos e sua coletivização como prática cotidiana.

A experiência vivida no momento presente acarreta mudanças em um dado estado de vitalidade anterior – a vivência no momento do encontro e atravessada pelas intensidades servem de matriz para a construção subjetiva das categorias afetivas dos sujeitos. A produção subjetiva no momento presente é co-criativa e coletiva. Afirmo que nos processos de formação e cuidado no trabalho aos quais me refiro a partir das práticas que trouxe nesta pesquisa, as ideias de presentividade e de experiência subjetiva implícita no momento presente são fundamentais.

Construir um corpo em abertura, um corpo aberto, a partir de um corpo-fronteira, tendo a pele como superfície sensível de contato e troca é um dos elementos centrais deste trabalho. Todavia, a abertura do corpo pode também desencadear um esvaziamento pelo excesso das intensidades em jogo na experimentação. Coloca-se então a necessidade de manejar os impulsos e os desejos, fazendo-se necessária a **prudência** na experimentação.

Objetivei cartografar processos subjetivos ativados em experimentações coletivas através do corpo, afirmando-os como ações políticas, artísticas, na abordagem dos processos de trabalho e a formação em saúde mental. O acesso ao corpo pode advir tanto de práticas especificamente corporais quanto de práticas de produção de saúde no cotidiano do serviço, abertura para outros modos de escuta e cuidado.

Até aqui, fiz questão de falar sobre os possíveis. O possível corpo, os possíveis leitores, a possível banca, o SUS possível. O possível está por toda parte no texto. O ‘possível’ como quem procura ar, como nos diz Deleuze, o possível para não sufocar. “Um pouco de possível, se não eu sufoco” profere o autor referindo-se a atitude de Foucault de se lançar de forma tão surpreendente às questões dos modos de subjetivação.

Mas não é bem isso. Em uma conversa com um colega de mestrado, percebemos que talvez eu esteja tentando falar sobre o impossível.

No texto sobre o teatro de Deleuze, “O Esgotado” (Deleuze, 2010), ele toma o possível como sinônimo de alternativas já constituídas, como análise combinatória dos elementos. Se pensarmos, por exemplo, em uma questão de múltipla escolha, um problema matemático ao qual nos fornecem cinco respostas. Essas são as respostas possíveis. Nós as testamos, uma a uma, são as únicas respostas possíveis. Depois de testadas, elas se esgotam. O possível acabou.

Na ideia de uma **Formação Sensível Permanente** que apontamos nesta pesquisa, e mais especificamente na terceira entrada da pesquisa, está em causa o restabelecimento da capacidade de afetar e ser afetado, uma espécie de capacidade regulatória, em modulação plástica, que também seria uma *potência do não*.

Digamos, como alguém que sabe tocar um instrumento, pode tocá-lo de um modo, de outro, uma peça, outra... ou não tocar, de todo. Quem não sabe tocar qualquer instrumento, e por isso não o toca, não está exercendo uma potência, a potência de não tocar. É, quanto a isso, apenas passivo.

Logo no início do texto, afirmo a direção ética de que o corpo é a única

substância. Se assim for possível, mergulhar num campo de produção de cuidado - que é também manejo do/no sofrimento - sem modos de ativação destas regulações do corpo, sem canais de expressão, se torna muito temerário. O desenvolvimento desta plasticidade deveria ser o eixo de qualquer formação em serviço e que, no entanto, precisa estar sustentada.

Na dissertação, proponho um processo de formação que envolve o cuidado, as experiências cotidianas e aí, o corpo entra como uma maneira de ampliar a percepção da experiência. Em alguns momentos da pesquisa, trato do cuidado, em outros da formação. Não estou criando uma técnica, mas refletindo sobre a relação entre corpo, formação, cuidado, onde a minha experiência junto aos trabalhadores sociais se afirma como algo a se visibilizar e sustentar meus argumentos.

Afirmo uma micropolítica ativa onde a ação desejante é um processo de criação de modos orientados pelo saber do corpo, formas de abarcar a dimensão micropolítica de resistência através da ampliação da escuta do saber do corpo. Nesse caminho de resistência, o devir revolucionário que advém daí seria aquele cujo modo de subjetivação é impulsionado pelas irrupções e afectos que nos chegam pelo saber-do-corpo, impulsionando a reinvenção da realidade.

O que pude perceber foi a necessidade de se fazer notar o corpo, fazer reconhecer-se num corpo, fui notando que para nós trabalhadores da equipe do CAPS AD, foi importante saber-se corpo. Um corpo que adocece pelas mais variadas causas e cujo adoecimento é quase sempre o primeiro a ser notado, o primeiro a dar sinais de vitalidade. Mas o corpo encontra sempre outro corpo, está em relação e isso também gera efeitos. Efeitos de doença, de movimento, de angustia, de paralisia, de alegria, efeitos de limites, efeitos de contágio, efeitos de ser e estar corpo.

Na experiência que vivenciei como trabalhadora do CAPS AD, sob um contexto de precarização trabalhista severa, somando-se às próprias dificuldades em se promover políticas e práticas de saúde no campo da saúde mental, especialmente no que se refere aos usuários de álcool e outras drogas, o lugar militante se presentifica para mim como um respiro, uma possibilidade de poder ver espaço para criação de estratégias, ferramentas e dispositivos. E se reconhecer nesse espaço só se faz possível na medida em que o lugar militante se dá no coletivo.

Procurei tanto evidenciar os efeitos da precarização dos processos de trabalho na saúde mental nos próprios trabalhadores, quanto dar destaque aos movimentos de

organização de trabalhadores, dentro e fora dos serviços, que por muitas vezes são tomados como atividades paralelas ou mesmo insignificantes.

Na discussão que proponho sobre o trabalho na terceira entrada, a prática aparece o tempo todo como inerente ao processo de formação e pesquisa. Para isso, trabalhamos o corpo como um instrumento de ampliação da percepção/ afetação dessa experiência.

Na experiência da vida como obra de arte as curvas da dobra estão presentes nesse retorno sobre si mesmo, que visa não à construção de identidade, mas o desvio do que se é para ser um outro. Não há, portanto, um modelo a ser atingido, uma forma perfeita, mas a possibilidade de um exercício da liberdade na composição de um estilo de vida.

Dobra que desloca; dobra que resiste. A estética da existência é uma forma de resistência aos poderes que procuram instituir uma vida normalizada. Ela é a dobra no sentido de ser o outro lado que se opõe e que realiza um confronto, procurando abrir uma fenda para novas possibilidades.

Quando falo sobre a experiência do CAPS AD, o trabalho com o corpo proposto não estava no conjunto, digamos, atual (possível) com que a equipe trabalhava. Naquele momento, não era ainda um vetor possível, portanto. Ao introduzi-lo, busco na potência virtual, fora do conjunto do possível (dado), uma alternativa; atualiza-se um possível, ou seja, *cria* um novo possível, mais uma alternativa às respostas de múltipla escolha.

Voltar a possibilitar, criar as possibilidades, é mais do que realizar o possível, digamos assim. Por que as equipes estão, em todos os lugares, tão esgotadas? Não é o que escutamos, com frequência, as pessoas nos dizem: “nós fazemos o possível”.

Sejamos realistas, tentemos o impossível!

Nas situações de trabalho, fazer apelo ao impossível não significaria pôr-se na posição de assumir uma sobreimplicação que nos faz adoecer, mas tão somente, nos permite nos aproximarmos deste plano do virtual em que as possibilidades são geradas.

Esse foi o convite.

Faço outro convite ao longo da maior parte da dissertação. Um convite ao movimento, à leitura movimentada. Faço um ensaio de leitura dançada.

Ensaio de Leitura Vibrátil

- ❖ Como está seu corpo agora? Como você o sente?
- ❖ Tome um tempo para respirar e prestar atenção na sua respiração.
- ❖ Qual a velocidade da sua respiração?
- ❖ Crie um outro movimento de respiração.
- ❖ Qual a sensação de seu corpo agora?
- ❖ Tome um tempo para parar e reparar no seu corpo agora. O que você sente?
- ❖ Como é sentir um texto?
- ❖ Como é seu corpo em trabalho de sentir?
- ❖ O que você pode escutar em seu corpo agora?
- ❖ O que no seu corpo trabalha?
- ❖ A escuta do corpo lhe espantou?
- ❖ A dança do movimento do seu corpo. Se escuta?
- ❖ Feche os olhos. Encontre uma posição que te seja confortável. Ouça a música.
Onde te toca? Te toca?
- ❖ Na dança do corpo, quais os seus gestos?
- ❖ Experimente um gesto duro.
- ❖ Experimente o mesmo gesto de outro modo.
- ❖ Como foi sua experiência com os gestos?
- ❖ Experimente um gesto reto.
- ❖ Como fazer curvas nesse gesto?
- ❖ O que você sente nestes seus gestos curvos?
- ❖ Qual o espaço do seu corpo agora?
- ❖ Há um espaço que se abre em seu corpo?
- ❖ Esse espaço aberto faz fronteira?
- ❖ Há algo nos gestos que você faz agora que lhe seja difícil de se dizer?
- ❖ Em qual estado seu corpo se encontra agora?
- ❖ É possível distinguir as fronteiras deste espaço de corpo aberto?
- ❖ Experimente dançar nesse espaço
- ❖ Como transitar por este espaço? O que você vê? O que você sente? O que você imagina?
- ❖ O que lhe chama atenção?
- ❖ Seguindo na dança pelo espaço, toque-o.

- ❖ No que o seu gesto, a sua dança no espaço, faz diferença? Muda o ar? Muda a sombra? Muda a textura?
- ❖ Como está seu corpo agora? Dá vontade de parar? De continuar?
- ❖ Como cuidar dessa vontade sentida de parar ou continuar?
- ❖ O que você sente ao ler até aqui?
- ❖ Experimente um movimento novo ou continue como desejar.
- ❖ Quais as forças que se oferecem como limitadoras de seus movimentos agora?
- ❖ É possível descobrir um meio de atravessar essa limitação?
- ❖ Pare de fazer o que está fazendo. Sinta seu corpo agora. É possível sentir o trabalho até aqui? Como?
- ❖ Seu corpo se cansa? Como cuidar disso?
- ❖ Como você cuida do que sente?
- ❖ O que você sente ao ler até aqui? Vem algum pensamento, alguma imagem, alguma memória, algum cheiro, o que vem?
- ❖ Depois dessa experiência, o que ficou?

Essa foi uma proposta inspirada nas oportunidades que tive ao longo do período do mestrado de debater e apresentar minha pesquisa, meu texto, minhas questões em espaços, sobretudo os acadêmicos. Senti como necessária a realização de alguma atividade sensibilizadora antes de qualquer coisa. Criar um espaço intensivo, mesmo que por alguns instantes, suspender o tempo corrido de uma aula e poder recolher seus efeitos, foram propostas que fui sentindo necessidade de fazer. Trazer o corpo presente, vivo.

Nesse ensaio para uma leitura vibrátil, tento invocar as sensibilidades e vibratilidades do corpo, desafiando-o a se perceber enquanto lê.

Ao ir experimentando estas notas de rodapé, fui descobrindo um dispositivo sensível vibrátil que quando disposto todo em sequência, assim como acabo de fazer acima, pode se tornar uma oficina corporal.

Interessa? Não sei. Há usos possíveis.

O que mais me interessa, é poder experimentá-lo aqui, agora, no imediato da leitura. E depois de experimentá-lo, faço mais um convite. Acompanhar-me no movimento da quarta entrada da dissertação, a qual segue as curvas que se abriram na coluna vertebral da pesquisa.

Sustentar a dimensão micropolítica contida nessas práticas, as visibiliza como forças de manutenção, criação e re-criação necessárias ao SUS a cada momento. São essas forças que mantêm o SUS funcionando, numa outra lógica, que é relacional, estética, sensível e corpórea. E é evidenciando as reinvenções de trabalho, subjetivo coletivo, na ponta e com a ponta, que encontraremos linhas possíveis de resistir, re-existir. Uma curva no SUS e em algumas linhas que escolhemos derivar dele, estão também contidas na quarta entrada.

Escolhi trazer para discussão outras entradas possíveis para articularmos ao campo da formação em saúde e em saúde mental: a aposta de fazer vibrar e nos desviar da tendência a formar a partir de uma lógica que reproduz a lógica escolar, iluminista, disciplinar e cindida a qual acaba por sobrecodificar qualquer experiência, fechando-a num circuito racionalizado.

A aproximação de outros interlocutores me permitiu encontrar a possibilidade de afirmar outras experiências de formação. Nestas encontramos desdobramentos e elaborações de estudos do e a partir do corpo e do movimento como dispositivo de conhecimento e produção de saber, o corpo e seus saberes.

Nosso diálogo se abre com as ferramentas da Análise Institucional e da Filosofia da Diferença. Além disso, me amparo em uma reaproximação das formulações de Paulo Freire ao abordar o papel do trabalhador social no processo de mudança. É preciso olhar para essa proposta através de um AD-MIRAR, olhar de dentro, penetrando por dentro aquilo que justamente nos faz ver, através de uma análise crítica destas ideias de papel, de trabalhador social, de processo, de mudança, nos múltiplos atravessamentos que estas podem experimentar.

Através de minhas próprias experiências como profissional de saúde pública, junto às impressões dos profissionais com quem trago para perto desta pesquisa, as políticas públicas estatais de Educação na Saúde e Educação Permanente não atingem com frequência àqueles que estão na ponta dos serviços. Trata-se então, de apostar nesses dispositivos de práticas corporais e relacionais enquanto um feixe de resistência às linhas duras que atravessam esse campo e que são geradas na experiência cotidiana de trabalho.

Diante das inúmeras compreensões e utilizações possíveis da palavra conscientização, dando força a processos por vezes camuflados de potencial aprisionador, servindo aos interesses hegemônicos, acredito que podemos pensar na

conscientização com Paulo Freire e Angel Vianna como uma “escutação” e desenvolvi essas ideias em parte da terceira entrada.

O que busco, então, é propor uma atenção ao corpo, uma escuta, que não tem a ver com a consciência dos limites desse corpo. A expressão “consciência do corpo” pode dar a entender algo mais próximo a uma busca de uma verdade sobre o corpo. Falo da escuta de um corpo cujas possibilidades são infinitas, as quais não podem ser mensuradas ou pré-conhecidas, mas sim, podem ser experimentadas, vividas, presentificadas.

Sabemos dos desafios de implementação de uma política pública, ainda mais apostando na co-responsabilidade na produção de saúde e de sujeitos, como está baseado o SUS. A Humanização aparece então como eixo articulador de todas as práticas em saúde, na medida em que há sempre um aspecto subjetivo presente em qualquer ação humana, sendo determinante podermos problematizá-los ao experimentá-los.

A Humanização é uma política e não um programa. A Reforma Psiquiátrica, por sua vez, não se configura apenas como uma reforma de serviços psiquiátricos, uma reforma da assistência psiquiátrica implicando uma reforma administrativa, funcional e organizacional. Em hipótese alguma direi que não seja absolutamente necessária uma reforma radical do modelo de assistência psiquiátrica, mas é importante concebê-la como um desdobramento e como consequência de uma concepção muito mais ampla de reforma psiquiátrica.

Trabalho não precisa significar submissão a organizações autoritárias e verticalizadas. Trabalho é prática. Prática constitui o trabalho como produto de formas de se relacionar com as situações na história e no tempo (Barros, 2014). Optei abordar o trabalho em saúde mental pelos processos de trabalho, entendendo que estamos diante de um engajamento do corpo na sua infinita capacidade de relação com o mundo nesses processos.

O trabalho em saúde nos confronta o tempo todo com jogos de verdades produzidas e nesses jogos é que nos diferenciamos. São lutas de reafirmação da vida. A cada encontro com um usuário, a cada entrada num serviço, a cada telefonema, a cada prática de grupo, a cada discussão de caso, a cada olhar que se troca nos corredores, a cada laudo, a cada momento em que você consegue parar para beber água, a cada momento e que você se desloca até uma sala sem luz para atender, a cada momento em que você precisa amparar um usuário em situação de urgência.

Tudo nos coloca em relação. O cuidado, a saúde, a clínica são práticas de relação, pautadas sim por dimensões mais endurecidas, de técnicas rígidas e protocolos fechados. A realidade, as práticas, os indivíduos e coletivos estão sempre atravessados por linhas duras, mas também por linhas flexíveis. Estes diferentes vetores de forças convivem entre si, suas relações vão produzindo os diferentes modos de vida que podemos experimentar.

No campo de construção de formas de trabalhar compatíveis com nossa potência vital inventiva, indicamos a importância em se promover uma análise cuidadosa do processo e das relações de trabalho, mais especificamente a relação entre trabalhadores. Pensar em gestão do trabalho não precisa estar apenas se referindo à organização, mas sim, poder incluir também o que se passa entre os **vetores-dobras** que constituem os processos de trabalho, na clínica, no cotidiano das relações.

E é importante firmar que há sempre modos de gestão informal. Assim é como vejo o trabalho no CAPS AD. Uma experiência de gestão informal horizontal. No movimento de ocupação OcupaSUS RJ, a horizontalidade era também uma marca. Práticas que surgem para regular o que surge de surpresa. Esse é o movimento vital.

O cuidado em saúde é tido como atividade de trabalho. Cuidado nos remete sempre a uma dimensão do comum e sendo assim, o cuidado é sempre uma construção coletiva. Como desenvolver processos de trabalho em saúde como uma ética do cuidado nas ações também de saúde?

Falar da precarização do trabalho atravessando as quatro entradas da pesquisa, implica em incluir a realidade subjetiva vivida pelos trabalhadores, condição de produção de subjetividade na qual as perdas de garantias, de direitos, de proteção, provocam desestabilizações nas condições materiais e subjetivas dos trabalhadores.

Expus argumentos que nos permitem afirmar que a nova forma de acumulação neoliberal cria um desemprego estrutural e dessa forma, tanto os que não têm emprego como aqueles que o têm, estão sujeitos a sofrimento. A ameaça da demissão ronda a cabeça daqueles que permaneceram empregados. Os gestores por sua vez, passam a utilizar-se dessa possibilidade como modo de administração vidas, gerando um ambiente cuja pressão é frequente.

Então, diante do imobilismo nos processos de trabalho em saúde, ofereço essa aposta nas práticas sensíveis entre trabalhadores sociais da saúde mental por acreditar serem estar um modo possível de conduzir os trabalhadores a se apropriarem ativamente

sobre o próprio trabalho, sobre o processo de trabalho, sobre suas políticas. Práticas de trabalho.

Assim, encontramos abertura para uma reconstrução coletiva do trabalho, podendo questionar nossas imobilidades nas práticas, nas técnicas, nos conceitos, problematizando as mobilidades e imobilidades desses corpos trabalhadores precarizados. Aqui, práticas de cuidado, através destes espaços de formação permanente sensível que trago nessa pesquisa, abrem linhas interessantes para uma cartografia da ética do cuidado em saúde, pensando o cuidado como prática de liberdade (Foucault, 2004). Portanto, ao produzirmos essa curva no campo do trabalho, desviando-o do lugar comum, produzimos um trabalho comum.

Assim, sigo trilhando caminhos para pensarmos na formação de trabalhadores sociais pelos saberes do corpo, entendendo a mesma como um acontecimento. Sabemos que o campo da formação é atravessado pelos processos administrativos que estão vinculados a organização institucional, a qual, por sua vez, investe em um saber-repetição, padronizado. Reivindico aqui um lugar para o saber da experiência, e escolho desenvolver sobre o corpo-dispositivo como operador deste saber e desencadeando também um cuidado.

Nesse espaço de conversas, conversações e confrontações que pode ser uma reunião de equipe, acredito na potência de intensificação de uma conversa que vai criando caminhos, criando um plano intensivo, de forma que possam ser promovidas intervenções que abram para uma virtualização da experiência. O cotidiano alimenta esse espaço de reunião.

É preciso sustentar essa abertura, a possibilidade de abrir espaços-tempo em que se possam experimentar as aberturas, sem demarcar necessariamente caminhos.

Se esses corpos irão resistir, re-existir, se irão produzir outras coisas, qual a natureza dessa produção, não é possível prever de antemão, mas faz-se importante recolher seus efeitos. Tomar mais uma vez o tempo de parar e reparar, olhando para o jogo forças, para as sensações, os afetos, os fluxos. Produzindo movimentos de pensamento, trago os saberes dos trabalhadores junto comigo, introduzindo sua concretude, sua potência, suas aberturas.

As oficinas de práticas corporais se assumiram como uma ação pública de formação e cuidado dos trabalhadores sociais, que serviu para consolidar e poder encarnar outra forma de acesso às experiências de trabalho. A precarização do trabalho tem efeitos na subjetividade e nas relações; formação pode ser formatação,

racionalização, imobilismo, individualização que restringem as curvas; em uma proposta alternativa, Formar é cuidar, cuidar é formar.

“A esquizoanálise tem um único objetivo, que a máquina revolucionária, a máquina artística, a máquina analítica se tornem peças e engrenagens umas das outras.” (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p.36)

Nesse caminho esquizo de articulações maquínicas que nos sugere Deleuze e Guattari, apostei a construção dessa pesquisa. Para concluir, tenho certeza de que essa dissertação, apesar de longa, é um início de percurso de pesquisa. Os efeitos nos corpos, nas práticas e nos campos foram abordados, apontando-nos caminhos de formação permanente sensível. Sigamos. Com corpo, no corpo, em corpo.

Quase todos os dias eu monto

Alguma coisa que não sou eu

Instantes de mim

Num pulso temporal

Momentos

Um

E outro

E outro

E outro

E

...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? *Outra Travessia*, Florianópolis, n. 5, p. 9-16, jan. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

_____. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

AGUIAR, K. F.; ROCHA, M. L. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. *Psicologia: ciência e profissão*, n. 4, p. 648-663, 2007.

AGUIAR, K. Prefácio. In: GIVIGI, L.R.P. (Org.) *Criando outros possíveis: psicologia e políticas públicas de educação na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Luminária Academia, 2017, p.11-18.

BARROS, M. E. B.; PIMENTEL, E. H. C. Políticas públicas e a construção do comum: interrogando práticas Psi. *Revista Polis e Psique*, vol. 2, n.2, p. 3-22, 2012.

BARROS, M. E. B. Gestão, processos de trabalho em saúde e produção de subjetividade: da servidão à liberdade. In: Da Silva Junior, A. G.; RAMOS, V. C.; DAMASCENO, V. (Org.). *Semiótica, afecção e cuidado em saúde*. Niterói: Editora da UFF, 2014. p. 127-146.

BARROS M. E; BENEVIDES, R. A potência formativa do trabalho em equipe no campo da saúde. In: Pinheiro R, Barros E, Mattos, R. (Editores). *Trabalho em equipe sob o eixo da integralidade: valores, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ/ABRASCO; 2007, p.75-84.

BENEVIDES, R.; PASSOS, E. Verbete Humanização. In: Observatório dos Técnicos em Saúde da Fiocruz, *Dicionário da Educação Profissional em Saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV/MS-OPAS, 2006.

BORGES, H. *Sobre o movimento: o corpo e a clínica*. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. 2009a.

_____. O trabalho de Angel Vianna como campo do possível. In: SALDANHA, S. (org.). *Angel Vianna: sistema, método ou técnica?* Rio de Janeiro: Funarte, pp. 36-38. 2009b.

BOVE, L. Espinosa e a Psicologia Social: ensaios de ontologia política e antropogênese. Belo Horizonte. Autêntica Editora. *Intervenções Democráticas*. v.1. 2010.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Política Nacional de Humanização*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004a. Disponível em: <<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizaSus.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. *Política de educação e desenvolvimento para o SUS: caminhos para a educação permanente em saúde: pólos de educação permanente em saúde* / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004b.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *II Caderno de educação popular em saúde* / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 224p. Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/2_caderno_educacao_popular_saude.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2018.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio. Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CARVALHO, Y. M.; NETO, J.F.L. A Atividade Física e as Práticas Corporais: uma perspectiva micropolítica. In: KASTRUP, V.; MACHADO, A. M. (Org.). *Movimentos micropolíticos em saúde, formação e reabilitação*. 1. ed. Curitiba: Ed. CRV, 2016.

DAROS, R. Implicâncias e implicações de uma trabalhadora social: a participação social do PAC Favelas-RJ em análise / Tese de Doutorado.UFF. 2016.

DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? In: *Michel Foucault, filósofo*. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161. Disponível em: <<http://escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

_____, G. *Conversações*. Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo. Ed. 34. 1997.

_____, G. *Espinosa: filosofia prática*. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

_____, G. Sobre o teatro: um manifesto a menos/O Esgotado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2010.

_____, G. Como construir para si um corpo sem órgãos? In: Deleuze, G. e Guattari, F. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. 2. ed. vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 11-34.

_____, G. *Foucault / Deleuze*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Conversações*. São Paulo. Ed. 34. 1997.

_____. *O que é a Filosofia?* 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Trad. José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2004.

DERRIDA, J. *O animal que logo sou*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DIDI-HUBERMAN, G. *Que emoção! Que emoção?* 1. ed. S. Paulo: Editora 34, 2016, 72 p. (Coleção Fábula)

ESPINOZA, B. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2014.

EUGENIO, F.; FIADEIRO, J. *O encontro é uma ferida*. Excerto da conferência-performance Secalharidade de Fernanda Eugenio e João Fiadeiro. Lisboa: Culturgest, jun. 2012. Não paginado.

FEITOSA, M.T. Experiências em Eutonia – interfaces de contato / Maria Thereza Frota Leão Feitosa. 2014.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da liberdade: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Ed. Moraes, 1980.

_____, P. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

- FOUCAULT, M. *História da sexualidade II: o uso dos saberes*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- _____, M. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- _____, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- _____, M. *Polêmica, política e problematizações*. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 225-233.
- _____, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. (Edição bilíngue). São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- GUATTARI, F. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GIL, J. *Movimento Total: o corpo e a dança*. Trad. Miguel Serras Pereira. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- _____. Abrir o corpo. In: FONSECA, T. M. G.; ENGELMAN, S. (Org.). *Corpo, arte e clínica*. (Coleção Conexões Psi). Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004, p. 13-28.
- HARDT, M.; NEGRI, A. De singularite 1. Possuído pelo amor. In: HARDT, M.; NEGRI, A. *Bem-estar comum*. Rio de Janeiro: Record, 2016. p. 203-212.
- _____. Intermezzo: uma força para combater o mal. In: HARDT, M.; NEGRI, A. *Bem-estar comum*. Rio de Janeiro: Record, 2016. p. 213-223.
- DIDI-HUBERMAN, G. *Que emoção! Que emoção?* (Coleção Fábula). 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016, 72 p.
- KASPER, K. M. Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo? *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 199-213, set./dez, 2009.
- LANCETTI, A. *A Clínica Peripatética*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.
- LANCMAN, S, USHIDA, S. Trabalho e subjetividade: o olhar da Psicodinâmica do Trabalho *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2003, vol. 6, pp. 79-90.
- LAPOUJADE, D. Os movimentos aberrantes. In: LAPOUJADE, D. *Os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 Edições, 2016. p. 9-24.
- LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre a experiência*. 1. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- _____. O ensaio e a escrita acadêmica. In: CALLAI, C.; RIBETTO, A. (Org.). *Uma escrita acadêmica outra: Ensaio, experiências e invenções*. Rio de Janeiro: Lamparina ed., 2016, p. 17-30.
- MALUF, A. P. *Experiências sensíveis no fazer clínico: cuidado de si, cuidado do outro, quanto outros cabem em mim?* Monografia de Pós-Graduação em Terapia Através do Movimento, Corpo e Subjetivação – Faculdade Angel Vianna, R. Janeiro, 2015.

- MARTINS FILHO, M. T.; NARVAI, P. C. O sujeito implicado e a produção de conhecimento científico. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 99, p. 646-654, out/dez, 2013.
- MERHY, E. E. *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. (Col. Saúde em Debate, 145). 3. ed. S. Paulo: Hucitec. 2002.
- MERHY, E. E. Perspectivas atuais do SUS e o Agir tecnológico do Trabalhador como um Ato ético-Político. *Serviço Social & Saúde*, Campinas, v. 3, n. 3, p. 1-94, Maio, 2004.
- MERHY, E. E. O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio de reconhecê-lo como saber válido. In: FRANCO, T. B.; PERES, M. A. A. (Org.). *Acolher Chapecó. Uma experiência de mudança do modelo assistencial, com base no processo de trabalho*. v. 1. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 21-45. Disponível em: <www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/capitulos-02.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2018.
- MERHY, E. E. et al. Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde. *Divulgação em Saúde para debate*. Rio de Janeiro: n. 52, out, 2014.
- NEGRI, A. “Para uma definição ontológica de multidão”. *Revista Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, n. 19-20, janeiro-junho, 2004.
- OLIVEIRA, F. et al. Psicologia Comunitária e Educação Libertadora. *Psicologia: Teoria e Prática (online)*. São Paulo, v. 10, n. 2, p. 147-161, dez, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872008000200012>. Acesso em: 20 mai. 2018.
- PASSOS, E; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PASSOS, E. e BENEVIDES, R. A Construção do Plano da Clínica e o Conceito de Transdisciplinaridade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 16, n. 1, p. 071-079, Jan-Abr., 2000.
- PEIXOTO Jr., C. A. Permanecendo no próprio ser: a potência de corpos e afetos em Espinosa. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF (Impresso)*, v. 21, p. 371-386, 2009.
- PELBART, P. P. *Vida e Morte em contexto de dominação biopolítica*. (Ciclo "O Fundamentalismo em questão). São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da USP, 2008,
- _____, P. P. Poder sobre a vida, potência de vida. In: PELBART, P. P. *Vida Capital*. S. Paulo: Iluminuras, 2011, p. 19-27.
- PESSOA, F. *Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Org.: Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras (*Companhia de Bolso*), 2008.
- RANCIERE, J. *O espectador emancipado*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- REIS, E. S. *De corpos e afetos: transferências e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro. Contracapa Livraria, 2004.
- RESENDE, C. O que pode um corpo? O método Angel Vianna de conscientização do movimento como um instrumento terapêutico. *Physis (online)*, vol. 18, n.3, p. 563-574, 2008a.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v18n3/v18n3a11.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

_____. *Saúde e corpo em movimento: contribuições para uma formalização teórica e prática do método Angel Vianna de Conscientização do Movimento como um instrumento terapêutico*. Dissertação de Mestrado – Instituto de Estudos em Saúde Coletiva/UFRJ, Rio de Janeiro, 2008b

_____. *Escutar com o corpo: a experiência sensível entre dança, poesia e clínica*. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia/UFF. Niterói, 2013.

RESENDE, C.; CAETANO, P.; TORRALBA, R. Micropolítica do corpo e o devir-dançarina. *Polêmica*, v. 10, p. 551-562, 2011.

RESENDE, C. et al. Composições entre o ver, o dizer e o agir. *Fractal: Revista de Psicologia*, [S.l.], v. 29, n. 2, p. 135-142, ago. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5157/5011>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

RIBEIRO, R. S. *Sensorial do corpo: via régia ao inconsciente*. Niterói: Eduff, 2016.

ROCHA, M. L. A formação como acontecimento: solidão, pensamento e autogestão. In: Machado, A. M. e Rocha, M L. (Org.). *Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 37-48.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. S. Paulo, v.1, n.2, pp. 241-251. set./fev, 1993.

_____, S. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. (Org.). *Cultura e subjetividade. Saberes Nômades*. Campinas: Papyrus, 1997, p. 19-24.

_____, S. Subjetividade em obra: Lygia Clark, artista contemporânea. In: LINS, D.; GADELHA, S. (Org.) *Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo?* R. Janeiro: Relume Dumarã, 2002, p. 269-279.

_____, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

_____, S. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. Conferência proferida no simpósio: Corpo, Arte e Clínica (UFRGS, Instituto de Psicologia, Programa de Pós- Graduação em Psicologia Social e Institucional – Mestrado. Porto Alegre, 2003. Disponível em <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/falecomele.pdf>> Acesso em 07.08.2018.

_____, S. Entrevista concedida a Pedro Brito em 18 de novembro de 2010. *Revista Redobra*, Salvador, Laboratório Urbano do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, vol. 8., 2014. Disponível em: <<http://www.corpocidade.dan.ufba.br/redobra/numero/r8/trocas-8/>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

_____. A Hora da Micropolítica. In: *Caixa Pandemia de Cordéis*. N-1 Edições. São Paulo: 2016.

_____. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. N-1 Edições. São Paulo. 2018.

SALDANHA, S. (Org.). *Angel Vianna: sistema, método ou técnica?* Rio de Janeiro: Funarte, 2009.

SAFATLE, V. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2016.

SANDER, J. Corpo-dispositivo: cultura, subjetividade e criação artística. *ArtCultura*. Uberlândia, v. 13, n. 223, p. 129-142, jul.-dez, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/15129/8520>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

SILVA, S.; OLIVEIRA, A.; KAMIMURA, Q. Capacitação em Saúde Mental: entre a realidade e as ofertas do Ministério da Saúde. *Revista Eletrônica Sistemas & Gestão*. v. 9, n. 3, 2014, p. 406-416.

SILVA, E. B. Resenha. Educação. *Revista Brasileira de Educação*, R. Janeiro, n.14, mai./ago., 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000200016>. Acesso em: 20 mai. 2018.

STERN, D. *Diário de um bebê: o que seu filho vê, sente e vivencia*. Trad. Daise Batista). Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

_____. *O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana*. Trad. Celimar de Oliveira Lima. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TAVARES, G. M. E. fragmento. In: TAVARES, G. M. *Atlas do Corpo e da Imaginação: teoria, fragmentos e imagens*. Alfragide (Portugal): Caminho, 2013a, p. 25-44.

_____, G. M. O corpo na imaginação. In: TAVARES, G. M. *Atlas do Corpo e da Imaginação: teoria, fragmentos e imagens*. Alfragide (Portugal): Caminho, 2013b, p. 359-392.

VARGAS, E. R. *Experiência e produção de conhecimento: a afirmação do público na educação na saúde*. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia/UFF, 2015, 178 p.

Yasui, S. *Rupturas e encontros: desafios da reforma psiquiátrica brasileira*. Tese de Doutorado, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro. 2006.